

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Fernanda Santana de Avila

**NO FLUXO DA BATIDA: A CULTURA JUVENIL DO *FUNK*
CIRCULANDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA MARIA/RS**

**Santa Maria, RS
2016**

Fernanda Santana de Avila

**NO FLUXO DA BATIDA: A CULTURA JUVENIL DO *FUNK* CIRCULANDO EM
UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA MARIA/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Elisete Medianeira Tomazetti

Santa Maria, RS
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santana de Avila, Fernanda
NO FLUXO DA BATIDA: A CULTURA JUVENIL DO FUNK
CIRCULANDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA MARIA/RS /
Fernanda Santana de Avila.- 2016.
145 p.; 30 cm

Orientador: Elisete Medianeira Tomazetti
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2016

1. Estudos culturais 2. Culturas juvenis 3. Funk 4.
Ensino médio 5. Práticas escolares I. Medianeira
Tomazetti, Elisete II. Título.

© 2016

Todos os direitos autorais reservados a Fernanda Santana de Avila. A reprodução de partes ou todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Olavo Bilac, n.18, apto 403. Bairro Nossa Senhora de Fátima. Santa Maria/RS. CEP. 97015-440,

Fone: (55) 8166-2479.

E-mail: fernandacefdufsm@hotmail.com

Fernanda Santana de Avila

**NO FLUXO DA BATIDA: A CULTURA JUVENIL DO *FUNK* CIRCULANDO EM
UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA MARIA/RS**

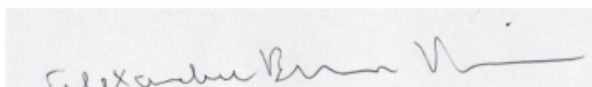
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Aprovado em 30 de agosto de 2016

Elisete Medianeira Tomazetti, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Márcia Lise Lunardi Lazzarin, Dra. (UFSM)

Luís Fernando Lazzarin, Dr. (UFSM)



Alexandre Barbosa Pereira, Dr. (UNIFESP)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha mãe Marisa e ao meu pai Fernando Olavo por todo apoio emocional e financeiro, durante toda minha trajetória acadêmica, e à minha orientadora Elisete por ter me acolhido, acreditado em mim e na minha projeção de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Durante o curso de mestrado tornei-me grata a inúmeras pessoas que direta ou indiretamente, próximas ou distantes, geograficamente, atravessaram de alguma maneira meu caminho acadêmico, angariando importância fundamental ao conceder o estímulo necessário para que eu conseguisse cumprir meus compromissos, além de imbuir meu intelecto com conceitos e perspectivas que me auxiliaram a construir minha identidade peculiar enquanto pesquisadora. Sendo assim, sou eternamente grata:

Aos amigos e colegas Rebeca Ramos Paloma, Neyha Guedes Dariva e Paulo Roberto Segundo por todas as “cevas filosóficas” no Pinnus Bar, como forma de dar continuidade aos debates iniciados nas aulas.

À professora e amiga Claudia Cisiane Benetti por todo apoio emocional, carinho e amizade, cedidos nos momentos em que mais precisei.

À minha orientadora Elisete Medianeira Tomazetti por toda compreensão, tranquilidade e estímulo para que eu continuasse no curso, apesar dos imprevistos.

Aos colegas do Grupo de Estudo Filosofia, Cultura e Ensino Médio (FILJEM) por apoiarem a minha pesquisa. Em especial agradeço aos meus queridos “filósofos” Atila Macedo Maia, Sandra Isabel da Silva Fontoura, Jefferson Luquini, Paulo Roberto Segundo e Neyha Guedes Dariva.

À minha ex companheira Yasmin Freitas Abrantes por toda compreensão e carinho concedido ao longo de grande parte do processo e, também, por toda a paciência em escutar a leitura de cada capítulo produzido.

Às minhas amigas Aline de Souza Caramês, Débora Pinheiro Machado e Andressa Falcade por me incentivarem a seguir em frente, independente das adversidades apresentadas.

Às rodas de Capoeira do meu Grupo, Associação de Capoeira Oxossi/SM, que contribuíram para que elaboração desta dissertação se tornasse menos maçante.

Ao companheirismo do meu cachorrinho “Salvador” ao longo dos infinitos dias de estudo e noites de solidão, distantes da família.

À CAPES pelo financiamento da pesquisa, ao longo do último ano do curso.

Finalizando, agradeço incondicionalmente ao meu pai e à minha mãe por absolutamente tudo! Maiormente pelo apoio emocional e financeiro conferido para que eu pudesse estudar longe de casa, pela liberdade concedida e pelo respeito às minhas escolhas.

Amo tod@s vocês! Axé, camaradas!

[...] escrever é um trabalho intelectual que tem como sua razão de ser, por singular sentido ético e político, modificar constante e continuamente o próprio pensamento e permitir nos seus leitores um exercício semelhante sobre si de desprendimento e transformação do seu pensamento, sem fixar os caminhos ou sentidos que o pensamento mesmo determinará para si.

(Walter Omar Kohan)

RESUMO

NO FLUXO DA BATIDA: A CULTURA JUVENIL DO *FUNK* CIRCULANDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA MARIA/RS

AUTORA: Fernanda Santana de Avila

ORIENTADORA: Elisete Medianeira Tomazetti

A presente dissertação pertence ao PPGE/UFSM, situando-se na Linha de Pesquisa 2- Práticas Escolares e Políticas Públicas. A pesquisa realizou uma interface entre estudos sobre Juventudes; Culturas Juvenis; Cultura Escolar; Práticas Escolares e Ensino Médio, dando centralidade à Cultura Juvenil do *Funk*. Buscando inspiração na perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais e no exercício analítico de discurso, se pretendeu analisar o modo como a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado uma escola pública de Santa Maria/RS. A pesquisa realizou-se, em caráter inicial, em escola pública específica, através de observações e de aplicação de questionário acerca do gosto musical dos/as estudantes, com vistas a selecionar os sujeitos que fariam parte da pesquisa. Após a seleção dos/as jovens que se relacionavam de algum modo com o *Funk*, realizou-se entrevista individual semiestruturada com seis jovens do Ensino Médio, com três professores/as, representantes da área curricular de Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza, além da docente da disciplina de Seminário Integrado e da representante da Coordenação Pedagógica. Igualmente, como parte da materialidade da pesquisa, foi realizada entrada em campo em seis festas noturnas da cidade para identificar como a Cultura Juvenil em questão circula pelo município. Os resultados indicam que a Juventude entrevistada possui vinculações de pertencimento ao *Funk* a partir dos elementos: ritmo/batida, dança, vestimenta e representações específicas nos cliques e discursos das letras. Já os preconceitos da sociedade, advêm do não reconhecimento do *Funk* como manifestação cultural, da associação do consumo às classes populares, do uso das vestimentas associadas às Juventudes marginais e do conteúdo erótico das letras. Quanto ao modo como circula pela cidade, o *Funk* é sinônimo de diversão, pois acolhe e promove o entretenimento de diversas Juventudes; de mercado, porque além do mercado formal de festas também movimenta a economia familiar periférica, através das junções informais realizadas e, por fim; de ladaia, uma vez que faz emergir diversas confusões envolvendo bondes rivais da cidade. Quanto à circulação da Cultura Juvenil do *Funk* em âmbito escolar, foram identificados espaços e formas plurais. Sobretudo, o pátio, o recreio e a sala de aula tem sido invadidos pela tecnologia dos dispositivos móveis, que por sua vez, garantem o fluxo individual ou coletivo de fruição da cultura. Esta Cultura Juvenil afronta a Cultura Escolar existente, pois representa o conflito entre o usufruto de um tipo específico de cultura e não outro, de certas preferências musicais e não outras, do uso de algumas vestimentas e não outras, a utilização de certas danças e não outras e etc. Em contrapartida, alguns docentes têm feito o exercício de se apropriar de alguns elementos do *Funk* para utilizá-los em suas práticas de ensino. As disciplinas de Português, Educação Física, Arte e Inglês já realizaram esse movimento através da utilização de paródias envolvendo o conteúdo, de atividades rítmico expressivas e da tradução de letras de músicas para o idioma inglês. Já a disciplina de História se apropriou de discursos contidos nas letras para tematizar assuntos atuais, relacionando-os à disciplina.

Palavras-chave: Estudos culturais. Culturas juvenis. *Funk*. Ensino médio. Práticas escolares.

ABSTRACT

THE BEAT OF FLOW: CULTURE YOUTH FUNK AROUND IN A PUBLIC SCHOOL SANTA MARIA / RS

AUTHOR: Fernanda Santana de Avila
ADIVISOR: Elisete Medianeira Tomazetti

This work belongs to PPGE/UFSM, standing in the Research Line 2- School and Public Policy Practice. The research proposed to hold an interface between studies on Youth; Youth Cultures; School culture; School practices and high school, giving centrality to youth culture of Funk. Seeking inspiration in the theoretical and methodological perspective of Cultural Studies and analytical exercise of speech, it was intended to examine how the Youth Culture of Funk, produced / consumed in non-school spaces, has circulated a public school in Santa Maria / RS. The survey was conducted in early character, in particular public school, through observation and questionnaire about the musical taste of / the students, in order to select the subjects that would be part of the research. After the selection of / the young people who are related in some way to the Funk, held individual semistructured interviews with six young high school with three teachers / the representatives of the curriculum area Languages, Social Sciences and Natural Sciences, in addition to teaching the Integrated Seminar discipline and representative of the pedagogical coordination. Also, as part of the materiality of research, entry was made in the field in six city night parties to identify how youth culture in question circulated by the municipality. The results indicate that the youth belonging bindings interviewed with Funk are traversed by the elements: rhythm / beat, dance, dress and specific representations in the clips and speeches of letters. Already the prejudices of society, come from the non-recognition of Funk as a cultural manifestation, the consumer association of the popular classes, the use of clothing associated with marginal youths and erotic content of the letters. As to how circulating in the city, Funk is synonymous with fun, it welcomes and promotes entertainment several youths; market, because in addition to the formal market parties also moves the peripheral household economy, through held informal joints and finally; of ladaia once it brings out several confusions involving trams city rivals. The movement of Funk Youth Culture in the school environment, spaces and plural forms were identified. Above all, the yard, the playground and the classroom has been invaded by the technology of mobile devices, which in turn, guarantee the individual flow or collective enjoyment of culture. This Youth Culture affront to existing School Culture, as is the conflict between the enjoyment of a particular type of culture and not others, certain musical preferences and not others, the use of some clothes and not others, the use of certain dances and not other etc. In contrast, some teachers have done the exercise to appropriate some funk elements to use them in their teaching practices. Portuguese the disciplines, physical education, art and English have already made this movement through the use of skits involving content, expressive rhythmic activities and translation of lyrics into English. Already the discipline of history has appropriated discourses contained in letters to thematize current issues and relate them to the discipline.

Keywords: Cultural studies. Youth cultures. Funk. High school. School practices.

SUMÁRIO

1	NO FLOW DOS ARRANJOS TEÓRICOS: ORGANIZANDO O PENSAMENTO E INTRODUZINDO OS PRESSUPOSTOS	17
1.1	POR QUE A GURIZADA DO BONDE E A CULTURA DA QUEBRADA? O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO? MOTIVAÇÕES E A RELEVÂNCIA DA PESQUISA	23
2	METODOLOGIA	29
2.1	ESTUDOS CULTURAIS: MATRIZ TEÓRICA CIRCULANTE E INTERDISCIPLINAR	30
2.1.1	Estudos Culturais: metodologia flexível	33
2.2	ANÁLISE DE DISCURSO: INSPIRAÇÕES <i>FOUCAULTIANAS</i>	35
2.3	CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA	38
2.3.1	Primeiros Movimentos	39
2.3.2	Segundos Movimentos	40
2.3.3	Terceiros Movimentos	43
2.3.4	Quartos Movimentos	44
2.4	SUJEITOS DA PESQUISA: JOVENS ESTUDANTES E PROFESSORES/AS DO ENSINO MÉDIO	47
2.4.1	Jovens <i>Funkeiros</i> da Escola: perfis socioeducacionais	47
2.4.2	Professoras e Professor representantes de cada área dispostos a participar do baile	51
3	VAI COMEÇAR A OUSADIA: MENTALIZA NA BATIDA E DEIXA A DISCUSSÃO DOS DADOS TE LEVAR	55
3.1	DESAFIO, TENSÃO E RENOVAÇÃO: REPRESENTAÇÕES ASSOCIADAS AO TRABALHO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO	55
3.2	MUNDO <i>FUNK</i> : DIFERENTES PERTENCIMENTOS X DIFERENTES PRECONCEITOS	58
3.3	O <i>FUNK</i> CIRCULANDO PELA CIDADE: “DANDO UMA BANDA COMO DIVERSÃO, MERCADO E LADAIA”	70
3.4	O <i>FUNK</i> CIRCULANDO EM TERRITÓRIO ESCOLAR	85
3.4.1	Tecnologia garantindo o fluxo para pequenos grupos no recreio, no pátio e na sala de aula. Mas, e a rádio escola?	86
3.4.2	Cultura Escolar x Cultura Juvenil do Funk: tentando acertar o passo	90
3.5	CULTURA JUVENIL DO <i>FUNK</i> CIRCULANDO NA ESCOLA: EFEITOS SOBRE AS PRÁTICAS ESCOLARES E PRÁTICAS DE ENSINO	100
3.5.1	Efeitos da presença desta cultura em território escolar: Atrapalha ou não? De que forma?	100
3.5.2	Apropriação de elementos da Cultura Juvenil do <i>Funk</i> pelas disciplinas da área de Linguagens e de Ciências Humanas	106
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
	APÊNDICES	125
	APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO	127
	APÊNDICE B – DIÁRIOS DE CAMPO	129
	APÊNDICE C- ROTEIROS SEMIESTRUTURADOS PARA AS ENTREVISTAS	137
	APÊNDICE D- TERMO DE RESPONSABILIDADE	139
	APÊNDICE E – ORGANIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	141
	APÊNDICE F- CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA	143

1 NO *FLOW*¹ DOS ARRANJOS TEÓRICOS: ORGANIZANDO O PENSAMENTO E INTRODUZINDO OS PRESSUPOSTOS

A presente dissertação está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e encontra-se inserida na Linha de Pesquisa 2 (LP 2) - “Práticas Escolares e Políticas Públicas”, a partir da temática de pesquisa “Ensino Médio: currículo e culturas juvenis”. O estudo busca inspiração nas particularidades que envolvem o campo dos Estudos Culturais enquanto campo interdisciplinar de estudos organizado em torno da cultura² como conceito central, o qual possui a pretensão de repensar radicalmente a centralidade do cultural e a articulação entre os fatores materiais ou simbólicos na análise social contemporânea (HALL, 1997).

Do mesmo modo, inspira-se no exercício analítico de discurso como uma interpretação e/ou esclarecimento acerca das práticas sociais enunciadas a partir de discursos, os quais têm produzido sujeitos desse tempo (FOUCAULT, 2008). Através das perspectivas citadas, intenciona-se realizar uma aproximação entre temas que envolvem a Juventude como categoria plural, as Culturas Juvenis, a Cultura Escolar, as Práticas Escolares e o Ensino Médio, a partir do *Funk* e da gama de significações produzidas a partir dele. Nesse sentido, esta pesquisa foi construída de modo a delinear relações que possibilitem reflexões acerca destes temas, bem como suas alusões no processo social, histórico e educacional.

Considerando as escolhas teóricas realizadas, compreende-se que a sociedade contemporânea é atravessada por notáveis modificações, as quais repercutem nos campos social, econômico, cultural e tecnológico. Essa oscilação, movida pelas mudanças enfrentadas, reverbera na construção de novas condutas e de novos modos de se relacionar entre jovens de escolas brasileiras urbanas, o que resulta, também, em modificações nos perfis d@s³ estudantes. Dentre os novos comportamentos, a maneira como são envolvidos pelos diferentes tipos de tecnologias e/ou mídias, os quais promovem o compartilhamento dos mais variados conteúdos, ganha ênfase na cena atual. Partindo desta realidade, compreende-se que diferentes Juventudes,

¹ Expressão advinda do idioma Inglês, utilizada como gíria por sujeitos do *rap* ou do *funk* para denotar o modo como estes inserem os versos produzidos na batida da música, isto é, como estes devem fluir na levada da melodia.

² Este trabalho considera o conceito de cultura compreendido a partir Hall (1997), cujo entendimento abarca o conceito enquanto o compartilhamento de símbolos e práticas sociais que expressam algum significado em um determinado grupo social. Tal compreensão denota a abrangência desta concepção, uma vez que não há restrições e/ou hierarquizações em termos de cultura.

³ Embora exista o desejo de atravessar este trabalho utilizando o símbolo @ para denotar o uso da linguagem inclusiva de gênero, já que seu emprego reconhece a importância da posição política de contribuir para a desconstrução da noção do masculino como absoluto e, principalmente, do sexismo estabelecido na linguagem, optou-se por utilizar a norma formal da escrita por se tratar de uma dissertação de mestrado e também para evitar o truncamento da leitura do texto.

isto é, diferentes modos de ser jovem, estão presentes nas escolas da atualidade e necessitam serem pensadas e estudadas.

Contudo, quais são as compreensões básicas que estudos que pretendem circular por essa temática e, sobretudo, aproximarem-se desta população específica, devem lançar mão? De acordo com Perondi (2013), os estudos sobre Juventude no Brasil, há cerca de quinze anos, vêm encarando paulatinas mutações, desde a utilização de seu conceito e até mesmo em sua aproximação com a esfera cultural, responsável pela produção de diferentes Juventudes. Assim sendo, compreende-se que o debate sobre o conceito começou a desenvolver o descolamento da representação de uma Juventude única, restrita e marcada pelo caráter etário, para o reconhecimento de uma Juventude construída em meio às diferentes culturas vivenciadas.

Nesse contexto, há quase vinte anos, Melucci (1997) começou a sinalizar para o fato de que a Juventude não podia mais se traduzir, meramente, em uma condição biológica, mas sim em uma condição cultural. A partir desta análise é, então, reafirmado que a Juventude constitui “uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas: uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 1993, p. 29). Deste modo, nesta dissertação, a categoria Juventude é compreendida a partir da ótica da diversidade que, por sua vez, considera as experiências vivenciadas pelos sujeitos jovens, produzindo formas de ser jovem para esse cenário contemporâneo, a partir de seus cotidianos.

Pretende-se, pois, estabelecer um recorte em meio às diversas Juventudes existentes e aproximar-se da Juventude do *Funk*, presente em uma escola pública específica. Este movimento deseja abrir espaço para o reconhecimento de uma entre as inúmeras Culturas Juvenis adjacentes às Juventudes contemporâneas, as quais emergem de determinados grupos. Todavia, como se apresenta de fato o conceito de Culturas Juvenis? Quais são os critérios utilizados para cunhar uma prática cultural como sendo pertencente ao universo juvenil? Será Cultura Juvenil qualquer cultura vivenciada por sujeitos jovens?

O hall de “crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostra de compartilhar [...]” (PAIS 1993, p. 23), correspondem às Culturas Juvenis. De acordo com o referido autor, a dimensão do cotidiano como palco para a apresentação das Culturas Juvenis extrapola a noção de se restringir a um lugar em que se realizam atividades repetitivas e rotineiras. Mais do que isso, possibilita a composição de um espaço propiciador de transformações e de inovações em termos culturais. Nesse sentido, o cotidiano é revelador das mais diversas práticas culturais, construídas e/ou ressignificadas, geralmente, durante o tempo livre dos jovens.

Destarte, o conceito de Culturas Juvenis advém da noção daquilo que é considerado cultura, sob um viés antropológico⁴, e complementa-se através da ação protagonista daqueles que vivenciam a condição juvenil. De acordo com esta perspectiva, do mesmo modo em que se destaca o reconhecimento das Juventudes ao invés de uma Juventude única e padronizada, o emprego da noção de Culturas Juvenis no plural possui a pretensão de destacar a variedade das mesmas, em detrimento do que, frequentemente, encontra-se na literatura, onde a expressão no singular “Cultura Juvenil” é privilegiada.

De acordo com Urteaga (2012) a construção juvenil da cultura está associada aos distintos espaços de interação juvenil, tecida pelos próprios jovens em meio à escola, a indústria do entretenimento, o bairro, a rua, a música, as festas, entre outros. Neste sentido, essas reflexões amparadas nos pressupostos e interesses dos Estudos Culturais, abrem o leque para se estudar as pluralidades culturais advindas dos mais distintos contextos sociais, históricos e econômicos. Portanto, a compreensão sobre Culturas Juvenis pode ser reconhecida através das manifestações produzidas em meio à cultura e compartilhadas entre os diferentes jovens.

Diante disso, admite-se a variedade de expressões juvenis produzidas e reinventadas, as quais engendram, continuamente, novas possibilidades, configurações, passíveis de serem identificadas e observadas. Estas, tais quais musicais, artísticas, culturais, sociais, políticas e etc. aproximam os diferentes jovens em função de suas identificações e preferências, envolvendo-os por meio da linguagem oral e corpórea e, também, da estética peculiar de cada cultura, de cada estilo (CARRANO; DAYRELL, 2013). Nessa perspectiva, como via de interesse do presente estudo, o convite à fruição da cultura também pode ser reconhecida através do movimento *Funk*, pois faz parte da rede de sociabilidade cultural juvenil da atualidade.

Tal rede, portanto, é atravessada por discursos que circulam nessas músicas, que, por sua vez, vêm acompanhados de representações específicas que sugerem modos de pensar, de ser e de estar no mundo social. Nesta dissertação toma-se emprestado o conceito de representação sob a ótica advinda do viés pós-estruturalista. Silva (2000) o concebe como um sistema de significação, isto é, como uma forma de atribuição de sentido a conjuntos de signos que possuem marca material. Desse modo, a representação consiste em um traço visível, exterior, dotado de significações que foram construídas socialmente.

Portanto, esta pesquisa se aproxima da Juventude do *Funk*, reconhecendo esta manifestação cultural como uma Cultura Juvenil, considerando que esta cultura é produzida por jovens e, sobretudo, para jovens, sendo identificada como um bom exemplo daquilo que

⁴ De acordo com o antropólogo Velho (1994) a cultura constitui um aglomerado de crenças, valores, visões de mundo e rede de significados, cujas expressões simbólicas inserem os indivíduos em determinado grupo social.

representa um tipo de Cultura Juvenil em meio a tantos outros. Assim sendo, ao longo deste trabalho utilizar-se-á a expressão “Cultura Juvenil do *Funk*” para designá-la como uma prática que movimenta grande parte dos/as jovens santa-marienses, tendo em vista às observações realizadas em meio ao espaço urbano, em festas juvenis e na escola. Já, o modo como tal cultura circula e se relaciona com a escola e com os sujeitos que dela fazem parte, representa o objeto central da investigação.

Contudo, o que estas reflexões sobre as sociabilidades juvenis por meio da música e do *Funk* têm a ver com a escola de Educação formal? Conforme Sposito (2005) os sujeitos jovens vivenciam suas experiências, de maneira integral, não só no universo escolar, mas em meio a diferentes domínios, entre eles a cultura, ou seja, os jovens que se encontram inseridos no sistema de ensino vivenciam a condição juvenil também em espaços extraescolares e adentram na escola, carregados com práticas sociais e modos de vida, consolidados, fora do âmbito escolar.

Entretanto, grande parte das escolas atuais parece ignorar essa realidade, descartando a rica possibilidade de explorar outras informações e dimensões da vida dos jovens e de relacioná-las a conteúdos curriculares. A partir dessa presunção, a presente pesquisa movimenta-se por este caminho ao pretender analisar o modo como Cultura Juvenil específica circula em âmbito escolar. Considerando esta prerrogativa, a presente pesquisa entende que a diversidade cultural produzida e usufruída pelas diferentes Juventudes existe e deve ser reconhecida pela academia, uma vez que essas Culturas Juvenis constituem pedagogias culturais. De acordo com Lazzarin (2015, p. 522) “pedagogias culturais são essas instâncias e processos diretamente envolvidos na produção de identidades culturais, consideradas como modos de ser e de pertencimento, e de uma variedade de formas de conhecimento”.

No entanto, para fins da delimitação exigida para este estudo, tem-se levado em consideração a notável e crescente inserção de uma parcela vultosa de jovens de diferentes localidades do Brasil engajados na produção e no consumo da Cultura Juvenil representada pelo estilo musical denominado *Funk*. Assim sendo, a compreensão de que a escola ainda constitui a única fonte de educação e de produção de sentidos e de conhecimentos para os principais sujeitos por quem ela se responsabiliza parece não comportar a dimensão atual, pois educamos nos mais diversos âmbitos.

Em meio a considerações advindas da representação recorrente que associa e restringe a educação apenas à esfera escolar, objetiva-se refletir sobre esta reprodução do senso comum, recorrendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)-Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A referida lei, em seu art. 1º, amplia o conceito, pois em sua descrição

admite que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Ao aproximar a extensão desse conceito à resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM) quanto a sua referência legal e conceitual, observa-se que em seu capítulo II, art. 5º, a mesma dispõe que o Ensino Médio, em todas as suas formas de oferta e organização, deve garantir a formação integral do estudante. Dentre outros aspectos, em seu inciso VII aponta para o “reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes” e em seu inciso VIII destaca a “integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular” (BRASIL, 2012).

Destarte, além do reconhecimento de que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem nas manifestações culturais, conforme a LDB 1996, para esta pesquisa interessa também, considerar as DCNEM 2012, que definem a garantia da formação integral do estudante de Ensino Médio através da relação entre a Educação e as dimensões da cultura como base da proposta e, também, em termos curriculares. A partir do recorte acima, o presente estudo ancora-se na concepção de educação associada às manifestações culturais e, igualmente, na aproximação dessa educação mais abrangente às diversas dimensões da cultura como possibilidade de integração curricular, a partir do reconhecimento das experiências dos jovens como sujeitos do processo educativo.

Logo, na atualidade é necessário reconhecer a influência de outros tipos de pedagogias, as extraescolares. Estas, não somente afetam a vida de cada discente, no que tange às suas subjetividades e identidades, mas também se insere de algum modo, no espaço escolar e/ou nas práticas escolares, seja no interior da sala de aula e/ou nos intervalos, a partir da realidade de cada aluno. A perspectiva dos Estudos Culturais permite compreender, por exemplo, que os elementos representados nos cliques audiovisuais e nos discursos contidos nas músicas da Cultura Juvenil do *Funk*, constituem-se em importantes artefatos culturais de análise, estabelecendo-se também como pedagogias culturais.

Logo, os artefatos culturais advindos da referida cultura podem estar de fato agindo como pedagogias, ou seja, formas de fomentar nos jovens representações específicas sobre vários assuntos. Podem estar servindo como práticas difusoras de significados e de modos de vidas específicos, os quais expressam a adesão de determinado estilo no âmbito da própria vida cotidiana. Em conformidade com o que já foi explicitado anteriormente, a noção de pedagogias

culturais construída pela perspectiva aqui admitida converge com o reconhecimento da educação para além do espaço escolar formal e que esta, estabelecendo nexos com a cultura e com os conteúdos curriculares, pode vir a fazer parte do currículo.

Assim sendo, os diversos elementos culturais produzidos e identificados na sociedade contemporânea constituem o âmago da análise nos Estudos Culturais, no sentido de investigar a posição central que a cultura vem ocupando ao analisar as questões que envolvem a sociedade atual. Compreende-se, então, que as músicas e os discursos contidos em suas letras, também proporcionam significados específicos para quem as escutam. Nesse sentido, conforme já foi explicitado, a música pode estar atuando como um mecanismo da cultura, ou melhor, como uma pedagogia cultural, influenciando modos de pensar e de se relacionar com o mundo.

Nesse sentido, as questões de pesquisa deste projeto se ocupam em pensar de que forma o *Funk* circula pela cidade de Santa Maria e na escola? De que modo atinge e influencia os jovens estudantes de Ensino Médio de escola de educação básica? De que forma tais jovens estão absorvendo as ideias e os elementos apresentados por esta cultura, que através da música elabora um dos principais meios de significação para essa população? Em quais espaços escolares tal Cultura Juvenil circula e se manifesta? Como reverbera nas práticas escolares?

Considerando tais questionamentos, o problema de pesquisa foi delineado: “De que modo a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado em uma escola pública de Santa Maria/RS? Logo, o objetivo geral desta pesquisa pretende analisar como a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado em uma escola pública de Santa Maria/RS. Já os específicos intencionam demonstrar quais são os elementos responsáveis por estabelecer a vinculação de jovens à Cultura Juvenil do *Funk*, como a acessam e se relacionam com ela; identificar os lugares e os modos de circulação da Cultura Juvenil do *Funk* na cidade de Santa Maria; identificar e analisar os espaços, os tempos e os modos de circulação da Cultura Juvenil do *Funk* na escola onde a pesquisa foi desenvolvida e, por fim, apreender e analisar os efeitos da circulação da Cultura Juvenil do *Funk* nas práticas escolares.

Logo, os capítulos apresentados por esta dissertação foram construídos de modo a responder cada objetivo específico, estabelecido pela projeção da pesquisa. Assim sendo, no capítulo referente à “METODOLOGIA”, todos os procedimentos realizados estão descritos detalhadamente. As perspectivas teórico-metodológicas utilizadas como inspiração estão descritas dentro deste capítulo sob os títulos: “ESTUDOS CULTURAIS: MATRIZ TEÓRICA CIRCULANTE E INTERDISCIPLINAR” e “ANÁLISE DE DISCURSO: INSPIRAÇÕES FOUCAULTIANAS”.

Já, os movimentos realizados pela pesquisa foram reunidos na seção: “CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA”. Do mesmo modo, a descrição dos professores e professoras que aceitaram o convite em participar da pesquisa e dos jovens e das jovens estudantes entrevistados/as estão presentes no subcapítulo: “SUJEITOS DA PESQUISA: PROFESSORES E JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO”.

Sob o título: “VAI COMEÇAR A OUSADIA: MENTALIZA NA BATIDA E DEIXA A DISCUSSÃO DOS DADOS TE LEVAR”, os resultados da pesquisa são apresentados e discutidos a partir de subcapítulos. Com o objetivo de dar visibilidade aos elementos que os/as docentes exaltaram em relação ao exercício de se trabalhar com jovens do Ensino Médio na contemporaneidade, foi elaborado o subcapítulo: “DESAFIO, TENSÃO E RENOVAÇÃO: REPRESENTAÇÕES ASSOCIADAS AO TRABALHO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO”.

O modo com que os/as jovens entrevistados/as estão vinculados/as de alguma forma à Cultura Juvenil do *Funk*, como a acessam e se relacionam com ela, é apresentado no subcapítulo intitulado: “MUNDO *FUNK*: DIFERENTES PERTENCIMENTOS X DIFERENTES PRECONCEITOS”. Objetivando descrever o *Funk* circulando na cidade, na perspectiva dos/as jovens e, também, a partir do que foi vivenciado nas festas e/ou em outros lugares, foi construído o subcapítulo “O *FUNK* CIRCULANDO PELA CIDADE: DANDO UMA BANDA COMO DIVERSÃO, MERCADO E LADAIA...”.

Os espaços, tempos e formas como a Cultura Juvenil do *Funk* circula no âmbito escolar na perspectiva de jovens e professores/as, estão descritos no subcapítulo “O *FUNK* CIRCULANDO EM TERRITÓRIO ESCOLAR...”. Para finalizar a discussão dos dados, os efeitos dessa circulação e a apropriação do *Funk* por parte dos/as docentes estão descritos no subcapítulo “CULTURA JUVENIL DO *FUNK* CIRCULANDO NA ESCOLA: EFEITOS SOBRE AS PRÁTICAS ESCOLARES E PRÁTICAS DE ENSINO”.

1.1 POR QUE A GURIZADA DO BONDE E A CULTURA DA QUEBRADA⁵? O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO? MOTIVAÇÕES E A RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Inicialmente, considero pertinente voltar um pouco no tempo objetivando resgatar as vivências que foram me conduzindo e me constituindo como pesquisadora, no longo percurso

5 De acordo com as gírias utilizadas por jovens que se vinculam ao mundo do *Funk*, “Gurizada do bonde” refere-se ao grupo de pessoas jovens que andam juntas e a noção de “Quebrada” faz menção ao território, localizado em periferias urbanas.

vivido na academia, desde minha primeira graduação. Este exercício se legitima através da premissa de que é por meio de nossos interesses e experiências que nos formamos sujeitos pesquisadores e, além disso, vislumbra permitir uma melhor e mais clara elucidação do modo como foi se construindo a opção por esta problemática de pesquisa.

Durante minha trajetória nos cursos de Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, ambos concluídos no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFSM, sempre fiz questão de privilegiar a criatividade, a energia e a diversidade das danças e ritmos culturais brasileiros, oriundos de regiões de periferia, como estímulo e base para minhas pesquisas, ações extensionistas e pedagógicas. Não foi diferente ao longo do curso de Especialização em Pesquisa em Movimento Humano, Sociedade e Cultura, concluído também no mesmo Centro e Universidade, pois a temática da Monografia também se utilizou de ritmo e dança cultural de origem periférica para permear o estudo.

A preferência por tipos de culturas musicais específicas foi decorrente da participação em sete edições dos Encontros Nacionais de Estudantes de Educação Física (ENEFF). Estes encontros são organizados, anualmente, pela Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (EXNEFF) e possuem caráter político e educacional, pois pautam sua programação com base na discussão sobre problemas que envolvem a área da Educação Física. Contudo, o que mais me subjetivava nesses encontros não eram as pautas do movimento estudantil, mas sim, a possibilidade de trocas culturais, em termos de ritmos musicais e de danças regionais, uma vez que o contato com os estudantes de todo Brasil era proporcionado através dos momentos de confraternização do evento, denominados de “Culturais”, e que privilegiavam a musicalidade das diversas localidades brasileiras.

Através da troca mútua de elementos regionais, entre grupos e sujeitos, fui sendo educada para a responsabilidade social e cidadã de consolidar o espírito democrático no que tange a apreciação das diferentes culturas, danças e ritmos musicais brasileiros. Com base nestas vivências, compartilho do pensamento que deveria existir um maior reconhecimento e valorização da diversidade cultural, musical e dançante de nosso país, através das diferentes áreas de conhecimento e, principalmente, da Educação Física, uma vez que a mesma trata das manifestações corporais, compondo meio fundamental para a produção, para a ressignificação e para a disseminação de cultura, em termos de movimento humano. Acredito, então, que deve ser por esse motivo que me dedico a produzir projetos de pesquisas, onde as diferentes culturas brasileiras, que emergem do popular, possam conversar com os objetos de investigação e, conseqüentemente, serem reconhecidas e visibilizadas em âmbito acadêmico e científico.

Seguindo às recordações do período da Graduação, paralelamente às atividades curriculares obrigatórias dos cursos, fiz parte do Grupo de Estudos da Dança-Educação e Saúde (GEDES), que na época me concedeu bases teóricas e práticas para que eu pudesse estudar e trabalhar com um dos conteúdos das práticas corporais que mais me fascina, a Dança. Do mesmo modo, estive envolvida com o Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero (GEDCG), cuja minha participação se estendeu até o fim do curso de Especialização. Este grupo foi o responsável por apresentar-me a diferentes concepções e perspectivas, tais como os Estudos Culturais, os Estudos de Gênero e de Sexualidade e à teorização *foucaultiana*.

Estas foram me envolvendo e atravessando episódios particulares da minha vida pessoal, provocando um misto de curiosidade e de encantamento, pois me permitiam uma leitura de mundo diferente, que nenhuma outra teoria possibilitava. As reflexões que emergiam a partir destas conjecturas contribuíram, portanto, para o meu amadurecimento pessoal e profissional no que se refere ao respeito às diferenças, sejam elas de ordem étnico-racial, cultural, social, de gênero, sexual, de classe, entre outras.

Considerando as vivências, relatadas acima, ao analisar meus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, assim como a Monografia de Especialização, é possível identificar a presença de diferentes culturas, oriundas de periferia, as quais foram utilizadas para tematizar cada trabalho, porém a partir de focos diferentes. Neste sentido, no TCC do curso de Licenciatura trabalhei com a cultura do Tecnobrega Paraense para questionar como este tipo de cultura vinha sendo retratada na telenovela global “Cheias de Charme”, além de exemplificar como a Educação Física poderia aproveitar os artefatos culturais midiáticos, produzidos pela novela, para problematizá-los e a partir dali, produzir movimento humano e, conseqüentemente, conhecimento.

No TCC do curso de Bacharelado, a Capoeira, arte e luta brasileira, muito perseguida em outros períodos históricos e ainda hoje taxada por muitos como cultura marginalizada, embora reconhecida atualmente como Patrimônio Cultural brasileiro, foi a manifestação cultural que permeou a pesquisa. Assim, a partir do Projeto Social de Capoeira: Esporte e Cultura em Movimento, desenvolvido pela Associação de Capoeira Oxossi de Santa Maria, em parceria com o Avenida Tênis Clube, o perfil socioeducacional dos/as participantes do Projeto, bem como o sentido da Capoeira, atribuído em suas vidas, foram investigados.

Já na Monografia de Especialização, o Pagode Baiano, ritmo e dança cultural oriunda do gueto de Salvador/BA, foi tema para a análise sobre o modo como se desenvolveu a construção de masculinidades de universitários gaúchos, a partir da participação no Projeto de Extensão “Movimento SwingaSul”, cujo objetivo era proporcionar a vivência em danças

baianas, em solo sul-rio-grandense, aos participantes interessados nesta prática. Assim, ao considerar as temáticas de estudo relatadas, percebe-se que culturas oriundas de periferias sempre se mantiveram presentes no sentido de emprestar suas características singulares para movimentar os assuntos das pesquisas.

Enquanto mestranda em Educação, no Centro de Educação (CE) da mesma Universidade, participei como colaboradora atuante nas ações de dois Projetos de Extensão. Um deles se intitula: “UFSM e Pacto Nacional para o Fortalecimento do Ensino Médio: formação continuada de professores e coordenadores pedagógicos do Ensino Médio”. Já o outro possui como título: “Portal Ensino Médio EMdiálogo: articulando redes de universidades com o Ensino Médio Inovador”. A atuação nestas respectivas ações extensionistas proporcionaram novos aprendizados ao possibilitar o contato com o universo escolar, com o Ensino Médio e o diálogo com os principais sujeitos que dele fazem parte, professores/as e alunos/as.

Do mesmo modo, proporcionou o contato com bibliografias que priorizam os Estudos sobre Juventudes, Culturas Juvenis e a relação com o Ensino Médio. Assim sendo, mantendo a idiossincrasia de seguir trabalhando com culturas originárias de periferias urbanas e contemporâneas, através das novas leituras, a presente dissertação privilegia a categoria Juventude a partir do viés da sociologia. Esta se encontra diretamente ligada às experiências vividas no cotidiano juvenil, permitindo a aproximação ao universo escolar, de modo a investigar como uma Cultura Juvenil específica tem circulado em uma escola pública, envolvendo jovens estudantes de Ensino Médio e produzindo efeitos nas práticas escolares.

Ainda sobre o período do curso de mestrado, participo do Grupo de Estudos Filosofia, Cultura e Ensino Médio (FILJEM), o qual vem me permitindo revisitar e ampliar as leituras e reflexões proporcionadas pelo GEDCG, da Educação Física. Portanto, através do trânsito de saberes proporcionado pelas inúmeras leituras realizadas e resgatadas, da parceria entre os conhecimentos das diferentes áreas e, principalmente, da observação cotidiana, mesmo que em espaços distintos, de sujeitos desiguais compartilhando comportamentos semelhantes, é que o tripé de fatores motivacionais para a elaboração desta pesquisa foi estabelecido. Este trio de elementos auxiliou no lançamento de novos olhares sobre um mesmo objeto, contribuindo para a elaboração desta dissertação.

Neste sentido, a inspiração em utilizar a Cultura Juvenil do *Funk* surgiu em meio às observações cotidianas repentinas, em contextos distintos, de diferentes jovens ouvindo músicas advindas deste gênero musical através de seus dispositivos móveis. Além disso, a possibilidade do deslocamento da periferia para o centro, isto é, da oportunidade de visibilizar

este tipo de Cultura Juvenil de origem periférica através da academia é, sem dúvida, um aspecto que tornou o estudo instigante e desafiador, considerando minhas pretensões de pesquisadora.

Tendo em vista às explicações acima e considerando a existência da intensa circulação do *Funk* pela cidade, compartilhada por jovens, passei a me questionar e a compreendê-lo também em outra perspectiva. Além de compreender o *Funk* na posição de profissional de Educação Física (bacharela), consumidora das danças advindas do ritmo e disseminadora das mesmas a partir da apropriação de suas coreografias, difundidas em aulas coletivas aeróbicas animadas, igualmente, passei a concebê-lo como professora de Educação Física (licenciada), ao vestir diferentes óculos. Este novo acessório, associado à prática pedagógica em nível escolar, me permitiu enxergar o *Funk* a partir de uma leitura mais crítica, desacomodando-me da posição de consumidora do ritmo e de seu principal conteúdo, os discursos, para a posição de pesquisadora ao pretender identificar como ocorre a circulação desta cultura em âmbito escolar.

Logo, a leitura a partir dos Estudos Culturais, assim como suas preocupações, contempla e ampara perfeitamente esta pesquisa. Nesse sentido, justifica-se a postura teórica a ser seguida nesse trabalho devido à atualidade de suas investigações e a pertinência de seus posicionamentos, em relação à posição de centralidade tomada pela cultura na sociedade contemporânea. Assim sendo, as contribuições desta pesquisa pretendem, além de analisar o modo como a cultura *Funk* circula em meio ao âmbito escolar, destacar os efeitos que essa circulação produz nas práticas escolares.

Quanto ao interesse em pesquisar recorte específico da Juventude santa-mariense enquanto segmento populacional, isto é, jovens estudantes de Ensino Médio de uma escola pública específica que se relacionam de algum modo com a Cultura Juvenil do *Funk*, reside o entendimento de que o movimento de conhecer esses jovens, suas particularidades, assim como as relações que possuem com a Cultura Juvenil do *Funk* instituem elementos dotados de notável relevância no sentido de agitar o debate sobre o modo como nossos jovens estão se construindo em meio a formas contemporâneas de sociabilidades específicas.

A apropriação desta realidade, em âmbito pedagógico, pode trazer subsídios para se pensar sobre as diferenças que atravessam os sujeitos, pois está articulada de modo bastante complexo com demandas de ordem de cultural, de classe social, de geração, de etnia e raça, de territorialidade, de gênero e etc. (PEREIRA, 2014). De acordo com essa conjuntura, a Cultura Juvenil do *Funk* poderá possibilitar o processo social investigativo por meio do cotidiano, ao (re) conhecer as situações de vida dos jovens e das jovens santa-marienses na

contemporaneidade e suas mobilizações culturais, uma vez que expressa uma marca e/ou um estilo de ser jovem que possui uma linguagem e uma estética específica.

Pode, do mesmo modo, contribuir para a ampliação do espaço para se pensar as consequências que os discursos associados a essa cultura promovem, ao problematizar a maneira como os próprios jovens vivem e produzem estas manifestações, tornando este tipo de Cultura Juvenil como espaço de socialização diferenciado. Afinal, na atualidade, como nos sugere Pais (2003, p. 70), “torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais cotidianos”, uma vez que são nesses núcleos que ocorrem as trocas e intercâmbios onde eles, como sujeitos ativos, produzem diferentes sociabilidades, estabelecendo nexos peculiares de entendimentos, pensamentos e práticas.

Diante disso, igualmente como justificativa para a escolha do tema específico a ser investigado, apoio-me em Louro (2002) quando coloca que as crenças e comportamentos que compõem a identidade do/a próprio/a pesquisador/a devem convergir para o mesmo sentido do tema investigado, isto é, identificar-se com o tema, o qual foi eleito para se dissertar é imprescindível. Nessa perspectiva, percebo que escrever, assim como o próprio viver, do mesmo modo que possibilita a aproximação com aquilo que nos interessa, com o que nos identificamos, também permite novas formas de se produzir conhecimento. Logo, priorizar a realidade vivida ou observada como objeto de investigação fomenta o desejo de pesquisar e faz emergir o anseio em elaborar novas articulações teóricas e, conseqüentemente, novas reflexões.

2 METODOLOGIA

Este capítulo descreve o percurso da construção da pesquisa: a escolha do viés teórico e metodológico, do processo de readequação dos objetivos, a entrada em campo dentro da escola e nas festas noturnas da cidade, bem como a escolha dos sujeitos para a concessão das entrevistas. Este detalhamento é necessário, pois acredita-se que o resgate de todos os movimentos, ações e mudanças no trânsito das ideias são fundamentais para esclarecer o modo como o redirecionamento da pesquisa, após a qualificação, foi se delineando. Nesse sentido, descrever o percurso do estudo de forma clara e compreensível demonstra a relação de cuidado da pesquisadora com o modo como a investigação foi sendo produzida.

Inicialmente, é importante retomar que a perspectiva teórica e metodológica que ampara a presente dissertação situa-se no campo dos Estudos Culturais e, em forma de inspiração, se pretendeu agregar a Análise de Discurso de caráter *foucaultiana*. Assim sendo, procura-se realizar uma leitura pós-estruturalista, nessa pesquisa em Educação, ao aproximar as teorias citadas para analisar o modo como a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado em uma escola pública de Santa Maria/RS.

Nesse sentido, ao assumir o viés teórico-metodológico inspirado nos Estudos Culturais e na Análise de Discurso *foucaultiana* para a produção da pesquisa se permitiu, portanto, que a interpretação dos dados fosse pensada de maneira qualitativa. De acordo com Negrine (2010), o modelo qualitativo orienta-se no sentido de proporcionar o desenvolvimento do conhecimento a partir da busca de significação entre os objetos estudados. É importante salientar que as diferentes intenções de pesquisa, quando associadas à determinada perspectiva teórica, justificam e concedem espaço para abarcar uma variedade de instrumentos e procedimentos de coleta e/ou de produção de fontes de pesquisa, assim como de interpretações de dados, inspiradas em seus preceitos.

Estes se constituem, então, nos responsáveis pelo fornecimento de ferramentas para operar a condução da pesquisa, possibilitando que as diversas interpretações sejam construídas. Com vistas a descrever os aportes teóricos e metodológicos de modo claro e organizado, pretende-se introduzir as perspectivas que sustentam a presente dissertação. Portanto, nas próximas linhas, conforme a sugestão da banca que examina este trabalho, apresento um resgate acerca das principais noções que sustentam o campo teórico dos Estudos Culturais e da Análise de Discurso, inspirada nas conjeturas do filósofo Michel Foucault.

2.1 ESTUDOS CULTURAIS: MATRIZ TEÓRICA CIRCULANTE E INTERDISCIPLINAR

Inicialmente é necessário sinalizar para a compreensão de que os Estudos Culturais não constituem um corpo teórico dotado de fixidez, sendo limitador da articulação de conjecturas e de pensamentos. Pelo contrário, concede a possibilidade de transversalizar várias áreas do conhecimento e temáticas diversas, tomando a cultura como elemento central de investigação. Nesse sentido:

A codificação de métodos ou de conhecimentos (instituindo-os, por exemplo, nos currículos formais ou nos cursos de “metodologia”) vai contra algumas das principais características dos Estudos Culturais: sua abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a importância da crítica. Utilizo “crítica”, aqui, no seu sentido mais amplo: não a crítica no sentido negativo, mas a crítica como o conjunto dos procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas tanto pelo que elas podem contribuir quanto pelo que elas podem inibir. A crítica apropria-se dos elementos mais úteis, rejeitando o resto. Deste ponto de vista, os Estudos Culturais são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações. (JOHNSON, 2004, p. 10).

Contudo, como surgiram? Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 36), apontam que a movimentação intelectual, denominada de Estudos Culturais, “surgiu no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, em meados do século XX, provocando uma grande reviravolta na teoria cultural”. Mattelart e Neveu (2004) destacam que os Estudos Culturais tiveram suas ascendências no país já referido, no início da década de 1950, ligados às agitações teóricas e políticas, rompendo com a imagem de disciplina e não se conformando como tal, a fim de propor uma interação entre diferentes disciplinas.

Johnson (2004) aponta que originalmente, em território Inglês, os Estudos Culturais destacaram as relações existentes entre a investigação e as formações sociais a partir do contexto cultural onde nos encontramos. Em contrapartida, para Hall (1997), se genuinamente os Estudos Culturais foram uma invenção britânica, atualmente, na sua forma contemporânea, transformaram-se num fenômeno internacional. Ao contrário do modo que se pensa, os Estudos Culturais não configuram uma disciplina, mas um campo onde distintas disciplinas interagem de maneira interdisciplinar, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade.

Nessa ótica, as analogias entre a cultura contemporânea e a sociedade, ou seja, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, bem como suas relações com a sociedade e as modificações sociais compõem o seu principal eixo de pesquisa. Portanto, por onde pairam as suas inquietações? Em problematizações da cultura, compreendidas em um vasto universo de possibilidades que se manifestam no domínio do popular. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). Hoje, os Estudos Culturais estão presentes em universidades brasileiras como Linha de

Pesquisa de Programas de Pós-graduação, por exemplo. “São, agora, um movimento ou uma rede: eles têm seus próprios cursos em diversas universidades bem como seus próprios periódicos e encontros acadêmicos” (JOHNSON, 2004, p. 9).

Porém, por onde circularam suas apreensões iniciais? Ao aproximarem-se do vasto espaço das práticas sociais e de processos históricos, os Estudos Culturais, inicialmente, se preocuparam com os produtos da cultura popular e dos meios de comunicação de massa que promulgavam os caminhos da cultura contemporânea, uma vez que em determinados períodos, a cultura popular afronta e questiona a cultura hegemônica, em outras palavras, restringe a percepção de mundo e de vida das classes dominantes (JOHNSON, 2004).

Dessa maneira, como precursor, ao visibilizar problemáticas, anteriormente invisibilizadas, tais como as pautadas nas culturas populares e nos meios de comunicação de massa e, mais tarde, a abertura a demandas vinculadas às identidades étnicas e sexuais, bem como divulgador de estudos bastantes heterogêneos decorrentes da diversidade de referências teóricas, e da pluralidade das temáticas estudadas, os Estudos Culturais configuram um projeto a se pensar por meio das implicações da extensão do termo “cultura” para que inclua atividades e significados da gente comum, precisamente esses coletivos excluídos da participação na cultura quando é a definição elitista de cultura que a governa. (BARKER e BEEZER, 1994, p. 12 apud COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p. 37).

Considerando tal conjectura, de que modo pode ser compreendida esta extensão do termo cultura? Nos Estudos Culturais, conforme Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 36), a “Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismo segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis”. Portanto, os Estudos Culturais tendem a deixar de lado qualquer tipo de definição ou classificação acerca do termo cultura, pois para essa teoria, não há mais hierarquização e nem distinção de nomenclatura para as culturas ditas, outrora, erudita, popular ou de massa, uma vez que todas elas, nessa visão, configuram-se, simplesmente, como “culturas”. Sendo assim, os Estudos Culturais passam a:

[...] considerar a cultura em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder. (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 13/14).

Portanto, em meio à concepção que alicerça o presente estudo, ou seja, os Estudos Culturais, a articulação entre os modos como as culturas se manifestam e os nexos estabelecidos no social constituem a principal rede propulsora para a pesquisa que deseja transitar por esta perspectiva. Toda e qualquer manifestação cultural torna-se autêntica e singular em

significações, a partir desta matriz de entendimento. Assim sendo, entende-se no instante em que os Estudos Culturais utilizam-se dos estudos acerca dessas relações para legitimarem-se, esta corrente abre as cortinas do pensamento, garantindo o palco para que sejam apresentadas e afirmadas culturas que antes não ocupavam e/ou ainda não ocupam a centralidade nas representações recorrentes.

De acordo com Figueiredo (2007), os Estudos Culturais nascem do anseio em investigar as analogias entre o arsenal da produção cultural contemporânea e a sociedade, isto é, o modo como as práticas sociais intervêm no comportamento e nas relações dos sujeitos. Canen (2001) sugere, por exemplo, que um bom ponto de partida para incorporar a discussão decorrente desta teoria, em âmbito nacional, seja o reconhecimento de que a sociedade brasileira apresenta-se como multicultural. Essa ótica direciona para a necessidade de assentir a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos sociais que a compõem. Outra constatação é que existem desigualdades no acesso a bens econômicos e culturais por parte dos diferentes grupos.

Uma problemática possível de ser aproximada ao cenário musical, oriundo do Brasil contemporâneo, repousa na assertiva de Canclini (2013), a qual denuncia que a cultura popular ainda é pouco valorizada pela maioria de filósofos e teóricos da cultura, podendo ser ignorada ou até mesmo considerada lixo cultural por discursos que se sustentam a partir da ausência de gosto ou falta de reflexão que estas culturas reproduzem. Porém, que efeitos que essas culturas musicais contemporâneas produzem? O embate deveria começar a ser tecido por aqui...

Partindo do princípio de que nenhuma manifestação cultural deva ser desprezada ou considerada inculta, entende-se que cada cultura absorve significados e valores específicos de um determinado contexto. Nessa ótica, concorda-se com Gonçalves e Silva (1998) ao destacarem que nenhuma cultura é melhor do que a outra e, assim sendo, todas as práticas culturais, se devidamente analisadas e abordadas, apresentam-se igualmente valiosas como conteúdo de ensino e/ou de pesquisa, por exemplo.

Nelson, Treichler e Grossberg (1995, p. 13) afirmam que “Os Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade”. Assim sendo, ultrapassa o conceito de cultura simplista, apostando em uma conotação mais ampla e abrangente, que, por sua vez, inclui todo tipo de prática compartilhada que expresse algum significado:

Todas as manifestações populares, seus produtos e suas relações, fazem parte da cultura e é através dos estudos dessas diferentes representações que os Estudos Culturais acreditam ser possível entender como a sociedade moderna vem se constituindo ao longo das décadas. No entanto, outro ponto bastante relevante é que os estudos dessas diferentes práticas e relações culturais devem ser realizados levando

em consideração as relações de poder envolvidas nesses diferentes contextos. Para isso, os Estudos Culturais esforçam-se para entender as amplas relações entre as manifestações culturais e as forças históricas que nelas atuam. (FIGUEIREDO, 2007, p. 42).

Dessa forma, admite-se que as possibilidades oferecidas pelos Estudos Culturais se aproximam aos requisitos exigidos por esta dissertação de mestrado, construída através da rede de entendimentos acerca dos mecanismos de ação que possibilitam que a Cultura Juvenil do *Funk* adentre e circule em âmbito escolar. Afinal, “Precisamos de história dos Estudos Culturais que analisem os dilemas recorrentes e dêem perspectiva a nossos projetos atuais” (JOHNSON, 2004, p. 20).

2.1.1 Estudos Culturais: metodologia flexível

Quanto à metodologia de pesquisas que se proponham utilizar como pressuposto teórico as teorizações que envolvem os Estudos Culturais, compreende-se que não existe um caminho específico e/ou indicado para operá-las. No que, então, isto implica? Na diversidade de possibilidades em construir vias que auxiliem o alcance dos objetivos propostos. Os trabalhos produzidos a partir da referida perspectiva se valem, sobretudo, “da etnografia, da análise textual e do discurso, da psicanálise, semiótica, da desconstrução, entrevistas, análises fonêmicas, da rizomática” (FIGUEIREDO, 2007, p. 43).

Considerando esta realidade, admite-se que nenhum paradigma metodológico constitui-se intrínseco aos Estudos Culturais e, nesse sentido, o campo de estudos é centro de inúmeras críticas que se sustentam a partir do discurso que ecoa para a falta de rigor metodológico, advinda desta flexibilidade que a corrente oferece. Em contrapartida, numa outra perspectiva, compreende-se que é justamente através do reconhecimento desta pluralidade de procedimentos disponíveis para se operar em pesquisa que tornam os Estudos Culturais um campo tão rico e instigante em termos investigativos.

Para Johnson (2004), os Estudos Culturais são, sobretudo, contextuais e seu modo de análise configura-se variado, reflexivo e crítico. Pode ser utilizado o trabalho de campo etnográfico, a entrevista, a análise de texto e de discurso e os métodos históricos tradicionais de pesquisa, por exemplo. O que isso representa? A possibilidade de novos poderes de entendimento e encadeamento teórico, pois a partir de episódios reais pode-se, historicamente, disponibilizar teoria por meio de um debate contínuo e contextualizado acerca de questões

culturais. Nesse sentido, torna-se possível realizar aproximações entre argumentos teóricos e experiências contemporâneas. (JOHNSON, 2004).

Segundo Canclini (2005), inicialmente é pertinente adotar a ótica dos excluídos para elaborar problematizações e conjecturas que desacomodem os saberes já constituídos, com vistas a dar voz aos segmentos pouco explorados pelo conhecimento hegemônico. Porém, na etapa de justificação epistemológica convém transitar nos espaços aonde as narrativas se rejeitam e se cruzam, pois somente a partir desses tensionamentos e encontros é possível passar de meras descrições para a construção de conhecimentos capazes de fazer emergir os condicionamentos de cada enunciação:

Isto implica deixar de conceber os Estudos Culturais apenas como uma análise hermenêutica e passar a concebê-los como um trabalho científico que combine a significação e os fatos, os discursos e suas raízes empíricas. Em resumo trata-se de construir uma racionalidade que possa entender as razões de cada um e a estrutura dos conflitos e das negociações. (CANCLINI, 2005, p. 23).

Sendo assim, em termos metodológicos, estudiosos apontam para a importância da elaboração de descrições complexas que possibilitem a compreensão da integração ou da semelhança das formas culturais e da vida material. Primam, portanto, por recriações sociais e históricas de culturas ou movimentos culturais, ou por descrições culturais etnográficas, que sejam capazes de recriar experiências socialmente localizadas. (JOHNSON, 2004).

De acordo com Canclini (2005), o objetivo dos trabalhos que desejam assumir a perspectiva dos Estudos Culturais ao contrário de representar a voz dos silenciados, necessitam compreender e indicar os espaços em que suas demandas ou sua vida cotidiana entram em conflito com os outros. Esta ação tornará o trabalho cientificamente consistente. A presente pesquisa se esforçou, então, neste sentido, pois pretendeu demonstrar as tensões e os pontos de apego provenientes da circulação da Cultura Juvenil do *Funk* dentro do espaço do saber, aqui representado pela escola.

Para Johnson (2004, p. 104), “existem três principais modelos de pesquisa em Estudos Culturais: estudos baseados na produção, estudos baseados no texto e estudos baseados nas culturas vividas”. Acredita-se que este trabalho aproxima-se da terceira vertente, uma vez que analisa a circulação de uma cultura específica, vivenciada por jovens estudantes de Ensino Médio, e o modo como ela reverbera nas práticas escolares, isto é, demonstrando seus efeitos em contexto escolar.

Nessa ótica, esse tipo de pesquisa associa-se a uma política de representação ao apoiar as formas vividas por grupos sociais subordinados. Paralelamente a isso, aspira a contribuir

para tornar mais visíveis as culturas que, frequentemente, são estigmatizadas ou silenciadas por grupos com maior representatividade na sociedade ou de acordo com nosso contexto de pesquisa, de dentro da instituição escolar.

2.2 ANÁLISE DE DISCURSO: INSPIRAÇÕES *FOUCAULTIANAS*

Quanto à organização da análise dos dados se pretendeu que a mesma encontrasse inspiração na teorização *foucaultiana*, operada a partir da Análise de Discurso. Este recurso teórico-metodológico movido pelo exercício arqueogenalógico foi desenvolvido por Michel Foucault, intelectual responsável por oferecer novas formas de interpretar o mundo social. A motivação para a escolha do método de análise surgiu a partir dos pressupostos pautados na obra de Foucault (2008) por compreender, do mesmo modo que Fischer (2001), que as práticas sociais se fundam discursivamente, pois invariavelmente apresentam-se vinculadas às relações de poder.

O que isso significa? Significa compreender que analisar um discurso não consiste apenas na análise da dimensão linguística, mas sim na tentativa de apreender como o sujeito está sendo produzido em meio à rede de significações enunciadas. Para Foucault (2004), a Análise de Discurso não descreve um único sentido, entretanto, se dispõe a esclarecer ideias que possuem poder fundamental de afirmação em uma dada época. Em sua obra, o filósofo buscou investigar a interface entre as práticas discursivas e a gama de poderes que as envolvem. Nesse sentido, destaca que:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2004, p. 9).

As regras de formação dos conceitos, segundo Foucault (2008), não habitam na mente dos indivíduos, pelo contrário, elas se constituem permanentes no próprio discurso e se postam a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um singular campo discursivo (FOUCAULT, 2008). Considerando esta conjuntura, Jaeger e Goellner (2011) reforçam que os discursos e as representações dizem respeito aos tempos e lugares específicos, podendo-se afirmar que todos os sujeitos estão imersos num campo discursivo, que é constituído em meio a relações de poder e saber, mutuamente engendradas.

Assim, pode-se dizer que nossos discursos, geralmente, obedecem a uma reunião de regras, dadas historicamente, que afirmam verdades de uma época. As coisas ditas, portanto, estão radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e de saber de seu tempo. Nesse sentido:

Ao analisar um discurso- mesmo que este seja considerado uma mera reprodução de um simples ato de fala individual-, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem. (FISCHER, 2001, p. 207).

Para Fischer (2001) o/a pesquisador/a deve observar que a modificação dos acontecimentos implica a existência de um acúmulo, de uma memória, de um conjunto de já ditos, isto é, o discurso é construído a partir daquilo que já foi enunciado. Assim, através de um discurso de referência é possível descrever efeitos de memória, isto é, transformações, esquecimentos, rupturas, negações, e assim por diante. Segundo Foucault (2004), os discursos devem ser interpretados como práticas que não possuem linearidade, que se atravessam por vezes e que, não obstante, também se desconhecem e se rejeitam.

Para Foucault (2008), a utilização de conceitos como o de descontinuidade, de ruptura, de fronteira, de transformação, submete à análise histórica problemas teóricos, uma vez que estes conceitos trazem consigo um emaranhado de incertezas, invalidando o emprego de análises teleológicas, isto é, aquelas que explicam ou argumentam os fatos estabelecendo nexos com as suas causas finais. Afinal, segundo Foucault (2008), os sujeitos constituem-se por discursos plurais, os quais fundam a heterogeneidade discursiva. Através deste privilégio, compreende-se que o discurso não possui somente um sentido ou uma verdade, contudo, uma história.

Assim sendo, repensar o passado para refletir o presente é o exercício requerido pelo campo de análise discursivo em Foucault. Um caminho metodológico pautado nos conceitos e operações *foucaultianas* significa admitir que as verdades encontradas não serão únicas, acabadas ou absolutas, uma vez que seus fundamentos e princípios apresentam-se absolutamente dotados de aspectos movidos por instabilidades e permeabilidades metodológicas.

Fischer (2001) destaca, também, que através da Análise de Discurso, Michel Foucault nos estimula a confrontarmos-nos com nossa própria história ou nosso passado, entretanto, reconhecendo outra forma de pensar. Portanto, este método de análise permite questionar com propriedade: mas afinal, por que é que essa singularidade se manifesta aqui, neste lugar, nesta época e não em outras condições?

Portanto, pode-se compreender que a Análise de Discurso *foucaultiana*, diferentemente de outros métodos de análise, não corresponde mais a função de fornecer passos básicos capazes de compor uma coreografia ou de solucionar os problemas propostos pela pesquisa, mas sim, se esforça no sentido de disponibilizar diferentes movimentações, cedendo espaço para o arranjo do/a próprio/a pesquisador/a que pretende criar a composição coreográfica à sua maneira.

Não há passos fechados e adequados para montar uma coreografia, de um único modo, mas há inúmeros gestos e expressões corpóreas para elaborar as diversas danças na produção do conhecimento. Esta operação, portanto, vai depender do poder de pensamento crítico, por parte do/a pesquisador/a, em elaborar problematizações que levem a respostas nem melhores, nem piores e nem certas, mas apenas diferentes.

Nessa ótica, Foucault (2008) aceita os conjuntos de enunciados propostos pela história apenas para questioná-los de modo imediato, para desconstruí-los e para saber se podemos refazê-los legitimamente ou construir outros para recolocá-los em um lócus mais abrangente que, escapando de sua notável familiaridade, permita fazer sua teoria. De acordo com Fraga (2006), dentro da perspectiva pós-estruturalista, inexistem modos específicos de formular uma problemática sem que o pesquisador a elabore a partir de insatisfações advindas de noções normativas relacionadas ao tema que se pretende investigar, ou seja, em decorrência daquilo considerado desviante.

Nessa ótica, Fraga (2006) refere-se à genealogia *foucaultiana* como a perspectiva que objetiva questionar a condição referente através da utilização de técnicas, práticas e saberes subordinados ao longo de uma série histórica de disputas de poder, que tornaram um determinado discurso como central. Para Foucault (2008, p. 24), “é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares”. Ainda para o autor, numa primeira aproximação é preciso aceitar um recorte provisório, isto é, uma região inicial aonde a análise irá modificando e se reorganizando, se houver necessidade.

Para Foucault (2008), a formação discursiva compõe tipos de enunciação, onde os conceitos, as escolhas temáticas definem uma regularidade, isto é, uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações. Assim, uma alternativa para analisá-la poderia consistir no exercício de reagrupar os enunciados, descrever seu encadeamento e explicar as formas unitárias sob as quais eles se apresentam, ou seja, a identidade e a persistência dos temas e conteúdos presentes.

O autor destaca que a análise do campo discursivo:

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação não os excluem. (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Nessa perspectiva, compreende-se, do mesmo modo que Fischer (2001), que aquilo que destoa e/ou dispersa, em termos *foucaultianos*, é também produtivo, assim como aquilo que incita a incerteza configura-se também como positividade crítica. Estes aspectos particulares estão associados a esta corrente de pensamento.

Portanto, após breve explanação de alguns conceitos que abarcam a Análise Discursiva em Foucault, compreende-se que não há aqui a pretensão de comprometimento em realizar uma análise arqueogenalógica das práticas discursivas e não discursivas obtidas através da pesquisa. Destaca-se que este exercício demandaria muito tempo de estudo e de dedicação em cima das obras do estudioso. No entanto, pensamos em tomar emprestados alguns entendimentos, conceitos e caminhos deste método de análise, visando utilizá-los como inspiração para exercitar o pensamento na interpretação da materialidade obtida.

2.3 CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA

Após a apresentação dos aportes teóricos e metodológicos, que serviram como inspiração para situar e produzir a pesquisa, é necessário demonstrar as movimentações que contribuíram para a sua realização, antes mesmo da qualificação do projeto. Afinal, projetar é estar vivendo o presente, movimentando-o para relacioná-lo com o futuro e com os movimentos que este reserva. Tais movimentos, portanto, foram se realizando desde meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), passando pela troca de orientação acadêmica, sugestões da banca de qualificação do projeto e, também, através de conversas com a orientadora deste estudo.

Tomo, assim, emprestado de Bujes (2007) o termo “descaminhos” para ilustrar esta seção, visando demonstrar que em vários aspectos de nossas vidas é necessário o reconhecimento de que podemos nos permitir pensar diferente do modo com que já pensamos algum dia. Este movimento se configura fundamental para não nos fecharmos às possibilidades apresentadas e, também, para auxiliar na ampliação e continuidade das reflexões.

2.3.1 Primeiros Movimentos

Ingressar em um Programa de Pós-Graduação onde não se conhece ninguém e em uma área diferente de sua formação, após oito anos estudando em um mesmo centro de referência, no meu caso no CEFD/UFSM, não configura uma tarefa fácil. É necessário ter coragem, estar aberto para o novo, ser resiliente e, principalmente, saber lidar com o inesperado. Por isso, peço licença para voltar no tempo e contar um pouco da minha história, desde o ingresso no PPGE da UFSM.

Antes mesmo de concluir o curso de especialização em Pesquisa em Movimento Humano, Sociedade e Cultura, decidi participar da seleção do mestrado no Centro de Educação da UFSM. Apenas me guiando pela análise do currículo lattes⁶ da orientadora pretendida, lembro-me que submeti meu pré-projeto de mestrado junto a uma professora que transitava pelas leituras dos Estudos de Gênero e de Juventude. Por esse motivo o construí apoiando-me nos Estudos Culturais e Estudos de Gênero para pensar sobre as representações construídas acerca do fenômeno cultural do “*Funk Ostentação*”, a partir da visão de jovens estudantes de Ensino Médio, de escolas públicas de Santa Maria.

Fui aprovada em todas as etapas do processo e conquistei a vaga no programa! Porém, devido a acertos internos entre professores/as da Linha de Pesquisa, fui redirecionada para outra orientadora que não possuía familiaridade com as teorias que eu vinha me apropriando no período do curso de especialização. Na primeira conversa com a orientadora designada foi me passado que não haveria possibilidade de eu trabalhar com as perspectivas desejadas, uma vez que ela não possuía leitura e nem interesse em orientar um trabalho pautado por estes caminhos.

Pensei rápido e concordei em deixar de lado por um tempo as perspectivas que estiveram me atravessando e me constituindo como pesquisadora nos últimos anos. Afinal de contas, é necessário estarmos receptivos para conhecer novos caminhos e conjeturas por onde ainda não transitamos. Além do mais, quando se reconhece que se ingressou em um espaço desconhecido, sem pessoas com afinidades teóricas aparentes. Iniciei, portanto, o curso das disciplinas exigidas, atuei em ações extensionistas e dei início a elaboração do novo projeto de dissertação, sob a orientação da docente designada. Permaneci sob a orientação da professora por quatorze meses de curso.

Me esforcei bastante para cumprir as exigências que ela me requisitava em relação ao projeto, mas sentia um desconforto que gerava uma insegurança em termos

⁶ Plataforma virtual, alimentada pelo próprio/a pesquisador/a, que reúne todas as informações acadêmicas e profissionais sobre o/a mesmo/a.

teóricos/metodológicos, pois muitas incoerências pairavam sobre a projeção de pesquisa elaborada. Tal projeto pretendia analisar os sentidos de fazer parte da rede cultural “*Funk Ostentação*” e ser estudante de Ensino Médio de Escola de Educação Básica em Santa Maria/RS, após uma política governamental, intitulada Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio.

Em um dos últimos encontros com a orientadora para a apresentação do projeto construído, isto é, quinze dias antes da data para a qualificação recomendada, recebi a notícia de que aquele projeto não se encontrava satisfatório, mesmo eu tendo seguido todos os caminhos indicados por ela para elaborá-lo. Foi então que ela me apresentou uma outra proposta de pesquisa e que, desta vez, não satisfez a mim. Foi então que se concretizou a decisão de rompimento da relação orientanda/orientadora, justificada por meio de uma trama de conflitos teóricos, isto é, de leituras de mundo diferentes e, também, acerca do objeto a ser pesquisado.

Tendo em vista este fato inesperado, fui obrigada a ser forte, ter ânimo e buscar uma solução rápida, pois o prazo aconselhável para a defesa de projeto já estava se esgotando e eu já não possuía mais “nem projeto e nem orientadora”. Contudo, encarei o desafio da mudança, pois como nos ensina Fischer (2007):

[...] não somos forçosamente perdedores se ousamos mudar, partir a linha, descobrir outro modo de pensar os problemas que identificamos como dignos e necessários de investigar. Talvez com esse posicionamento sejamos, sim, forçosamente intelectuais em atitude de risco, o que pode significar também que estejamos assumindo uma atitude relativa não só à nossa prática profissional, mas, antes a uma genuína prática de vida. (FISCHER, 2007, p. 68-69).

A noção acima resume e traduz claramente os enfrentamentos que atravessei. O risco foi, portanto, assumido e os (des) caminhos começaram a ser experimentados e percorridos.

2.3.2 Segundos Movimentos

Após a explanação do labirinto intelectual percorrido desde o ingresso no programa e das turbulências emocionais advindas da situação de troca de orientação, encontrei alento junto a professora orientadora do presente estudo. Esta me concedeu apoio intelectual e emocional para que eu continuasse no curso. Neste sentido, expus o desejo em realizar a pesquisa através da lente dos Estudos Culturais e *Foucaultianos* e ela considerou o meu interesse, aceitando encarar o desafio junto comigo.

Voltei a criar expectativas, olhar adiante, realizar tentativas e projetar novamente uma proposta coerente que se utilizasse de alguns elementos já produzidos até então e, também, que

demonstrasse implicação teórica envolvida com a temática. Em dois meses o projeto estava reformulado e, desta vez, concentrava-se na análise do modo como a rede cultural juvenil do “*Funk Ostentação*” tem circulado nos espaços escolares, subjetivando e forjando as identidades de jovens estudantes de Ensino Médio de uma escola pública em Santa Maria/RS. Após toda essa “aventura teórica” pelos descaminhos vivenciados na construção da pesquisa, partimos para o exame de qualificação.

Todavia, em meio ao período entre entrega da cópia física e virtual do projeto para os membros avaliadores do estudo e da defesa do mesmo, a pesquisa não podia parar, pois já era dezembro e as escolas já estavam quase entrando em recesso de férias. Por isso, neste ínterim foi realizado o contato inicial com a escola eleita para o desenvolvimento do trabalho. Tal instituição foi elencada para a realização da pesquisa, devido a comunicação ter sido facilitada por meio de uma colega de profissão que faz parte do corpo docente da mesma e que, atualmente, se encontra na posição de vice-diretora do turno da manhã.

A escola se localiza em zona periférica urbana do município de Santa Maria, conhecida como zona sul e atende, em grande parte, a jovens que residem em periferias santa-marienses. Foi muito bem recebida na instituição por professores/as, alunos/as e funcionários/as. Este contato inicial com a escola e com as turmas de Ensino Médio se justificou através do procedimento necessário a ser realizado, cujo objetivo era selecionar os sujeitos que, posteriormente, fariam parte da pesquisa.

Por isso, no intuito de operar uma aproximação preliminar ao contexto onde a pesquisa seria realizada, através da entrada em campo para observações e da realização de uma pesquisa de cunho diagnóstico, foi aplicado um questionário⁷, com ênfase nas preferências musicais dos estudantes e, sobretudo, para encontrar os jovens que se vinculavam de algum modo ao *Funk* e, sobretudo, ao estilo musical *Funk Ostentação*.

As três turmas de primeiro ano, as duas turmas de segundo ano e a única turma de terceiro ano, que em 2015 compunham o Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica eleita para a realização deste estudo, responderam o questionário. A aplicação deste se deu em três dias ao longo de duas semanas, durante o tempo destinado às aulas de Educação Física, pois a professora da disciplina estabeleceu a concessão do tempo necessária para a aplicação do mesmo. Obtive a participação de cinquenta e quatro estudantes.

Voltando ao período destinado à defesa do projeto, após a apresentação do mesmo e conversa com os/as professores/a membros da banca, o projeto foi qualificado e aprovado.

⁷ Ver Apêndice A.

Todavia, muitas sugestões foram lançadas, acarretando em um novo redirecionamento da pesquisa. Ficou decidido, então, que haveria uma ampliação na leitura do objeto, ou seja, priorizaríamos a Cultura Juvenil do *Funk* no geral, sem focar em seus subgêneros, até mesmo porque conforme os resultados obtidos através dos questionários, muitos/as jovens não sabiam ou não conseguiam enquadrar ou identificar os diferentes tipos de *Funk*.

Foi sugerido também que fosse realizada pesquisa de campo em festas *Funk* juvenis da cidade, com vistas a demonstrar por onde e como o *Funk* circula no município. Da mesma forma, caso optássemos por continuar com a esfera escolar, que a entrada em campo na instituição também fosse privilegiada, objetivando tornar a pesquisa “viva”, porque a mera realização de entrevistas com os sujeitos que a frequentam poderia não abarcar a totalidade de representações que a mesma expressa. Nessa ótica, teses e dissertações se tornam vivas em densidade:

Se pudermos incursionar, de alguma forma, pelos corredores das instituições, pelos labirintos da nossa própria experiência pessoal, profissional, com a temática em foco, e trazer não explicitamente o depoimento deste ou daquele sujeito (o que poderia ser também uma opção), mas a vida que pulsa nas práticas que aqueles mesmos manuais narram. (VEIGA-NETO, 2007, p. 63).

Assim sendo, circular pelos campos de análise se tornou o objetivo neste momento da pesquisa. Foram feitas duas incursões⁸ na escola em dezembro de 2015, pois o período de eleições da diretoria já estava em curso e o recesso de férias se aproximava. Em janeiro de 2016, em encontro com a orientadora deste estudo, foi decidido que manteríamos o compromisso de desenvolver a pesquisa envolvendo a escola, as práticas escolares e os sujeitos que dela fazem parte. Por isso, decidimos incluir como sujeitos de pesquisa, também, os/as professores/as. Considerando estes movimentos, os objetivos foram, novamente, reformulados.

Tendo em vista todas as sugestões dos membros da banca escolhidos para contribuir com o trabalho, esforçamo-nos para contemplar os pareceres da professora e dos professores. Logo, o objetivo geral e atual que guiou a pesquisa ficou assim constituído: Analisar como a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado em uma escola pública de Santa Maria/RS.

⁸ Os diários de campo construídos através da vivência na escola e nas festas da cidade encontram-se descritos no final do trabalho, como Apêndice B.

2.3.3 Terceiros Movimentos

Os passos iniciais desta nova etapa de investigação pautaram-se na realização de pesquisas de campo em festas da cidade onde o *Funk* estivesse presente, pois a comunidade escolar já se encontrava em férias, impedindo novas incursões em seu território. Para eleger onde seriam realizadas as incursões noturnas no município e região, contei com o auxílio de alguns/as jovens informantes de meu convívio e, também, com a rede social virtual do *facebook*, pois fui descobrindo aos poucos que era por ali que se organizavam as festas, se enviavam os convites, se mantinham atualizadas as programações das mesmas e, por fim, se estabelecia o canal de comunicação utilizado para garantir a motivação para que todos/as convidados/as comparecessem.

Dessa maneira, por meio de diálogos informais realizados com diversos jovens informantes da cidade de Santa Maria e, também, do uso de abordagens metodológicas observacionais, como a observação participante em alguns contextos da cidade, foi estabelecido um mapeamento sobre os lugares onde a cultura do *Funk* tem se manifestado no município e redondezas. A ocorrência das já referidas conversas e das intervenções em espaços não escolares resultaram na elaboração de diários de campo que possibilitaram o registro das informações, com vistas a dar visibilidade às impressões e às interpretações sobre o assunto a ser explorado.

Conforme Geertz (1989) o conceito de cultura corresponde às teias de significados que os homens constroem socialmente. Já a análise das mesmas, por sua vez, deve ser encarada como uma ciência interpretativa, ou seja, que necessita da busca de sentido e de significação por parte do pesquisador. Apoiando-me nesta noção é que foi realizada a pesquisa de campo⁹ na noite santa-mariense e da região, com vistas a descrever e interpretar, através de observações, como se dá a vivência do *Funk* em festas noturnas frequentadas pelas Juventudes de Santa Maria.

A pesquisa foi realizada entre janeiro e março de 2016 em seis festas diferentes: uma realizada no “Salão Bessauer¹⁰” em Vila Rosa, distrito anexo ao município de Restinga Sêca; outra no “Macondo Lugar”, boate central frequentada por público alternativo, outra na “Casa do Mih”, espaço domiciliar cedido para a realização de festas *Funk* semanais para jovens,

⁹ A realização de tal pesquisa foi sugerida pela professora e pelos professores membros da banca de qualificação do projeto.

¹⁰ Esta festa possui uma particularidade, porque apesar de ser realizada fora da cidade de Santa Maria grande parte do público que a frequenta é de jovens santa-marienses. O dono do Salão disponibiliza quatro ônibus gratuitos que, semanalmente circula pelas periferias da cidade, garantindo o trajeto de ida e de volta dos jovens à festa.

localizada na zona leste da cidade e as outras três no “Avenida Tênis Clube”, clube nobre do município, que em três noites de carnaval recebeu os shows do gaúcho de Porto Alegre MC Tchesko, da paulista MC Tati Zaqui e do paulista MC Guimê.

Portanto, após as sugestões da banca, das leituras realizadas e do trabalho de campo executado passei a compreender que embrenhar-me com o meu próprio corpo no domínio da experiência, tornou a escrita viva. Historicizou a memória, a diferenciou da materialidade inicial abstrata e que agora é real. Os registros foram tomando corpo, corpo esse que circulou por diferentes territórios e que se permitiu pertencer a cada um deles. Todavia, ao penetrar no universo a ser pesquisado e mais, ao circular por ele, a escrita revelou matéria? Carne? Essência?

Não, ela foi se transformando em construção subjetiva do que ali estava representado, atravessando a pesquisadora. Afinal, a Etnografia como nos explica Geertz (1989) consiste na prática de representação das culturas dos outros. O registro, portanto, foi baseado na apresentação descritiva e reflexiva das situações observadas. Nessa ótica, proporcionou que o tempo vivido, a escrita e a verdade, construídas a partir daquilo que foi observado, se relacionassem entre si e se traduzissem a partir das descrições, que se cruzaram em meio às análises dos fragmentos de discursos proferidos pelos jovens estudantes.

2.3 4 Quartos Movimentos

Após o início do ano letivo escolar e acadêmico de 2016, foi iniciada a preparação para a nova entrada em campo na escola. Nesse sentido, os questionários aplicados sobre o gosto musical dos/as jovens de Ensino Médio foram retomados, lidos, organizados, agrupados e, por fim, selecionados os que remetiam aos/às estudantes que demonstraram preferência pelo *Funk*. A partir da utilização deste instrumento para a seleção das fontes de pesquisa, é que os sujeitos foram definidos.

Com vistas a promover o desenvolvimento dos procedimentos exigidos, a técnica elencada para auxiliar na produção das fontes de pesquisa foi o tipo de entrevista individual e semiestruturada. A entrevista, de acordo com Negrine (2010, p.75), “Diz respeito à prestação de informações ou de opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral pelo entrevistado”. Ao adotar este instrumento, compreende-se que as opiniões, experiências, motivações, comportamentos e tantos outros elementos, construídos em contexto específico, podem vir à tona de modo flexível e confortável para os/as entrevistados/as.

Para Jaeger e Goellner (2011), a realização de entrevistas constitui um exemplo de produção de fonte de pesquisa, a partir da concepção de que estas não estão dadas, uma vez que é necessário fazê-las dialogar, perguntar, questionar sobre particularidades da temática, com vistas a extrair convergências e/ou dissonâncias. Neste sentido, para as autoras, uma entrevista funda uma fonte de pesquisa porque alguém, através de um tema, lhe permitiu clamar em algum sentido. Quanto ao tipo de entrevista, diz-se semiestruturada:

[...] quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definida pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa. (NEGRINE, 2010, p.76).

Os roteiros¹¹ para as entrevistas foram elaborados juntamente com a orientadora deste estudo, a partir de questões que auxiliassem a responder os objetivos propostos pela pesquisa, permitindo, desse modo, a posterior análise. Em 2015, foram aplicados 70 questionários às seis turmas de Ensino Médio da escola. Destes, 36 fizeram correspondência com o gosto musical de algum dos vários tipos de *Funk* brasileiro. As categorias que apareceram nos questionários foram: *Ostentação*, *Pancadão*, *Proibidão*, *Putaria*, *Melody* e *Gospel*.

Em contrapartida, foi decidido que escolheríamos seis sujeitos para participar da pesquisa, três mulheres e três homens. Logo, foram escolhidos os/as seis jovens estudantes que descreveram com maior riqueza de detalhes nos questionários a sua preferência pelo *Funk*. Foram entrevistados/as, portanto, dois alunos do terceiro ano e um do primeiro ano e, também, uma aluna de cada ano do Ensino Médio do ano letivo de 2016.

Em conversa com a orientadora, durante a reformulação dos objetivos da pesquisa pós-qualificação, compreendemos que ouvir professores/as e coordenação pedagógica da escola contribuiria para que conseguíssemos alcançar uma visão geral em relação ao objetivo que esta pesquisa se propôs a investigar. Este se ocupou de analisar como a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado em uma escola pública de Santa Maria/RS. Sendo assim, foi pensado em entrevistar um/a professor/a de cada área curricular, isto é, Linguagens (Língua Portuguesa, Estrangeira moderna, Materna-para população Indígena, Arte e Educação Física), Ciências da Natureza (Biologia, Química e Física), Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia) e Matemática.

11 Ver Apêndice C.

Igualmente, fariam parte da pesquisa a coordenação pedagógica e a professora responsável por ministrar as aulas da disciplina de Seminário Integrado¹². Contudo, não foi possível o contato com a professora representante da área da Matemática. A temática de pesquisa foi apresentada aos professores/as e foi feito o convite para a participação da mesma. O mesmo foi feito com os/as estudantes selecionados.

Todos/as foram informados sobre o termo de responsabilidade¹³, que visa garantir e assegurar total privacidade e confidencialidade quanto ao aceite em participar da pesquisa, além de concordar, autorizando a posterior divulgação dos resultados decorrentes do estudo. Todavia, foi solicitado que este documento fosse encaminhado aos responsáveis, uma vez que cinco dos seis jovens, isto é, estudantes do Ensino Médio possuem menos de dezoito anos.

As entrevistas foram realizadas ao longo de três semanas no mês de março, sendo destinados dois dias de cada semana para a realização das mesmas. Durante este período foram realizadas, também, algumas incursões no campo. As entrevistas foram realizadas em uma sala de estudo de professores, localizada nas dependências da escola e facilitadas pela utilização de *smartphone*, via aplicativo de gravador de voz.

Após a realização da entrevista, as informações, narrativas e particularidades proferidas por todos sujeitos da pesquisa foram captadas, transcritas, organizadas e, paulatinamente, analisadas. A organização consistiu em disponibilizá-las lado a lado em cartolinas¹⁴, objetivando uma melhor visualização das respostas para a definição das categorias de análise que ali surgiram.

As categorias foram construídas a partir da repetição e/ou similaridade das respostas obtidas em cada bloco de perguntas. Considerando a descrição do desenvolvimento do presente estudo, para um maior detalhamento sobre a realização das etapas cumpridas, pode-se verificar o cronograma de execução de pesquisa¹⁵.

12 Este componente curricular integra a nova base curricular do Ensino Médio Politécnico do Rio Grande do Sul (RS) e possui o objetivo de promover a interação entre as diferentes disciplinas. Para mais informações acesse o site da Secretaria da Educação do RS, disponível no link: http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao. Acesso em: 22 de mai. de 2016.

13 Ver Apêndice D.

14 Ver Apêndice E.

15 Ver Apêndice F.

2.4 SUJEITOS DA PESQUISA: JOVENS ESTUDANTES E PROFESSORES/AS DO ENSINO MÉDIO

O presente subcapítulo possui como intuito apresentar os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa, demonstrando algumas de suas características e trajetórias socioculturais, educacionais e profissionais. Esta descrição é importante, pois pretende dar visibilidade a alguns elementos que possuem relações com a construção histórica desses sujeitos.

2.4.1 Jovens *Funkeiros* da Escola: perfis socioeducacionais

Neste subitem, pretendo descrever os/as estudantes da escola em que foi realizada a investigação, os quais foram, também, entre outras fontes de pesquisa, protagonistas deste estudo. Deste modo, pretende-se demonstrar por onde o contato desses jovens com o *Funk* é proporcionado. Utilizo aqui o termo *Funkeiros* para designar do mesmo modo que Vianna (1988) qualquer sujeito que se vincule ou ao menos aprecie um pouco de algum elemento que envolva o *Funk*.

As denominações de cada sujeito entrevistado advêm das identificações e preferências dos/as próprios/as jovens com certos/as Mestres de Cerimônia (MCs) do cenário do *Funk* nacional, que foram indicados nos questionários e entrevistas. Alegorias, portanto, foram criadas para associar o jovem entrevistado ao nome de seu MC preferido e aqui, agora, representante. A alegoria, segundo Lazzarin (2015, p. 523) “constitui-se como uma figura de linguagem que propicia dizer alguma coisa diferente do sentido literal, emprestando-lhe colorido e intensidade de expressão”.

Logo, nossos/as entrevistados/as ficaram assim personificados/as:

a) MC Menor do Chapa

“*Quem é que não quer viver na ostentação, né?*”

Este jovem possui 16 anos e está cursando o 1º ano do Ensino Médio, não possuindo nenhum outro trabalho. Ex-morador da vila Nonoai, zona sul de Santa Maria, não hesita em demonstrar que este é o seu lugar, apesar de ter se mudado e de atualmente estar morando na zona leste da cidade. Filho de pais separados, *MC Menor do Chapa* possui 5 irmãos, sendo 2 por parte de pai. Mora com a mãe, padrasto, irmã de 17, irmão de 16 e irmãzinha de 2 anos de idade. O pai reside na cidade de Torres, litoral norte do Rio Grande do Sul e costuma receber o

jovem nas férias de verão. Inclusive nesta temporada, nosso MC relata que compareceu ao *show* do MC Dino, representante do estilo ostentação.

Mãe e padrasto são os seus responsáveis na cidade, estes não completaram o segundo grau, pois pararam de estudar no 2º ano. Seu padrasto trabalha como promotor de vendas de uma marca de erva-mate e sua mãe, atualmente, fica mais em casa, pois a irmãzinha de 2 aninhos necessita ser atendida. Quando não está na escola o jovem gosta de sair com os amigos do “bonde da Nonoai” para “dar uma banda”, isto é, um rolê, em termos gaúchos, no centro da cidade e no *shopping*. Seu contato com o *Funk* é facilitado pelos diversos ambientes e dispositivos: “Em todo lugar! Na rua, nas festas, no *shopping*! É só botar no celular! (rs)”. Costuma frequentar as festas e junções de *Funk* nos finais de semana e não esconde a sua preferência e, também, a de sua família pelo *Funk* ostentação.

b) MC Valesca Popozuda

“Eu escuto tudo que é tipo de funk e os vizinhos ficam pirados comigo porque eu lacro o som lá em casa. Eu boto bem alto e eles enlouquecem.”

Esta entrevistada possui 17 anos, também está cursando o 1º ano do Ensino Médio, no turno matutino, e à tarde trabalha como vendedora em uma distribuidora de alimentos da cidade. Ex-moradora da zona norte de Santa Maria, atualmente reside na zona sul santa-mariense com a mãe de 48 anos, irmão de 22 anos e a avó de 79 anos. Esta acabou falecendo semanas após a entrevista. Quanto ao grau de escolaridade da família, a mãe parou de estudar na 6ª série do 1º grau e o irmão parou de estudar no 1º ano do Ensino Médio, mas retornou à escola neste ano para cursar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) à noite.

A renda familiar gira em torno dos saldos acumulados pelo trabalho de cada membro da família. Quando possui um tempo livre gosta de sair com os amigos do centro e de outros bairros e, também, de escutar música. Nos finais de semana sempre vai às festas *Funk* com seus grupos de amigos dos diferentes bairros localizados em periferias urbanas, tais como vila Urlândia, vila Lorenzi, vila Schirmmer e Tancredo Neves. Segundo ela, o acesso ao *Funk* é proporcionado por “todos os lugares”, ou seja, pela internet, pela rua, pelas festas e pelos bairros aonde frequenta.

c) Mc Anitta

“A letra não importa muito e sim o ritmo. Eu gosto de inventar, eu gosto de pegar o ritmo e fazer a minha própria coreografia.”

MC Annita é uma jovem de 16 anos que se dedica somente aos estudos. Ela está cursando o 2º ano do Ensino Médio e mora “na rua de trás da escola”, bairro Medianeira, zona sul de Santa Maria, junto com a sua família. Esta é representada pela avó, mãe, tia, tio, irmãos

e afilhada. Seus irmãos possuem 13 e 9 anos de idade. Sua avó parou de estudar muito cedo, pois possuía muitos irmãos e, nesse sentido, alguns obtiveram a oportunidade de estudar e outros não, devido às responsabilidades junto aos afazeres de casa. Todavia, a sua mãe e sua tia conseguiram concluir o 2º grau.

O trabalho da mãe consiste em auxiliar nos serviços gerais de outra escola pública das redondezas, na condição de funcionária pública e sua tia parou de trabalhar, pois atualmente cursa faculdade de moda. No tempo que não está na escola a jovem relata que gosta de ler bastante, deleitando-se com leituras juvenis, romances e ficção científica. Do mesmo modo, outra prática preferida é escutar música e desenhar.

O grupo de amigos com quem compartilha suas vivências é uma mistura dos grupos dos colegas da escola, do bairro e da família. Quanto aos ambientes em que possui acesso ao *Funk*, esta destaca que o contato é privilegiado através da internet, via *site youtube* e das festas que frequenta que, geralmente, são aniversários e/ou junções, quando lhe é concedida a permissão para participar.

d) MC João

“Não moro na vila, mas eu gosto de dizer que eu sou favelado e que eu sou da vila, porque a minha família toda morou em vila. Eu não tenho preconceito em dizer, eu gosto e aceito o jeito que eles são e tenho orgulho.”

Este entrevistado possui 17 anos e está cursando o 3º ano do Ensino Médio, não possuindo vínculo empregatício de qualquer ordem. Reside com o pai, mãe, irmã de 22 anos e namorada de 15 anos, próximo à escola, no bairro Medianeira, zona sul de Santa Maria. A convivência da namorada com a família é, em suas palavras, “de boas”, ou seja, “tranquila e favorável”. A família a trata como outra filha, além disso, a mesma é sua colega de sala de aula. Os responsáveis possuem o 2º grau completo, sendo o pai aposentado da Brigada Militar e a mãe estagiária em uma clínica de dentista, onde realiza serviços gerais.

MC João destaca que seu projeto de vida é seguir, como o pai, a carreira militar. No tempo que não está na escola gosta de sair com os primos e/ou amigos do núcleo escolar ou ficar em casa ouvindo música. O acesso ao *Funk* se dá pelo meio virtual, através de vídeos do *youtube* e, também, através da participação em festas. Na escola, ele é conhecido como “*MC Chinezi*”, pois *Chinezi* é seu apelido de infância e o adendo *MC* se justifica por ele improvisar músicas de *Funk* a partir de conteúdos escolares dentro da instituição.

Esta já é uma prática cotidiana, pois ouve *Funk* desde criança em seu bairro e está acostumado a improvisar rimas. Possui vinculação, principalmente, com as letras de *Funks* que fazem alusão aos territórios compartilhados em periferias urbanas e as relações sociais que ali

se estabelecem. Baile de favela é o seu *hit* do momento, por isso o denominei *MC João*, autor da referida música.

e) MC Tati Zaqui

“Eu danço funk e não necessariamente preciso rebolar a minha bunda. Eu danço só o passinho do funk, só com as pernas, sabe? E todo mundo fica tipo: Nossa! Como é que tu faz isso?”

Esta jovem possui 18 anos e está cursando o 3º ano do Ensino Médio pela manhã na escola, trabalha à tarde como estagiária na procuradoria do estado e à noite frequenta cursinho preparatório para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Mora com os pais e o irmão de 23 anos no bairro Nossa Senhora de Lourdes, zona sul de Santa Maria. O pai estudou até o 2º ano e a mãe até o 1º ano do 2º grau. Após muitos anos, a mãe concluiu o 2º grau através da EJA. O pai é sargento aposentado da Brigada Militar e a mãe trabalha como empregada doméstica.

Seu grupo de amigos é composto por seu núcleo familiar e escolar e o que a jovem mais gosta de fazer quando possui um tempo livre é passear em uma praça ou no *shopping* com o seu grupo de amigos. Destaca que está sempre conectada à rede da internet e por isso seu acesso ao *Funk* é facilitado, através de visualizações de clipes no *site youtube*. Do mesmo modo, destaca que nas ruas da cidade também há o contato, pois há carros que circulam tocando *Funk* em alto e bom som, assim como pessoas que transitam a pé, ouvindo *Funk* pelo celular, através do dispositivo viva voz, que garante o volume alto. Além disso, as festas que frequenta também constituem espaços de acesso ao *Funk*.

f) MC Maneirinho

“Bah! A roupa que eu uso, o jeito que eu ando não define quem eu sou.”

Este jovem desde sua infância sempre estudou na escola onde o estudo foi desenvolvido, possui 16 anos e está cursando o 3º ano do Ensino Médio pela manhã. À tarde trabalha como jovem aprendiz em um posto de gasolina da cidade. Reside apenas com os pais na vila Esperança, zona sul de Santa Maria, próximo à escola, pois os dois irmãos ao completarem 19 anos, saíram de casa e foram morar com as companheiras. Os pais completaram o 2º grau, porém tiveram que interromper o seguimento dos estudos para começar a trabalhar por causa do nascimento do primeiro filho. A mãe trabalha na administração de um colégio particular da cidade e o pai é porteiro.

Quando o jovem não está na escola e no trabalho gosta de “jogar bola”, isto é, jogar futebol e o grupo de amigos com quem socializa pertence ao bairro e à escola. Seu contato com o *Funk* se dá a partir das festas que ele frequenta, pois conforme suas próprias palavras: “Acho

que não tem uma festa de jovem que não tenha *funk* hoje em dia, né?”. Igualmente, salienta que na vila onde mora quando está com os amigos conversando sempre estão ouvindo um *Funk* pelo celular ou pela internet, via *site youtube*.

2.4.2 Professoras e Professor representantes de cada área dispostos a participar do baile

a) Coordenação Pedagógica

“Eu sou de uma geração totalmente diferente da deles. Não que eu seja contra qualquer coisa, mas eu acho que tem espaços e espaços”.

A professora representante deste cargo possui 59 anos e sua área de formação é Letras/Licenciatura em Língua Portuguesa. Ela relata que leciona há 20 anos e que já ministrou aulas em cidades do interior do Rio Grande do Sul, na disciplina de Português e, também, em outras da área de Linguagens, como Educação Artística, por exemplo, devido à necessidade da instituição por determinado período. Possui duas especializações, uma em sua área de formação inicial e outra na área do trabalho pedagógico. Em sua fala aponta que já trabalhou com o Ensino Fundamental e Médio, todavia destaca que está à frente da coordenação pedagógica da Escola alvo da pesquisa há cerca de 10 anos.

b) Docente da Disciplina Seminário Integrado

“Eu prefiro trabalhar com os alunos do Ensino Médio, adolescentes mesmo. Eu acho que é mais fácil a comunicação.”

A professora responsável por esta disciplina possui 33 anos, a sua formação inicial é na área de Biologia e por volta de 10 anos leciona no magistério estadual. Atualmente se encontra em exercício efetivo, possuindo 40 horas semanais. Destas, ela menciona que 20 horas são cumpridas pelo turno da manhã, na escola onde a pesquisa foi desenvolvida, à frente da disciplina do Ensino Médio, intitulada Seminário Integrado. Já as outras 20 horas são exercidas no turno da tarde, como professora de Biologia e Ciências do Ensino Fundamental em outra escola da zona oeste da cidade de Santa Maria.

c) Docente da Área das Linguagens

“Eu acho que há uma negação da cultura brasileira dentro das escolas por falta de esclarecimentos. É como se o Brasil não tivesse a sua cultura riquíssima! Não há o foco de reconhecer o Brasil como produtor de dança, de folclore. Falou em funk todo mundo fica apavorado e pensa em bunda e em drogas, não pensa que é uma música, uma dança, um estilo de vida!”

A professora representante dessa área possui 45 anos e leciona há 7 como professora concursada do magistério estadual, pois antes atuava em regime de contrato. Sua formação inicial é em Artes Cênicas. Ela relata que possui experiência em várias escolas da cidade e também com escola rural. Atualmente é responsável pela disciplina de Arte no Ensino Médio da escola em que foi realizada a pesquisa. Além de trabalhar nesta escola, atua também em uma escola da periferia urbana situada na zona norte santa-mariense. Em relação a sua prática pedagógica, ela salienta que sempre procura privilegiar e trabalhar com a cultura dos/as alunos/as. Nesse sentido, inicia com questionamentos acerca da palavra “arte”, indagando o que ela significa e o que eles/as reconhecem como Arte. Assim sendo, a partir da articulação da realidade dos/as alunos/as com os conteúdos programáticos da disciplina ela inicia a elaboração do planejamento das suas aulas.

d) Docente da Área das Ciências da Natureza

“Eu sou muito da cultura local, eu gosto de música regional gaúcha e tal... Então, pra mim o funk é uma invasão, ele tá tentando invadir, tentando não, ele tá conseguindo já. Então, não tem o que fazer mais.”

A docente que representa a sua área, no presente estudo, possui 47 anos e sua formação inicial é em Biologia. Ela destaca que ao longo dos 23 anos em que está em exercício no magistério estadual sempre lecionou na escola onde o estudo foi realizado. Trabalha com a disciplina de ciências no Ensino Fundamental e, recentemente, com a de biologia no Ensino Médio. Moradora de uma vila, próxima à escola, zona sul santa-mariense, relata que é vizinha de grande parte dos/as alunos/as. Logo, destaca que além de conviver com os jovens e as jovens em âmbito escolar, a convivência também é compartilhada no bairro onde residem.

e) Docente da Área das Ciências Humanas

“Tenho uma trajetória pessoal, tenho um ponto de estudo de juventude que foi uma parte da minha vida que eu já abandonei, mas que em sala de aula eu tento dar conta. Só acho que ainda não há um esforço muito teórico de nós mesmos conseguirmos organizar práticas pra pensar o funk na escola, porque eu acho que ele ainda é muito assustador.”

O docente representante desta área possui 29 anos, é formado em História, entretanto, tem atuado com a disciplina de Geografia no Ensino Médio da escola, em decorrência da demanda da instituição. Possui mestrado na área de História e está cursando o doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de pesquisa “História e Religiosidades”, abrangendo a temática de práticas mediúnicas e espiritismo. Está atuando no

magistério estadual há quatro anos e, atualmente, é também professor substituto em uma disciplina do curso de Pedagogia da UFSM.

Destaca que a sua primeira experiência de pesquisa foi com a juventude do *rock*, fato que o vincula com a musicalidade e às práticas culturais juvenis. Salienta, também, que se identifica muito com a temática desta dissertação, pois afirma que gosta de festas e que aprendeu a gostar do *funk* e de sua batida característica, quando da convivência com militares cariocas, no período em que serviu ao Exército. Nesse sentido, salienta que a sua inserção no *funk* está relacionada às suas experiências do passado e que essa realidade possibilita que ele se aproprie de alguns aspectos da cultura para utilizar em sala de aula.

3 VAI COMEÇAR A OUSADIA: MENTALIZA NA BATIDA E DEIXA A DISCUSSÃO DOS DADOS TE LEVAR¹⁶

O presente capítulo reúne a análise e discussão dos dados, produzidos ao longo da pesquisa, objetivando responder aos objetivos propostos pelo estudo. Portanto, através de subcapítulos temáticos, os quais serão apresentados a seguir, foi permitido ousar no campo das reflexões no sentido de atribuir significados às fontes de pesquisa produzidas.

3.1 DESAFIO, TENSÃO E RENOVAÇÃO: REPRESENTAÇÕES ASSOCIADAS AO TRABALHO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO

Dando início ao “baile teórico” que esta dissertação pretende promover, esta seção visa explorar e visibilizar alguns aspectos que as falas dos/as docentes entrevistados/as suscitaram. Assim pois, o presente tópico visa trazer para a pista algumas das representações recorrentes apontadas nos fragmentos de discursos extraídos para a análise, e que se vinculam ao exercício de se trabalhar com jovens do Ensino Médio na contemporaneidade.

Por isso, quando questionado/as sobre o gosto em se trabalhar com jovens, isto é, “O que significa pra ti? O que representa? Por que te movimenta?”, as falas foram unânimes e ecoaram no sentido de tecer uma rede que envolve motivações oriundas dos desafios, das tensões e das renovações que o trabalho com sujeitos que vivenciam essa condição provoca:

“Gosto e é um desafio! A gente tem um pouco daquele choque de gerações, mas a gente tem que procurar entendê-los, porque é diferente. A vivência é diferente e a gente tem que evoluir junto com eles.”

Coordenação Pedagógica

“Eles são uma caixinha de surpresa na verdade, né! Quando eu passei a trabalhar com o Ensino Médio eu tive um certo impacto, mas depois eu vi que é muito interessante. Eles têm muito a acrescentar pra gente, então tu cresce trabalhando com o adolescente. É só tu saber que eles têm o que te passar também, não é só tu que tem. Eu acho isso muito interessante.”

Docente de Ciências da Natureza

A Juventude constitui “uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas: uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 1993, p. 29). Será essa disposição para a mudança a responsável pelo “choque” e pelo “impacto”, mencionados pelas professoras?

¹⁶ Metáfora criada a partir do nome e de fragmentos de um dos hits atuais do MC Gui, com vistas a introduzir a análise e discussão dos dados obtidos. Para acessá-lo: <https://www.youtube.com/watch?v=OB9VHwg1Wos>. Acesso em: 03 de jun. de 2016.

Pode ser que sim, pois conforme Levi e Schmitt (1994), a Juventude constitui uma condição temporária e efêmera, ao contrário de outras categorias que, frequentemente, são compreendidas a partir de uma tendência relativa a uma permanência um pouco mais efetiva, tais como a classe social e o gênero, por exemplo. Por isso, as esferas culturais por onde circulam fazem emergir as situações responsáveis por moldar a produção de diferentes juventudes que, por sua vez, são atravessadas por características de cada tempo.

Nessa ótica, professores e professoras da cena contemporânea são sujeitos que carregam realidades e construções históricas elaboradas em outros períodos históricos e que fundamentam o modo como se relacionam e percebem o mundo. Todavia, diante da rotina de ofertar, por exemplo, os “mesmos” conteúdos e tarefas para os “mesmos” alunos de sempre, é inevitável esbarrar em todas essas mudanças e diferenças históricas que surgem diariamente através do cotidiano escolar (TARDIFF, 2002).

Nesse sentido, a tensão ou o conflito relatado nos fragmentos de discursos podem ser decorrentes de uma sensação coletiva de desassossego perante o choque proporcionado pela mudança de comportamento dos estudantes. Em contrapartida, esse incômodo é o mesmo que gera a sensibilidade para perceber que os jovens também possuem “conteúdos” para passar, isto é, trocas culturais para realizar com o corpo docente em uma espécie de escambo que revigora:

“É como se eu me renovasse, entende? Eu falo até que a gente se mantém jovem. Acho que esse talvez seja o sonho do professor! Que todo professor se mantenha em sala de aula como se realimentasse aquilo que ele viveu. O espaço escolar é sedutor por isso, não sei bem, mas eu me sinto, tanto vivendo as etapas deles, as formaturas, os ritos de passagem e as coisas e tais, mas também o fato de que tu percebe assim como se tu te renovasse... Os sonhos, as conquistas, né? Eu acho que isso é o que me faz ser professor de jovens, mesmo tendo tensão, conflito, dificuldade, briga...”

Docente de Ciências Humanas

“Eles me renovam! Também porque eu me preocupo muito com eles, com o que vai ser com o futuro deles, o que eu posso ajudar, conscientizar pra eles terem um futuro melhor, pra terem maiores esclarecimentos e, principalmente, porque arte tá muito presente, também, na cultura juvenil, né! Através da música, da dança, do teatro, do cinema, do vídeo, da internet.”

Docente de Linguagens

A noção de “renovação” encontra-se associada a uma dimensão etária, à juventude como fonte daquilo que é novo, dotado de frescor. A profissão de professor permite, portanto, um reviver constante da experiência juvenil o que configura uma questão importante para se pensar juventude e relação intergeracional. Nesse viés, renovar-se a partir do trabalho com jovens possibilita, então, que o professor se modifique, ampliando o seu universo de experiência pessoal e profissional. Nesse sentido, movimentar a sua racionalidade pedagógica colabora para repensar a sua própria prática, reconhecendo e legitimando as diversas práticas e Culturas Juvenis como fonte de renovação, por exemplo.

Outra representação associada aos conflitos e tensões reside no fato de que a sociedade atual modifica-se constantemente em diferentes âmbitos: o social, o econômico, o cultural e o tecnológico. Essa oscilação acarreta o arranjo de novos e diferenciados comportamentos dos jovens da Educação Básica brasileira urbana, ocasionando paulatina modificação no perfil dos/as estudantes. Dentre as novas condutas, o modo como se relacionam com as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e/ou mídias merece destaque no cenário atual.

Torna-se pertinente destacar que as diferentes mídias correspondem a “[...] todo aparato material e simbólico relativo à produção e veiculação de mercadorias de caráter cultural” (SETTON, 2009, p. 63). Portanto, a interação com as tecnologias, o crescente desinteresse pelas aulas das disciplinas ou pelas práticas escolares, as afrontas, são apenas algumas dessas modificações nos comportamentos dos jovens de hoje. Nesse sentido:

“O que é pra daqui a pouco já não interessa pra eles ou pouco interessa. Então, eles são meio que um estereótipo assim né de um jovem que não quer trabalhar, não quer estudar. Ele quer aquele momento, aquela vivência do momento. A gente vê isso na questão da escola, né. Tu propõe um trabalho diferente e eles não aceitam, tu propõe alguma coisa pra eles fazerem, pesquisa, exatamente para usar os meios tecnológicos e eles não querem. Eles querem alguma coisa que seja rápida e o resultado rápido. Se não for isso eles não...”

Coordenação Pedagógica

A interação com essas tecnologias proporcionam que nossos jovens passem a experimentar uma temporalidade incutida de “*agoras*”, pois o cotidiano contemporâneo constitui para eles a referência, o foco no presente é o que interessa. Essa ênfase nos novos comportamentos, decorrente dos avanços tecnológicos, advém do fato de que a grande rede virtual permite que os jovens, entre outras ações, acessem e compartilhem conteúdos, visualizem imagens e escutem músicas de todo o tipo.

Este acesso é possível desde aparelhos maiores como as televisões digitais e os computadores e, também, proporcionado a partir de uma dimensão mais compacta, por meio de dispositivos móveis, conhecidos como celulares e/ou *smartphones*, muito utilizados pelos jovens hoje em dia. Considerando esses avanços tecnológicos, compreende-se que os mesmos repercutem nas subjetividades desse grupo, formando verdadeiras ciberculturas juvenis, isto é, âmbitos de encontro virtual entre jovens que, apesar de estarem distantes no espaço físico, trocam informações e dados sobre questões de seu interesse (MASSONE, 2011).

Portanto, consideramos que o tripé “desafio, tensão e renovação”, representado pela fala dos/as docentes entrevistados/as, encontra-se atrelado à dimensão social e histórica que constrói as identidades culturais dos jovens da atualidade e que, conseqüentemente, estabelece a crise associada ao trabalho com estes sujeitos. Porém, esta mesma crise é a responsável por deslocar

os docentes de seus tradicionais pontos de referência e movimentá-los em busca de alternativas que permitam o reconhecimento de que os/as jovens com quem atuam também podem contribuir no processo de ensino/aprendizagem.

Logo, o reconhecimento e a apropriação das realidades vividas pelas Juventudes presentes na escola podem ser passíveis de serem articuladas aos conteúdos, cooperando para que estudantes se reconheçam como sujeitos históricos em meio às atividades propostas, tornando-as mais atraentes.

3.2 MUNDO *FUNK*: DIFERENTES PERTENCIMENTOS X DIFERENTES PRECONCEITOS

O presente subcapítulo visa apresentar por onde circulam as aproximações dos jovens da escola com a Cultura Juvenil do *Funk*, isto é, a partir de quais elementos a relação com a cultura tem sido estabelecida e as representações elaboradas. Do mesmo modo, pretende-se demonstrar a percepção destes mesmos jovens quanto aos aspectos que legitimam os preconceitos para com o *Funk*, decorrentes das representações difundidas e que circulam pela sociedade.

O que te atrai no *Funk*? A relação é estabelecida por quais elementos? A resposta para essas perguntas lançadas constituíram-se plurais, do mesmo modo como se constituem múltiplos os aspectos que envolvem o mundo do *Funk*. Afinal, como é que se processam as identidades culturais? Elas vão sendo construídas através do modo como nos relacionamos com determinadas culturas e grupos sociais específicos. Para Hall (2005), elas correspondem aos aspectos que nos tornam pertencentes a culturas étnicas, raciais, linguísticas e, sobretudo, nacionais.

“A cultura é de fato um sistema fechado de características que distingue uma comunidade de outra” (BAUMAN 2012, p. 125). Assim, entende-se que o pertencimento e a identidade são desprovidos de solidez e dotados de movimento, uma vez que as escolhas, decisões e ações do sujeito, constituem fatores determinantes para essa mobilidade (BAUMAN, 2005). Nessa ótica, em meio ao afluxo de identificações, categorias de pertencimento foram detectadas, através dos excertos de discursos obtidos, e emergiram a partir do envolvimento estabelecido por meio do ritmo/batida, da dança, da letra, da vestimenta e do tom cômico atribuído a alguns cliques e músicas.

Este misto de aspectos constituem articuladores de subjetividades individuais que vinculam os jovens e as jovens entrevistados/os à referida Cultura Juvenil. Neste sentido, a partir de agora, os fragmentos de discursos podem ser aqui conferidos:

“Eu gosto do ritmo, da dança, da vestimenta, tudo! Na ostentação, tudo! Eu gosto de tudo da ostentação. Correntes de ouro... (rs). Também tem uns da putaria que eu gosto que é o MC Pedrinho, MC Danado, tem vários... Eu gosto de escutar todas as músicas.”

MC Menor do Chapa

O jovem enuncia a vinculação a diferentes categorias vinculadas a um tipo específico de *Funk*, além de mencionar, também, outra vertente. O “*Funk Ostentação*” e o “*Funk Putaria*”, em outras localidades conhecido como “*Funk Proibidão*”, protagonizam os estilos que o vinculam à cultura *Funk*. O *Funk Ostentação* é originário do gueto paulista e o perfil consumista ditado por essa veia do *Funk*, já consagrada junto ao público juvenil, “ostenta”, exhibe e valoriza itens de consumo, tais como artigos de luxo, automóveis importados e roupas de grife.

Nessa perspectiva, de acordo com Brum (2013), o *Funk Ostentação* destaca o consumismo e a conseqüente satisfação que essa prática proporciona, uma vez que nos cliques musicais são privilegiadas imagens que demonstram os cantores e/ou *MCs* ornamentados com cordões de ouro, roupas de marcas famosas, cercados por carros de luxo, muito esplendor e mulheres bonitas. Também é caracterizado pela utilização de um conjunto de representações que reforçam estereótipos de gênero, fazendo apologia ao consumismo exagerado de bens e reduzindo as mulheres a meros objetos de compra e venda, em função da sedução que o poder aquisitivo masculino exerce sobre elas.

Já o “*Funk Putaria*”, como é conhecido o “*Funk Proibidão*” aqui no Rio Grande do Sul, se baseia em letras que discorrem sobre a vivência explícita da sexualidade heteronormativa, exaltando e descrevendo como ocorrem as práticas sexuais. A vinculação do jovem a este estilo pode ser analisada como conseqüência dos desejos e das curiosidades que emergem nessa faixa etária e que estão associadas ao prazer que o sexo proporciona. As músicas de MC Pedrinho e Danado podem estar traduzindo para este jovem e, sobretudo, para diversas Juventudes representações sobre aquilo que nessa idade é tão revestido de pudores e de tabu: a experiência de se relacionar sexualmente com um/a parceiro/a.

Voltando ao *Funk Ostentação*, compreende-se que este fundou um estilo ancorado em uma estética trabalhada no ouro e no brilhante, em cordões, anéis, alargadores de orelha e relógios, além da constante presença de automóveis e motos de luxo em seus cliques audiovisuais. Todo esse arsenal ostensivo, impulsionado por essa vertente, nos auxilia a refletir sobre o consumo na contemporaneidade:

“Eu gosto por causa do jeito que eles se vestem, eles usam roupa tri, correntes e pah e das músicas também que fala sobre a ostentação de carro e moto. Quem é que não quer estar na ostentação? É tri, imagina tu na ostentação! Com várias correntes de ouro, mulher dentro da tua casa e mansão, carro, moto (rs).”

MC Menor do Chapa

Para Santos e Paiva (2013) a ascensão do *Funk* Ostentação e sua popularização entre os jovens demarca este estilo enquanto vanguarda de um circuito cultural e econômico. Criado por artistas paulistas, agentes da produção simbólica contemporânea, o estilo musical opera no sentido de dar sonoridade às vozes difusas. Este som, por sua vez, parece ecoar de modo a reivindicar o direito de dialogar com a sociedade de consumo, outrora reservada para uma única parcela da população, aquela que possui fartura de capital. Todavia, diferentemente da compreensão que grande parte da sociedade compartilha, este diálogo não é permeado pela irracionalidade desenfreada e despontada pelos mecanismos que o consumo suscita, uma vez que o ato de consumir transita pelo espaço do pensar:

[...] quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade, de combinarmos o pragmático e o aprazível. (CANCLINI, 2005, p.35).

Nessa leitura, a fala do estudante sustenta a noção do autor no que concerne o consumo como apropriação de significados, no sentido de representar aquilo que se deseja demonstrar ao mundo que nos cerca; de aliar aquilo que nos é útil ao que é agradável, ou seja, que nos é prático e prazeroso. Conforme Canclini (2005), ao admitir que a prática do consumo relaciona-se com a do pensar, de escolher e de reelaborar o sentido local, é necessário problematizar como essa área de apropriação de bens e significados interfere em modos mais ativos de participação do que aquelas que habitualmente recebem o rótulo de consumo.

Em outras palavras: “devemos nos perguntar se ao consumir não estamos fazendo algo que sustenta, nutre e, até certo ponto, constitui uma nova maneira de ser cidadãos” (CANCLINI, 2005, p. 42). Portanto, os elementos representados nos clipes audiovisuais e nos discursos contidos nas músicas de *Funk* Ostentação constituem-se em importantes artefatos culturais de análise, estabelecendo-se também como pedagogias culturais, aquelas que educam, incitam comportamentos, tecendo identidades culturais.

Logo, será que estes artefatos culturais, isto é, os discursos de suas músicas, podem estar de fato agindo como formas de fomentar nos jovens alguma certa representação do que seria o estilo de vida ideal a ser seguido e representando-o enquanto unívoca condição de felicidade? Afinal, a cidadania não vem sendo pautada pelo consumo? Mas é claro! Esta representação

perpassa a ordem do desejo. Então, conforme nos questiona MC Menor do Chapa: “Quem é que não quer estar na ostentação?”. É tri¹⁷, não é mesmo?

Outra categoria bastante evidenciada nas falas é a relação com o mundo *Funk* estabelecida através da dança. O movimento humano materializado por meio dos gestos que esta prática corporal proporciona reúne o desenvolvimento de valências físicas como coordenação motora, equilíbrio e ritmo e, também de aspectos subjetivos que englobam a sensação de bem-estar e a criatividade, atreladas ao ato de dançar:

“Tudo e o que me atrai é o prazer de dançar. Não Sei explicar... Quando eu tô dançando assim, bei!! Parece ser outra pessoa, é outra coisa muito diferente.”

MC Valesca Popozuda

Conforme Johnson (2004), o conceito de subjetividade desafia as ausências da consciência, pois elementos que se encontram subjetivamente ativos nos afetam e nos movimentam, mesmo sendo conscientemente desconhecidos. Aquilo que nos subjetiva, nos captura, nos seduz pelo simples fato de atribuirmos significados à nossa vida estética ou emocional, por exemplo, e que às vezes nem nós mesmos sabemos explicar. Nesse sentido, a subjetividade produz identidades individuais e coletivas, pois não está dada, mas é sim produzida e por esse motivo configura-se em muitas pesquisas como objeto de análise. A dança, por sua vez, explicita aqui um tipo de subjetividade construída em meio a uma cultura musical específica que produz identificação e pertencimento.

Ela configura um meio de se relacionar com o próprio corpo, com suas emoções e percepções, de produzir movimento humano ou de reproduzir as composições coreográficas que já existem. As “danças da moda”, isto é, difundidas e partilhadas em rede por milhares de jovens brasileiros/as são elaboradas e reportadas em diversos contextos:

“Tem umas coreografias prontas, que muitas vezes meus amigos acabam dançando e eu acabo dançando também. As coreografias são vistas no próprio videoclipe, mas tipo eu gosto do *funk* porque não é aquilo taxado pelo ridículo, sabe? Porque todo mundo dança. Então, se tu dançar num ritmo ali que tu encaixa na música, a tua dança é normal e tu só vai curtir a festa.”

MC Tati Zaqui

De acordo com Vilela (1998), a dança que envolve o *Funk* pode ser reconhecida como uma dança popular do contexto da cidade, isto é, danças de lazer vivenciadas em festas e que articulam uma espécie de "folclore urbano". As movimentações mais populares e associadas a ela envolvem balanços corpóreos sinuosos e sincronizados com os quadris, na forma de rebolados. Nas formas atuais assumem o *status* de “quadrado”, movimentação pélvica que

¹⁷ Gíria gaúcha característica para se referir a algo que é muito bom.

busca desenhar a figura geométrica do quadrado com o próprio corpo e que é “travada” a cada batida emitida pelo ritmo.

Do mesmo modo o “passinho do *Funk*” também tem sido muito difundido, pois representa uma alternativa ao rebolado, já que se utiliza das movimentações dos membros inferiores de forma frenética e intensa, assemelhando-se ao frevo pernambucano. A criatividade agregada à elaboração de combinações de passos também é privilegiada através do envolvimento com a dança:

“É pela batida, pelo o modo de dançar porque eu gosto muito de dança, então eu me interesse bastante por vários tipos, vários estilos. A letra não importa muito e sim o ritmo. Eu gosto de inventar, eu gosto de pegar o ritmo e fazer a minha própria coreografia. Eu gosto de pegar os movimentos que já são característicos e misturar com os que eu invento. Eu pego geralmente os movimentos básicos que todo mundo conhece do *funk*, O que tu acha que quando escuta aquela música é o que o teu corpo manda, geralmente com balanço de quadris. Eu digito no *youtube*, por exemplo, a coreografia da música que eu quero, mas por inspiração mesmo pra mim depois criar as minhas. É, e daí vai pegando inspiração de outros clipes, de outros lugares que tu viu outras pessoas dançando e vai criando os teus.”

MC Anitta

Considerando à enunciação acima, compreende-se que o “ritmo contagiante” do *Funk*, isto é, aquele que atrai pela batida, além de estar assessorado pela tecnologia que o difunde, permite a liberdade da criação a partir de movimentações inerentes à modalidade. Além disso, o ritmo configura o elemento fundamental e mais importante, em detrimento do discurso presente nas letras do mesmo. Apesar da representação associada à indumentária característica, independente da vestimenta utilizada ou da movimentação protagonizada, a dança do *Funk* é caracterizada como dança livre, onde todos os corpos dançam:

“Eu gosto da batida e muitas vezes das coreografias. Eu não me vejo tipo usando um *short* (rs) porque eu não gosto de usar. Eu respeito as meninas que usam, mas eu não usaria... Mas eu danço *funk* da mesma forma como as pessoas dançam, sabe? Não importa tipo a roupa que elas colocam, sabe? E sim só o *funk*. Não gosto muito das letras, então eu vou mais pelo ritmo da dança.”

MC Tati Zaqui

Outra aproximação dos jovens ao quesito “danças” que o *Funk* possibilita e que se torna importante de ser analisada, repousa o fato de que elas constituem mecanismos que contribuem para a erotização dos corpos juvenis. Sobretudo, nas festas que eles e elas frequentam:

“Eu acho que o que me atrai mais no *funk* é a dança, porque se a gente tá numa festa e toca o *funk*, normalmente tu vai dançar porque a música é animada, sabe? Porque a música é mais agitada, no momento que toca um *funk* numa festa tu consegue chegar dançando naquela guria, por exemplo. Assim, se toca um *funk* mais pesadinho, mais bagaceiro, aí tu consegue chegar mais pra dançar.”

MC Maneirinho

Neste sentido, a linguagem verbal “bagaceira” que faz correspondência à vivência da sexualidade descrita em detalhes e presente nos discursos do “*Funk Proibidão*” ou “*Funk Putaria*” determina a linguagem corporal a ser adotada na festa, por exemplo. Neste sentido, a

dança no mundo *Funk* organiza-se como um dispositivo especializado em erotizar corpos juvenis, auxiliando-os no encontro de seus próprios corpos, despertando o interesse e promovendo flertes, visto que segundo nossa MC, neste ponto o *Funk*:

“Contribui bastante, porque quando, tipo um rapaz vê uma moça dançando, sabe? Ele vai chegar junto pra ver como é que ela dança e se encaixa o ritmo dele no dela e daí sempre rola uma paquera ali, eles se beijam e fica por isso mesmo ou muitas vezes eles levam pra fora da festa.”

MC Tati Zaqui

Já as aproximações no quesito vestimentas se encontram organizadas em torno de bermudas, camisetas e bonés para meninos e *shorts* e camisetas curtas para as meninas. Contudo, MC João salienta para o fato de que não se deve tomar esta exemplificação de indumentária como rígida e/ou padronizada, pois outras roupas ou ausência delas também podem ser abarcadas pelo estilo, mesmo que com menor frequência:

“Eu não sou muito de dançar *funk*, eu sou mais de ouvir e curtir. Geralmente, vestimenta não tem uma peça... Uso só uma bermuda e fico sem camisa nas festas e boné. Essa seria a vestimenta, no caso. Das meninas seria mais um *short* e uma camiseta curta.”

MC João

Quando às letras das músicas, estas também compõem um lócus aglutinador para o pertencimento à Cultura Juvenil do *Funk*, pois estas se organizam a partir de múltiplas temáticas e práticas discursivas. Às vezes é até difícil de categorizá-las, pois circulam e são apropriadas a partir de diversas nomenclaturas, não se rejeitando-se como um todo. Pelo contrário! Se cruzam muitas vezes, seguindo a noção que discute as identidades culturais. Para Canclini (2005), os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os. A identidade e a diferença tão somente já não podem estar associadas à representação, mas também a hibridização isto é, o modo como se combinam, se mesclam e se misturam.

“Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas”. (CANCLINI, 2005, p. 131). Em outros termos, onde sistemas simbólicos se cruzam, devido aos efeitos da globalização tecnológica contemporânea, por exemplo, identidades híbridas se formam e/ou reconstróem-se em processos de hibridização intercultural. Tomemos emprestadas, então, estas conjecturas para associá-las à hibridez das identidades musicais dentro de um mesmo gênero musical, o *Funk*.

Contudo, apesar de híbridas, para fins de elucidação existem músicas que contém discursos que evocam as práticas criminosas: “*Funk* Proibidão”, a vivência explícita da sexualidade: “*Funk* Pancadão/Batidão/Proibidão/Putaria”, a sensualidade e as desilusões

amorosas: “*Funk Melody*/Melódico/Sedução”, o consumo: “*Funk* Ostentação”, a religiosidade: “*Funk Gospel*” e as realidades vividas em periferias urbanas: “*Funk* Consciente/Crítico”. As letras que priorizam o conteúdo citado por esta última categoria parecem esboçar as vinculações com o *Funk*, relatadas por MC João:

“O que me atrai mais são as letras e o que elas tentam demonstrar, entendeu? É que geralmente eles falam sobre a vida deles e pelo sofrimento que já passaram. Isto assim tipo é o que eu mais presto atenção, que eu gosto de ouvir mesmo e mais a batida também.”

MC João

Tendo em vista as diferentes categorias apresentadas e que sustentam as aproximações dos/as jovens entrevistados/as, compreende-se que os Estudos Culturais além de darem subsídios para que se investigue grupos sociais específicos, estão principalmente, preocupados em investigar como eles se mobilizam. Como e por que sujeitos são afetados a ponto de movimentarem-se em sociedade em prol de alguma direção ou de organizarem-se a partir de algum significado? O objeto de estudo de pesquisas que se pautam pelos Estudos Culturais é, portanto, “a vida subjetiva das formas sociais em cada etapa de sua circulação, incluindo as suas corporificações sociais” (JOHNSON, 2004, p. 75).

Os estudiosos do *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, Raymond Williams e E. P. Thompson compreendem as culturas como formas globais de vida ou de luta. Em outras palavras, vida sob o foco de produção e significação e luta no sentido de resistência (Johnson, 2004). Portanto:

As formas públicas e as formas privadas de cultura não estão isoladas entre si. Existe uma circulação de formas. A produção cultural frequentemente envolve publicação-o tornar público formas privadas. Por outro lado, os textos públicos são consumidos ou lidos privadamente. (JOHNSON, 2004, p. 47).

Um clipe de *Funk*, por exemplo, recolhe e representa alguns elementos das culturas privadas de sociabilidade, através das quais jovens vivem suas vidas nas periferias urbanas. Isso permite com que diferentes jovens se reconheçam em algumas imagens, letras e significações. Nesse viés, expressões culturais como o *Funk* oferecem representações para que os jovens façam suas convenientes apropriações e reapropriações do conteúdo emitido. Assim sendo, foi solicitado que os/as entrevistados/as apontassem alguns *MCs*, músicas e/ou clipes que ouvissem e assistissem, a fim de que demonstrassem representações acerca destes artefatos culturais.

E aí, o que este clipe te diz e porque tu curtes essa música?

“Baile de Favela! A letra dela, tipo, é mais por uma diversão e dizendo o que a favela é, por exemplo, os bairros onde as pessoas moram ou que eles são. O que eles querem mostrar pra todo mundo é o que eles são, entendeu? Porque o bairro mesmo, ele é favela. Eles se consideram e são orgulhos por ser da favela! Essa é a parte que eu mais gosto. O que eles estão tentando mostrar pra todo mundo é que eles são da favela e que eles não têm preconceito com isso e também não estão dando bola para os ricos que tenham preconceito. No Rio de Janeiro, principalmente, onde tem lado que é só rico e outro que é só pobre. Mas, é a favela! Essa música faz a pessoa levantar, sabe? E demonstrar da onde ela é! A Baile de Favela é hoje como era o *rap* da felicidade de antigamente, que eu escuto desde pequeno, quando ele toca eu ajo da mesma maneira que eu ajo na Baile de Favela.”

MC João

A música citada¹⁸, sem dúvida foi uma das músicas mais tocadas nas festas da cidade, quiçá no Brasil, no verão de 2015/2016 e também a que mais causava frenesi. Na verdade promovia êxtase geral, expressado pelas movimentações intensas dos corpos e pelo canto alto dos que a compartilhavam. Com cerca de 118 milhões de visualizações via *youtube*, a música viralizou, caiu no gosto popular e diversas versões foram elaboradas e utilizadas como paródias em muitos contextos e com diferentes objetivos. Até mesmo nas manifestações contra o golpe em curso no Brasil, uma paródia¹⁹ da música foi criada e utilizada.

O *hit* se popularizou por citar os nomes dos bairros periféricos da grande São Paulo, além de trazer a carga erótica, característica de vertentes do ritmo. Porém, o mais curioso é que o arranjo é claramente inspirado em uma música típica da Grécia antiga, denominada *Sikkinis*²⁰. Parte do refrão “putaria” em sua versão original: “[...] e os menor preparado pra foder com a xota dela”, por muitos acusado de fazer apologia à cultura do estupro, foi substituído pela versão mercadológica: “[...] e os menor preparado tudo pra dançar com ela”.

Desse modo, pode ou poderia circular em outros ambientes como a rádio, a escola... As versões duplas, isto é, com e sem conotação sexual são comuns às músicas do gênero musical. Todavia, a representação do discurso em “Baile de Favela” na ótica deste jovem e talvez na de muitos outros e outras, está associada ao orgulho de pertencer a uma favela e não ao seu conteúdo de apelo sexual. Nesse sentido, o jovem indica a existência de um tom de amor próprio e ao mesmo tempo de resistência em assumir-se como “Baile de favela”. Ele cita a cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente a zona sul carioca como território de contraste entre os ricos moradores do asfalto fluminense e os habitantes dos morros que o cercam.

Além disso, estabelece analogia com o lendário “*Rap da felicidade*”²¹, dos *Funkeiros* Cidinho e Doca, responsáveis por mostrar ao mundo o *Funk* consciente da década de 90, através

¹⁸ Acesso do clipe em: https://www.youtube.com/watch?v=kzOkza_u3Z8.

¹⁹ Paródia da música Baile de Favela “Contra o golpe”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_qbpN4HIST4.

²⁰ Esta pode ser acessada no seguinte sítio: <https://catracalivre.com.br/geral/dica-digital/indicacao/hit-baile-de-favela-lembra-e-muito-uma-musica-grega-antiga/>.

²¹ Rap da felicidade, acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=z34HcBcqTas>.

do refrão “Eu só quero é ser feliz. Andar tranquilamente na favela onde eu nasci. E poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”. Compreende-se, então, que diferentes representações são construídas e necessitam ser explicitadas a fim de não cair no senso comum que reduz a mensagem apenas a uma dimensão:

“Aqui em Santa Maria tem gente que escuta só porque mora em vila e mora em bairro que é mais longe do centro. A vila seria a favela daqui. Por exemplo, digamos assim, na Urlândia tem gente que mais escuta porque todo mundo diz assim: “Ah! Tu mora em vila, é favelado!”. Por isso que é bom ouvir a música, porque se reconhece que ali é a favela. Eu, por exemplo, não moro na vila, mas eu gosto de dizer que eu sou favelado, que eu sou da vila e gosto. Porque a minha família toda morou em vila e eu não tenho preconceito em dizer que eles moraram na vila, porque eu gosto e aceito assim do jeito que eles são e tenho orgulho.”

MC João

Outra jovem citou o “Bonde das Maravilhas”, grupo de meninas cantoras e dançarinas que obteve grande visibilidade nacional no ano de 2013, via *youtube*, e mais outras moças que se promovem a partir da dança e do canto através do referido *site* de compartilhamento de vídeos:

“O Bonde das Maravilhas tem só guria e gerou muito conflito isso aí com o pessoal de tudo que é cidade. Beii! Esculacharam elas porque “ah guria nova dançando *funk* e criando bonde...”. Os vídeos delas têm vários acessos, vários! A Jhenis Kut Kut, a Tainá Costa são as gurias que têm mais acesso no *youtube* são elas que dançam e postam... e todos criticam. Têm entrevistas que elas falam lá no *youtube* que pelo simples fato de elas serem mulheres não quer dizer que elas não podem dançar *funk* ou usar roupa curta. Tem uma *rapper* também que ela fala tanto sobre o *rap* como o *funk*, a MC Medrado, ela fala numa letra de uma música dela que pelo simples fato dela usar roupa curta não quer dizer que ela tá se oferecendo para os outros.”

MC Valesca Popozuda

A partir das experiências das jovens citadas, percebe-se a preocupação com as questões de gênero enquanto construção social do sexo e dos papéis que se espera que sejam exercidos pelas mulheres na sociedade (Scott, 1995). Nesse viés, a jovem relata que o pré-julgamento do corpo feminino e púbere que se expressa em uma dança sensual é sempre exercido e o preconceito legitimado, pois elas não devem dançar de tal modo. Os estudos de gênero que tiveram suas ascendências a partir das pautas do movimento feminista são os responsáveis por debater e discutir essas temáticas ao demonstrar que o lugar da mulher é onde ela quiser, seja dançando ou realizando qualquer outra tarefa.

Apesar de muitos criticarem as letras de *Funk* pela ausência de reflexões e pela presença de elementos simplistas, banais e cotidianos, uma das jovens entrevistadas exalta justamente essas idiosincrasias como instigadoras e propiciadoras de risos. As representações citadas demonstram as músicas de *Funk* atrativas justamente pelo fato de não possuírem um conteúdo muito profundo, o que na verdade revela a dimensão divertida atribuída às músicas. Nesse sentido, o vocal e a dança “engraçados” e “ridículos” revelam a jocosidade e o lúdico que estas

práticas musicais também proporcionam. Porém, como pensar isso em contraposição à seriedade da escola, tendo em vista que a alegria incomoda, não é mesmo?

“Tereteutéu” do Mc Tota eu gosto porque eu acho engraçada a letra e eu acho engraçado o jeito que o cara canta porque ele é ridículo, rs. Então, o jeito que ele canta é engraçado, sabe? É engraçado porque a letra com a voz da pessoa deixa a música engraçada! “Tá tranquilo, tá favorável” é uma das minhas músicas favoritas da atualidade, rs. É engraçada, a dança dele, o jeito que ele fala, tipo ele não fala coisa com coisa, mas na letra tem tudo a ver, rs. Eu até acho engraçado porque não tem uma pessoa em uma festa, se tiver essa música, que vai ficar parada! Não tem uma pessoa que vai ouvir essa música “Ai! Eu não vou dançar porque eu acho ridículo”. Não existe isso! Todo mundo dança!”

MC Tati Zaqui

Já a representação de outro jovem acerca da música “Chefe é chefe é chefe, né pai!” também demonstra um tipo de pedagogia cultural atrelada ao seu discurso, pois expressa uma forma de linguagem construída em meio à realidade social e histórica de quem a produziu, permitindo que o jovem se identifique com ela. Nesse sentido, preconceitos estabelecidos na sociedade a partir da vestimenta que se adere, por exemplo, tornam jovens de periferia alvos fáceis para que policiais os confundam com bandidos, através de suas intervenções em comunidades urbanas:

“Eu acho que a “Chefe é chefe, né pai?” Por causa que o clipe dela é um cara com a namorada e daí chega um policial. Daí ele pega e dá no cara só porque o cara tá de boné e mochila nas costas. Ele tira o cara da moto, o loco tá com a mulher na moto e o policial leva a mulher do cara. Só que daí ele tirou o *notebook* desse cara que tava na moto, porque ele tava de mochila e de camisa mais grande, né. Daí ele teve, digamos que um preconceito pela roupa. Só que daí o policial foi embora e deixou mochila, tudo no chão e daí veio um outro cara e pegou o disco que era o CD dele que é onde tinha todas as músicas dele. Daí lançou ele! Daí depois no final do clipe aparece ele entrando na festa que o policial tava sendo segurança e ele era a atração da festa. Como as coisas mudam, né! Porque o segurança que fez ele deixar a mochila dele no chão ajudou ele no caso, né, porque o outro cara viu e lançou o clipe dele e ele ficou famoso.”

MC Maneirinho

Também é importante destacar que as representações veiculadas nos clipes e nos “vocaís chicletes” de suas letras, bem como seus significados têm migrado para uso de diferentes tipos de linguagem. Esse deslocamento tem se popularizado e elaborado diferentes jargões para grande parte da sociedade brasileira. Gíria para demonstrar serenidade “Tá tranquilo, tá favorável” ou superioridade “Chefe, é chefe, né pai!” ou para se referir a qualquer coisa boa ou agradável, por exemplo, construir essa dissertação foi “Baile de favela”.

A partir das representações destacadas, compreende-se que o *Funk* permite diferentes identificações a partir de múltiplos vieses. Porém, os mesmos elementos que possibilitam a formação de uma sociabilidade juvenil em torno dele, o legitimando como uma cultura para quem vive essa condição, também são os responsáveis pelos preconceitos partilhados na sociedade brasileira. Paradoxal essa constatação, não é mesmo? Mas é assim mesmo que funciona! Os preconceitos circulam a partir da vestimenta utilizada, da letra produzida, da mensagem emitida, do comportamento adotado, da origem periférica e do baixo nível cultural.

Quanto às vestimentas, a categoria gênero é bastante útil para a análise, pois se é um menino e se veste como a representação comum do que seria o visual do *Funkeiro*, então é vagabundo, pois realiza uma alusão que o distancia do trabalho e do mundo da produção capitalista. Já se é uma menina e se veste como *Funkeira*, então é vagabunda, porque a alusão aqui está relacionada a uma vivência da sexualidade mais livre. Estes estereótipos construídos são relatados nos excertos dos discursos e rondam os/as jovens que se vinculam ao *Funk*:

“Eu escuto *funk* e *rap* e, normalmente, tô sempre de camisa mais grande, de bermuda mais grande também, daí tipo muita gente, várias pessoas já vieram me falar: “Ah! Tu é vagabundo!”. Até meu próprio avô já me falou isso: “Ah! Tu é um vadio, um vagabundo!” Por causa da minha roupa! Daí eu costumo dizer assim: “Bah! A roupa que eu uso não define quem eu sou” e o clipe que eu te falei me diz isso.”

MC Maneirinho

“O pessoal julga bastante as roupas que as gurias usam. Tipo tu tá de roupa curta é chamada de vários bagulhos, vários negócios. É chamada de “coceira”, tipo mina que fica com todo mundo. Chamam as mina de coceirão. Os gurus tá louco, se “arriam” nas gurias ainda mais gurias de outras bandas que eles não conhecem.”

MC Valesca Popozuda

O visual ou a indumentária colaboram para a construção da identidade do *Funkeiro*, todavia não é possível distinguir um *Funkeiro* nas ruas somente pela vestimenta utilizada, pois as peças de vestuário que costumam usar são comuns à parcela de jovens da periferia (DAYREL, 2005). Quanto ao fato de representar um subsídio para a concretização de rolos e paqueras, a Cultura Juvenil parece impulsionar flertes e envolvimento desvinculados de compromissos de qualquer ordem. A partir do trecho do discurso que soa um tanto quanto machista, no sentido de não assentir a equidade de gênero, “as gurias *Funkeiras*” não servem para namorar, já que para este quesito, estar imerso no universo *Funk*:

“Ajuda, mas tu não vai achar uma guria que vai ser fiel. Tu vai achar uma guria que tu fica um dia só na festa e depois já era.”

MC Menor do Chapa

As questões que envolvem a categoria gênero estão sempre presentes fazendo emergir um dualismo entre o que a mulher direita deve e não deve dançar e ouvir. Nessa ótica, as letras com teor sexual produzem preconceitos que fazem com que o *Funk* seja discriminado, onde a retórica da sexualização dos comportamentos é permitida apenas para os homens apreciarem. Já às mulheres cabe a preservação nesta situação:

“Tem gente que não gosta de ouvir porque é bagaceiro. Por exemplo, o meu pai quando está comigo, ele escuta. Mas, quando está comigo e com minha mãe ele já não me deixa escutar, porque é bagaceiro.”

MC João

“Muitas pessoas, inclusive dentro da minha casa não gostam que eu coloque *funk*, mas não é pelo ritmo da música tanto é que existem músicas evangélicas que tem no ritmo do *funk*, mas que falam letras evangélicas, o *funk* gospel. Mas não gostam exatamente por isso, eles não gostam da letra, porque eles acham que todo o *funk* vai atingir a mulher ou o homem de alguma forma, vai falar palavrão, essas coisas... Tem preconceito, porque “todo *funk* é *funk*”, não tem *funk* diferente, mas na minha opinião existem vários *funks*.”

Mc Tati Zaqui

Em contrapartida, a existência dos diferentes tipos de *Funk*, isto é, das diferentes temáticas abordadas e que já foram citadas parecem ser ignoradas, reduzindo-os apenas às “brincadeiras”, ou seja, brincadeiras com putaria. Assim sendo, a fala da jovem exalta a resiliência do *funk*, pois apesar do preconceito apresentá-lo como uno, suas vertentes o tornam múltiplo ao mesmo tempo. Somada a essa representação, outro preconceito bastante difundido parte da origem urbana periférica da cultura, como se esta não fosse digna de ser apropriada ou usufruída pelos que possuem uma melhor condição social e/ou financeira:

“Geralmente, tem gente filho de pai e mãe ricos que escutam *funk*, mas dentro de casa são banidos de ouvir e daí, geralmente, eles saem pra festas para ouvir, porque dentro de casa pai e mãe não aceitam. Eles são proibidos de ouvir.”

MC João

Na esteira dessa compreensão também é identificado que quanto maiores forem as condições citadas, o nível cultural para a escolha do que se escuta também segue esse entendimento, pois:

“Eu acho que tem um certo preconceito sim. Tanto no bairro como na escola. No bairro eu diria que as vezes tem pessoas que se a gente coloca música e até baixo, eles reclamam e dizem: “ai, vai escutar um tipo de música mesmo, para de escutar isso”. Eu acho que as pessoas acabam aceitando só o estilo que elas gostam. Elas acabam não querendo aceitar o que o outro gosta e acham que só o que você gosta é o certo. Acho que é isso.”

MC Anitta

Considerando as situações relatadas, recorro à Canclini (2005, p. 45) com o objetivo de auxiliar na reflexão de que: “[...] para se viver em sociedades democráticas, é indispensável admitir que o mercado de opiniões cidadãs inclui tanta variedade e dissonância quanto o mercado da moda e do entretenimento.” Logo, se nossas identidades culturais são construídas de formas diferentes, por que é que nossas opiniões e preferências deveriam ser iguais? O respeito, nesse sentido, mesmo esquecido, manda um “beijo para o recalque²²”.

De acordo com Rangel (2013), o *Funk* é um movimento social e musical que possui uma identidade própria no modo como se insere socialmente e como é visto na sociedade, integrando música, coreografia, vestimentas e comportamentos específicos. Através das falas dos jovens compreende-se que o *Funk* é um ritmo que faz parte da vida dos mesmos e contribui

22 Alegoria criada a partir do hit “Beijinho no ombro” de MC Valesca Popozuda. O clipe da canção pode ser acessado através deste link: <https://www.youtube.com/watch?v=73sbW7gjBeo>.

para a formação identitária desse grupo, reverberando na construção de linguajar, vestimenta, adornos e posturas.

Apoiando-se nessa perspectiva, compreende-se que os estilos musicais fundam um dos poucos espaços onde os jovens obtêm a possibilidade de exercer o direito à suas escolhas ao criar modos de vida diferenciados, ampliando o nicho das experiências vividas. Para grande parte desses jovens, os estilos estabelecem ritos de passagem para a juventude, fornecendo elementos simbólicos, expressos na indumentária, no visual ou na dança, para a elaboração de uma identidade juvenil (DAYRELL e CARRANO 2013).

Essa identidade é dinâmica e plural conectando-se por alguns elementos já citados. Ao mesmo tempo, do ponto de vista social, tais aspectos servem, igualmente, como motivo de discriminação e rejeição da Cultura Juvenil do *Funk*.

3.3 O *FUNK* CIRCULANDO PELA CIDADE: “DANDO UMA BANDA COMO DIVERSÃO, MERCADO E LADAIA”

O presente subcapítulo se destina a descrever aonde o *Funk* circula na cidade de Santa Maria na perspectiva dos/as jovens entrevistados/as e, também, a partir da materialidade obtida por meio das observações vivenciadas durante a pesquisa de campo em seis festas noturnas. Assim sendo, considerando a etnografia realizada, pretende-se aqui relatar alguns dos elementos observados e vivenciados nas festas e/ou em outros contextos, que se relacionam com as falas dos/as estudantes.

A partir da realidade vivida, das conversas informais e das entrevistas, foi possível compreender o *Funk* como uma cultura que circula pela cidade em diferentes espaços, além de agenciar a construção de diferentes mercados a partir do modo como as apropriações dos aspectos que envolvem a cultura são realizadas. As formas com que o *Funk* circula em Santa Maria podem ser identificadas pelas categorias diversão, mercado e “ladaia²³”. Assim sendo, pode-se dizer que o *Funk* atua como dispositivo que garante a “curtição da gurizada”, como agente econômico que movimenta a economia familiar e juvenil dos/as que dele se utilizam e, por fim, como facilitador para que confusões de diferentes ordens se estabeleçam em função desta cultura aproximar sujeitos de diferentes zonas do município.

23 Termo identificado no linguajar dos/as jovens entrevistados/as e que serve como gíria para designar algum tipo de confusão ou desentendimento.

Nesse sentido, as três dimensões citadas se atravessam, pois o mercado formal do entretenimento, aqui entendido como as boates e clubes já tradicionais da cidade, somado ao mercado informal, isto é, as “junções²⁴” juvenis, garantem a diversão dos guris e das gurias santa-marienses e que, por sua vez, pode transformar-se em ladaia, caso ocorra alguma discórdia entre os grupos sociais que frequentam estes ambientes. Logo, independentemente de ser jovem estudante de ensino médio ou universitário, moradores de periferias urbanas carentes ou pertencentes à classe média e/ou alta, grande parte dos jovens que residem na cidade se aproximam em função da cultura *Funk*.

Na noite a alegria é compartilhada, isto é, o contentamento de usufruir da cultura por meio de práticas específicas como ir a festas para dançar, beber, conhecer outras pessoas, flertar e etc., faz com que o *Funk* circule como diversão. Mas, em quais lugares essas festas ocorrem na cidade de Santa Maria?

“Nos bairros, vários lugares têm. Tem de cada banda: tem na leste, na sul, na norte, na oeste. O nome das festas é o nome das músicas, tipo tem a música “Baile de favela”, sabe? Daí tem as festas: Baile de favela 1, Baile de favela 2, Baile de favela 3...Tem nos eventos do *facebook* e é sempre da mesma pessoa e daí ele faz a 1, aí depois ele faz a 2 e aí depois ele faz a 3...”

MC Menor do Chapa

A “banda” a qual o jovem se refere constitui uma gíria gaúcha que está diretamente relacionada a uma região específica ou ao ato de transitar por várias delas. Nesse sentido, através da articulação do envio de convites e da divulgação facilitada via rede social virtual, diferentes jovens de cada banda da cidade organizam seus eventos, criando alegorias a partir de *hits* do momento para identificar o nome da sua festa. Dois jovens relatam a existência das junções realizadas e difundidas em uma certa banda do município, localizada na periferia. Esta é bem conhecida e faz com que a cultura *Funk* aproxime jovens de outras zonas periféricas da cidade. É o *Funk* circulando pelos subúrbios santa-marienses:

“Tem lá na Schirmer. Todo o final de semana tem festa lá! É raro quando dá ladaia lá, porque tem segurança na entrada e revistam todo mundo.”

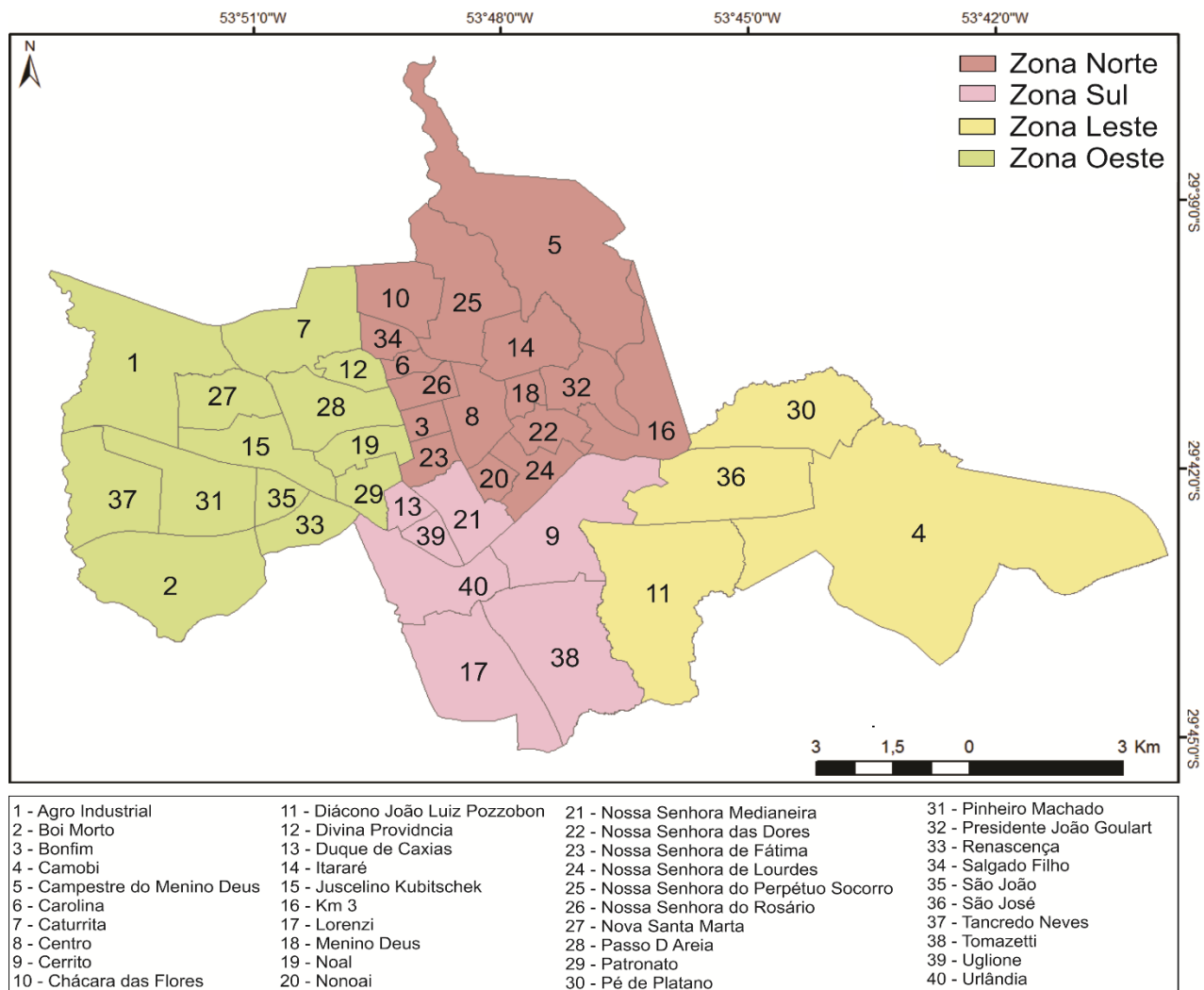
MC Valesca Popozuda

“Na zona leste é o Mih que faz, na vila Schirmer. Todo sábado tem festa lá. Aí cobra entrada, acho que é R\$ 15,00 guri e R\$ 10,00 guria e cobra bebida e tudo. A casa dele é muito tri, tem um salão no fundo e daí tem uma copa também, sabe? Ei! É cheio! Não dá nem pra se mexer, às vezes. O pai dele ajuda a organizar, ele fica lá na copa, daí ele fica na festa...(rs). Tem até a segurança na frente que eles fazem.”

MC Menor do Chapa

Na tentativa de ilustrar as zonas do município citadas pelos jovens estudantes, o mapa abaixo descreve os diferentes bairros distribuídos pelas zonas do município:

²⁴ Expressão utilizada pelos/as jovens para denotar reuniões e festas juvenis.



Fonte: Prefeitura de Santa Maria

Tive a oportunidade de participar de uma das várias festas que acontecem nessa banda e, sobretudo, na residência mencionada. A já conhecida “Casa do Mih” é responsável por garantir a diversão não só de jovens, mas também de crianças e de adolescentes de periferia, pois foi possível visualizar a presença de alguns/as e meninas/as que aparentavam possuir a partir de 11 anos de idade. Nesse sentido, a experiência na infância também deve ser considerada, pois necessita ser somada à conjectura de Dayrell (2005) quando se refere que a entrada dos jovens no mundo *Funk* acontece ainda na adolescência, através do convívio frequente com os bailes nas favelas, já que este é o lazer predominante entre seus pares, além de ser o mais barato.

O evento daquela noite foi organizado por dois jovens e instituía a 3ª edição da festa “Tu tá louca de quê?”. Tal denominação faz alegoria com a música autoral de MC Davi²⁵. A revista dos(as) frequentadores(as) era feita antes da entrada da festa, até mesmo dentro dos sapatos, pois diferentes tipos de artefatos camuflados nas vestes podem ser os responsáveis por despontar uma grande ladaia, a qual deve ser evitada. Como se pode verificar na descrição *online* do evento²⁶ e que, inclusive se repete em todas as postagens dos que organizam festas *Funk* em rede social na cidade, a preocupação dos organizadores com a segurança da festa é sempre evidenciada:

OBS:

- ➡ A festa terá seguranças, e se der ladaia, a festa irá acabar, e todos vão pagar pelo o que um fez. Se quiserem cobra de alguém, cobrem de quem fez a ladaia!
- ➡ Proibida a entrada de mochilas e bolsas.
- ➡ Festinha pra curtir, beber, dançar e da muito beijo na boca, então sem ladaia que bombaraaas!

O som era responsabilidade de um jovem *DJ*, operador do equipamento. As músicas que rolavam eram alguns *Funks* conhecidos e difundidos da atualidade, porém os que mais se sobressaíam eram os da vertente “*Funk Putaria*”. Esta realidade fez com que eu refletisse sobre quais seriam as condições de emergência das temáticas sexuais nas músicas que são produzidas e que circulam pelas periferias urbanas de todo o país, de norte a sul. Isso independente do ritmo musical, considerando que o pagode e o sertanejo universitário, o forró elétrico, o pagode da Bahia, o tecnobrega e a *tchê music* também se utilizam do tema.

Será a falta de ocupação em atividades profissionais e intelectuais dos cidadãos que por lá residem? Será a falta de acesso a outros bens culturais, dito por outros como “melhores elaborados”? Será a falta de outras formas de lazer que não podem ser financiadas pelos sujeitos que moram em vilas e favelas? Será porque o sexo é um dos únicos divertimentos e opção de lazer para as classes mais baixas? Mas, bah! Talvez seja mesmo por este último motivo. Porque apesar de formar um paradoxo, ou seja, o sexo “ser de graça”, o dialeto sexual se proferido de forma ousada, vende muito no mercado da indústria fonográfica informal. Principalmente, para as comunidades que se encontram à margem da sociedade.

Voltando à festa, as vestimentas dos meninos concentravam-se no uso de camisas, moletons, bonés aba reta e as das meninas em *shortinhos*, blusinhas justas, tênis e/ou sandálias rasteiras. Considerando o aspecto das indumentárias exibidas, percebe-se que a estética da identidade visual do *Funk*, que cobria os corpos dos/as jovens observados, faz correspondências

²⁵ O hit “Tu tá louca de quê?” pode ser acessado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=8Y7AvEDpH1Q>.

²⁶ As informações citadas foram retiradas da página do facebook que organizava o evento mencionado. O acesso foi em 26/01/2016, pelo link: <https://www.facebook.com/events/739011866245465/>, às 2h44min.

com as representações recorrentes que são, frequentemente, atribuídas aos que compartilham dessa cultura.

Assim sendo, o mercado da “moda *Funk*” também é bem presente e acessível nas lojas populares e nas bancas de camelôs²⁷ de Santa Maria. As imitações das roupas das marcas famosas citadas nas letras e demonstradas nos cliques são, quase sempre, uma alternativa aos produtos originais, pois os “piratas” se tornam mais acessíveis por seus preços serem muito mais baixos. A dança sensual também era uma prática bastante encenada na festa pelas meninas jovens. Estas, se movimentavam e reboavam os quadris enquanto os rapazes as observavam de longe.

A impressão sugerida pela cena apresentada me estimulava a repensar o passado por meio das clássicas reuniões dançantes da década de 90, as quais reuniam jovens de diferentes escolas. Em um lado do salão as meninas ficavam esperando os meninos atravessá-lo para convidá-las para dançarem abraçados ao som de músicas lentas, românticas e internacionais. Esta lembrança permite estabelecer comparações com as reuniões dançantes da atualidade e perceber as modificações na organização social em função das categorias juventude, cultura, e gênero.

Nas junções juvenis contemporâneas é a menina que toma o poder para si, fazendo do uso da sua corporeidade, de seus atributos e de movimentações sinuosas, visando que o menino a escolha como par para que estabeleçam o diálogo corporal de um outra forma: desta vez, muito mais ousada. Além disso, as meninas podem também utilizar todo o seu talento associado à dança como competição com outras garotas da festa para disputar por seus pares ou mesmo pelo fato de obter maior influência e popularidade no ambiente que frequentam:

“A maioria das mina é conhecida e aí quando vai guria diferente e ficam querendo pagar um preço, aí a gente já dá um esculacho. Daí sempre fica eu e uma amiga minha no palco do Mih lá e daí as louca chega querendo “pagar um preço” e daí a gente deixa elas no chinelo dançando.”

MC Valesca Popuzuda

Pagar um preço é uma gíria utilizada para designar qualquer tipo de influência, opinião ou imposição de valores como se fosse um poder de compra. Portanto, quando tem “mina” nova na área com habilidades dançantes e querendo atrair os olhares dos frequentadores e frequentadoras já conhecidos(as) é hora de preparar a munição corpórea, porque a ladaia já vai começar, uma vez que:

²⁷ Comércio de rua que protagoniza a ação de vendedores ambulantes que exercitam as vendas em um ponto fixo ou em movimento. Atualmente, o camelódromo de Santa Maria está concentrado em um único recinto, denominado “Shopping Independência”. Esta organização foi motivada pela prefeitura da cidade no ano de 2010, com vistas a revitalizar uma avenida da cidade que, até então, era ocupada pelos camelôs.

Os bailes ostentam um ar de resistência e insubordinação, os movimentos do corpo durante as danças conferem status de poder aos participantes, que passam de meros ouvintes a “donos do baile”. Dessa forma, as identidades vão se configurando e autoafirmando-se em um novo contexto, que aponta um novo modo de existência sociocultural. (NASCIMENTO, 2015, p. 3).

Nessa perspectiva, o consumo de álcool e de cigarros, independentemente da idade também era protagonizado e sugerido, do mesmo modo, um exemplo dessa nova forma de experiência sociocultural. A representação de que para tomar o poder para si é necessário subverter a ordem social estabelecida, provando a partir de condutas proibidas, tais como consumir estes produtos, mesmo sendo jovens de pouca idade, validava a situação observada. Festas informais como essa, destituídas de fiscalização e de alvarás para seu funcionamento, justamente por serem realizadas em residências particulares, ocorrem em muitos bairros e vilas da periferia, criando um verdadeiro mercado da diversão juvenil, deposto de formalidades.

Este mercado organiza o comércio de diversos elementos e envolve diferentes sujeitos, tais como: organizadores, donos da casa, DJs, dançarinas, cozinheiras e seguranças, fazendo girar o capital e garantindo o complemento e/ou até mesmo o sustento de vários núcleos familiares:

<p>INGRESSOS SOMENTE NA HORA: Mina: R\$ 10,00 Pia: R\$ 15,00 BEBIBAS: - Cerveja Schin: R\$ 5,00 (Latão) - Big Apple com Energético: R\$ 10,00 (copão 750ml) - Coca-Cola: R\$ 2,00 (copo) - Água: R\$ 2,50 (Garrafa 600ml) COISAS PARA COMER: - Pastel: R\$ 3,00 - Sanduíche: R\$ 3,50 - Halls: R\$ 2,00 CIGARRO: - Cigarro solto: R\$ 0,50.</p>



Fonte: autora.

Estas informações foram retiradas da página do evento já citada e a foto acima constitui registro particular da noite da festa “Tu tá louca de quê?”, na “Casa do Mih”.

Nas junções particulares, isto é, em residências de pequeno porte podem ou não serem cobrados ingressos. As que não cobram reúnem familiares e amigos e constituem práticas comuns nas diversas vilas da cidade como foi observado na vila Aparício de Moraes, conhecida

como “Beco do Beijo”, onde garagens ou pátios em frente às habitações demonstravam a apropriação do *Funk* como forma de lazer nos finais de semana. Já nas junções públicas, ou seja, nas mais divulgadas e organizadas em salões mais conhecidos da cidade, o ingresso é sempre cobrado e estas acontecem em vários pontos da cidade:

“Elas ocorrem em alguns salões de eventos: o Skatto é o local onde aconteciam mais festas aqui em Santa Maria e em algumas em casas próprias que as pessoas fazem. Na junção é cobrado ingresso. Geralmente são feitas nas casas de pessoas que alugam ou emprestam pra amigos para poder fazer o evento, porque tem espaço. Por exemplo, tem vários lugares que fazem aqui em Santa Maria: tem em Camobi, tem aqui na Nonoai, também ali pra zona norte, perto do Itararé. Algumas são organizadas por *facebook* também.”

MC João

“As festas grandes acontecem no salão da Medianeira ou no salão que tem no Cerrito e quem organiza são os próprios jovens, mas assim tem sempre um de maior sempre responsável, claro. Se é uma festa mais organizada, aí tu tem que ter autorização pra entrar se é de menor, mas se não é tão organizada, não precisa. Quase todo final de semana eu sei que tem, mas eu, geralmente, vou no sábado.”

MC Maneirinho

É possível destacar, a partir da fala de MC Maneirinho, que o fato de jovens organizarem as festas de sua própria geração denota o empreendedorismo²⁸ em aceitar o desafio de planejar e gerir um evento e, principalmente, de se responsabilizar, para que cada etapa transcorra da melhor maneira possível. Essa experiência com a gestão pode auxiliar para que o/a jovem contribua com a renda familiar ou para seu próprio sustento. Tal empreendimento implica planejamento, orçamento, contrato de aluguel de salões, compra de bebidas, contrato de MCs da capital gaúcha, deslocamento e alojamentos para os mesmos na cidade, venda de ingressos e etc.

Todas estas ações me fazem pensar esse recorte da Juventude do *Funk* sob a ótica do empoderamento, pois “Empoderar no que diz respeito à juventude, é torná-la agente ativo de transformações e desenvolvimento, em vez de serem os jovens considerados meros objetos passivos de programas iniciados externamente” (IULIANELLI, 2003, p. 65). Percebe-se, então, que esta Juventude tem se empoderado para empreender um mercado onde a sua cultura e seus próprios interesses, ligados ao quesito diversão, estão em jogo.

Assim sendo, atualmente, percebe-se que o *Funk*, como mercado do entretenimento, tem gerado esperança e oportunidades para muitas pessoas, não apenas para os MCs que fazem sucesso via *youtube* e giram o Brasil, contraindo grandes somas em dinheiro nos *shows* realizados para o público juvenil. Entre essas pessoas se encontram moradores de vilas e periferias como jovens articulados com suas famílias ou não, que dão conta de organizar e gerir um evento e, conseqüentemente, passam a lucrar com ele.

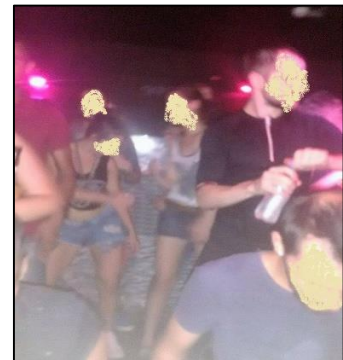
28 De acordo com Silva Miguel (2014), o empreendedorismo representa a noção associada à responsabilidade pessoal de possuir disposição para articular iniciativas, sem depender de ninguém, objetivando atingir o progresso e/ou sucesso a partir de ações estratégicas e inovadoras.

A aluna do 3º ano relata que a própria turma da escola se utilizou do ritmo para tematizar uma festa que objetivava arrecadar saldos para auxiliar nos gastos relacionados à cerimônia e à festa de formatura a realizar-se no final deste ano:

“Teve uma da festa particular da minha turma no ano passado e a gente cobrou a entrada das pessoas. Inclusive só tocou *funk*. Foi na garagem da casa de uma colega da turma com a permissão dos pais. Inclusive a polícia chegou lá porque o volume estava muito alto e chamaram a polícia, mas nós e o pai dela falamos que era uma festa de formatura privada e que não estava ocorrendo bebida alcoólica dentro e a polícia foi embora... só que todos ali dentro eram menores de idade.”

MC Tati Zaqui

As apropriações do *Funk* em Santa Maria ocorrem em muitos espaços e não têm se restringido somente às periferias, elas têm ocorrido em áreas centrais e reconhecidas da cidade. Famosa já há alguns anos por receber o público universitário de classe média alternativo e também o público LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), a boate “Macondo Lugar”, localizada no centro da cidade, inaugurou uma festa temática destinada ao público amante do estilo, intitulada: “Mondo *funk*: do *soul* ao batidão”. Esta festa resgata as músicas mais tocadas da equipe Furacão 2000²⁹ até os sons atuais que circulam pela internet. Devido ao grande sucesso da festa, esta tem sido realizada duas vezes por mês, sempre garantindo a lotação máxima permitida pelo local:



Fonte: a autora

A primeira foto constitui a representação da identidade visual de divulgação da festa e as outras duas representam registros pessoais da noite em que ocorreu a pesquisa de campo.

Além disso, o Avenida Tênis Clube (ATC), instituição de prestígio do município, em parceria com uma produtora de eventos vem trazendo há alguns anos MCs de renome nacional para animar as noites de carnaval e também para a realização de *shows* em diversas épocas do ano. Já passaram por lá: Mr. Catra, Bonde do Tigrão, MC *Beyoncé* (atual Ludmilla), MC Koringa, MC Pocahontas, MC Anitta e MC Nego do Borel. Durante a pesquisa de campo, tive

²⁹ Furacão 2000 é uma equipe produtora de som do Rio de Janeiro responsável gravar e por divulgar o *Funk* carioca no mundo inteiro, desde a sua origem no final dos anos 70.

a oportunidade de presenciar os *shows* do gaúcho MC Tchesko e paulistas MC Tati Zaqui e MC Guimê, respectivamente representados pelas imagens³⁰ abaixo:



Comparando as realidades observadas nas três festas em que ocorreram os *shows*, foi nítida a presença da grande maioria de gurias jovens na noite em que a *Funkeira* se apresentou no palco principal do clube. Os adereços utilizados por grande parte delas faziam correspondência com a performance estética protagonizada pela cantora, pois a utilização de bonés aba reta, camisas amarradas por cima dos *shortinhos* e os cabelos (ou parte deles) coloridos com a cor azul, marca característica da *Funkeira*, pareciam unir as garotas em função do modelo apresentado.

Este exemplo, denota a construção de identidades individuais e coletivas a partir das representações veiculadas pela cultura *Funk*. De acordo com Moretto (2015), mais do que entretenimento o *Funk* agrupa as pessoas em um gosto comum, em uma identidade capaz de uni-los e torná-los visíveis dentro e fora da comunidade. Nessa ótica, a cultura se desloca da periferia para o centro elaborando um elo muito forte entre as vilas e instituições com posição privilegiada como o ATC, clube nobre da cidade e a boate Macondo Lugar.

Em relação às noites de carnaval do clube, é importante salientar que não era apenas durante o *show* dos MCs convidados que a batida do *Funk* rolava, pois antes da entrada dos artistas as músicas eram tocadas na área principal e após a apresentação também. Nesse sentido, o *Funk* possuía mais espaço que o sertanejo e o pagode. Em outros salões do clube também rolava *Funk* e havia até mesmo uma companhia de dança animando o público com as coreografias disseminadas pela rede virtual.

Essa situação denota a cultura *Funk* como um potente mercado para profissionais de Educação Física e Dança, pois minha experiência como aluna e profissional permite afirmar

30 Estas imagens representam o show dos MCs em cada noite de carnaval e foram retiradas do site do Avenida Tênis Clube, disponível em: <http://atc.esp.br/?s=fotos+carnaval+2016>.

que aulas de ritmos que se apropriam dos *hits* de *Funk* estão presentes em diversas academias de ginástica da cidade. Ao mesmo tempo, empresas especializadas em animação de festas de 15 anos, formaturas e casamento têm se utilizado do *Funk* para elaborar a “entrada de pista”³¹ coreografada das figuras centrais da festa, isto é, aniversariantes, formandos e noivos.

Nessa ótica, compreende-se que as companhias de dança que elaboram vídeos com as coreografias de *Funk* do momento e as disponibilizam por canais do *youtube*, fazem circular pelo mundo todo o modo de dançar tal música, através das sequências de passos demonstradas. Servem, portanto, de inspiração e/ou contribuem para que profissionais as reproduzam em diferentes contextos, tais como academias, clubes, espaços *fit* ou em eventos particulares. Entre as principais companhias de dança mais acessadas da atualidade, via *youtube*, estão a Cia Daniel Saboya e a *FitDance*.

Considerando a realidade apresentada, é possível compreender o *Funk* enquanto atividade rítmica e expressiva, oriunda de práticas corporais contemporâneas, que vem sendo apropriada de diversas formas e por sujeitos de diferentes classes. Logo, se outrora originou-se na periferia com seus negros e negras, hoje o *Funk* não se amarra apenas à relações fundamentalistas entre música e etnicidade, uma vez que transita por diversos grupos étnicos, que abrangem diferenças de classe, cor de pele, geração, identidade de gênero e sexual (DAYRELL, 2005). Esta constatação faz correspondência com a pesquisa de campo realizada e me permite compreender o *Funk* também como um espaço democrático que acolhe a diferentes identidades.

A criança, o/a jovem, o/a adulto, o gay, a lésbica, a travesti, o sem estudo, o universitário, o bandido, o rico e o pobre compartilharam e continuam compartilhando dos signos propagados por essa cultura em todas as festas observadas. Porém, a análise deve enfatizar que embora o acesso à cultura seja democrático, a representação do modo como os corpos se manifestam sofre influência das territorialidades³² onde ocorrem as festas.

Desse modo, as subjetividades produzidas acerca do que é ou não permitido, rege o modo como as identidades se manifestam no baile, construindo um mecanismo responsável por administrar o comportamento dos corpos a partir da banda onde o/a frequentador/a se encontra:

³¹ Nomenclatura utilizada por empresas de animação de festa com intuito designar a abertura da pista de dança, após o jantar, para os convidados a usufruírem. Neste sentido, as figuras centrais da festa iniciam apresentando um a coreografia na pista de dança e logo após chamam os convidados para ocuparem o espaço e compartilharem bons momentos ao som de diversas músicas. Entre elas, o funk tem sido muito presente.

³² Para Raffestin (1993) a territorialidade possibilita vivências por intermédio de um conjunto de relações emergentes de um sistema tridimensional – sociedade, espaço, tempo.

“O pessoal daqui é muito rigoroso. Tipo, tu tá com roupa curta tu é taxada de várias coisas assim... Lá não! Tipo, nessas “favela”, nesses bailes, cada um cuida da sua vida, cada um sabe o que tá usando, sabe o que tá fazendo. Ninguém fica julgando ninguém. Bã! Daí tu pode ser... vamo supor que é um lugar que tu pode ser tu mesmo ou que tu possa te sentir outra pessoa como eu me sinto. Porque tu tem a liberdade de se expressar assim...”

MC Valesca Popozuda

É importante destacar que o “pessoal daqui”, refere-se ao centro de Santa Maria e de acordo com o excerto, o *Funk* situado em diferentes lugares elabora uma estrutura de gestão de representações e de comportamentos acerca do que o corpo pode ou não expressar. Mas é claro! Como nos ensina Bauman (2012), quem e aquilo que podemos ser, isto é, o modo como devemos nos comportar, e por assim dizer, dançar e movimentar nosso corpo depende, entre outros fatores, do lugar e do contexto onde nos localizamos.

De fato, o visual e as condutas parecem ser mais bem respeitados e aceitos em lugares periféricos, populares e de menos prestígio social, já que o que está em jogo não são as aparências ou os bons costumes, mas sim a diversão pretendida. Então, talvez o fato do *Funk* das vilas e favelas seduzir e subjetivar muitos jovens esteja associado à existência da falsa crença de que esses locais sejam considerados espaços onde não existe discriminação de ordem alguma, pois o código de conduta é outro, diferente da sociedade disciplinar e conservadora da qual fizemos parte. Em contrapartida, o código de conduta disciplinador nesses locais também existe, porém atravessa questões de outras ordens.

Quanto a autorização para a entrada de menores de 18 anos nas festas observadas, foi identificado que nas festas menores esta não era exigida, já no carnaval ATC existia uma fila de acesso ao clube somente para os jovens mais novos apresentarem a sua autorização junto com o responsável. No Macondo Lugar é exigida a apresentação da carteira de identidade como forma de acesso à festa, porém, as orientações nem sempre são seguidas à risca, uma vez questionada sobre o fato de possuir 17 anos e frequentar as festas, a jovem denuncia:

“Sim eu consigo, porque a gente é sempre conhecida, então a gente sempre entra em tudo que é festa, por mais que não possa entrar de menor a gente entra igual.”

MC Valesca Popozuda

Um amigo conhecido, um segurança familiar e etc., todas estas situações contribuem para que a formalidade da lei esbarre nas informalidades do cotidiano, isto é, no “jeitinho brasileiro” de resolver as coisas. Todavia, apesar das subversões relatadas, as festas maiores organizadas por jovens tentam dar conta das responsabilidades legais, até mesmo para não manchar ainda mais a imagem do *Funk* na cidade:

“Às vezes tem e às vezes não, mas geralmente tem sim. Essas que são em casas não precisa, porque se você pagar ingresso você entra, senão pagar não entra. Essas que são em junção no Skatto, por exemplo, são cobradas as autorizações dos pais para menores.”

MC João

Me refiro à imagem manchada do *Funk* no município em decorrência das ladaias ocasionadas pós-bailes, mas que, frequentemente, são noticiadas como vinculadas às festas e aos jovens que delas usufruem. Na cobertura jornalística da cidade de Santa Maria, o *Funk*, sobretudo, aparece vinculado às notícias que remetem à criminalidade de jovens de periferia. Brigas, troca de tiros e/ou facadas e o tráfico de drogas contribuem para estigmatizar os jovens e as jovens que curtem *Funk* no município, reforçando o preconceito em relação a cultura.

Porém, tais matérias não dão mostras de compartilhar a realidade dos bailes *Funk* do ponto de vista de quem convive diariamente na periferia ou participa dos mesmos, uma vez que não é dentro deles que acontecem as ladaias, mas sim do lado de fora. Contudo, os discursos sociais produzidos acerca dos preconceitos contra *Funk* estabeleceram uma associação direta entre cultura marginal e mau gosto, erotização, sexualidade, vulgaridade, comportamentos considerados desviantes.

Foram, portanto, sendo construídas diferentes representações. Além disso, há um agravante que a imprensa local desconsidera, ou seja, a presença da rivalidade entre os grupos de diferentes regiões ou zonas, os chamados bondes:

“Tipo na leste, os da a zona leste não se dão com os da zona norte, sabe? Daí se a zona norte vai lá, daí eles já brigam e acaba a festa, mas quando vê eles não brigam, mas eles têm que ir embora. A gente se dá com a zona leste e com a oeste, ninguém quase se dá com a zona norte porque eles querem ser melhor que todo mundo. Mataram um guri lá na norte, lá... por causa de rixas de bondes. Passaram e deram um tiro na cabeça dele e ele morreu...”

MC Menor do Chapa

Para Carrano e Dayrell (2013) o conceito de território pode ser compreendido através do uso que as sociedades e comunidades humanas fazem do espaço, logo, a definição de território perpassa o espaço vivido. Ele é produzido socialmente pelos sujeitos sociais em suas ações e engloba a produção da vida humana, em sentido mais amplo. Assim sendo, a constituição social dos territórios se dá por meio das relações estabelecidas por indivíduos e grupos humanos atravessados por valores, conflitos, interesses, convergências e relações de poder.

Logo, as sociabilidades construídas pelos jovens com seus grupos de amigos, a partir de seus cotidianos, constituem um modo particular de afirmação social. Nessa mesma compreensão, Urteaga (2012) sinaliza para o fato de que através da interação de seus pares, participam dos processos de criação e de circulação cultural e social como agentes ativos. Todavia, manifestações de violência contra grupos rivais ao fim das junções são, igualmente,

elaboradas a partir das concorrências entre os grupos em função do pertencimento a cada território:

“A maioria dá briga no final da festa, dá morte. Teve uma que deu até morte na vila Santos, ano passado. Rixa de bondes! rs. Tipo, eu sou do bonde da Nonoai e a gente se dá com a Urlândia. A gente não se dá com os da zona norte. Eu já briguei e já tomei uma facada. rs. É por causa do bonde! Porque eu sou da Nonoai. É porque tem um monte de gente que não gosta da Nonoai, sabe? E daí tipo, se tá ali a Nonoai, daí vão ali e querem brigar contigo e daí já puxam faca e coisarada e tu vai ter que brigar, né? Tu vai fazer o quê? Tu não vai correr, né?”

MC Menor do Chapa

A conduta agressiva descrita pode estar se traduzindo em um modo de reforçar a masculinidade hegemônica através da construção histórica e social de que o homem precisa ser bravo, corajoso e duro no sentido de adotar condutas de ordem agonística, caso uma ameaça se torne iminente. Defender o seu bonde, os significados que circundam as territorialidades produzidas, resultam em atos de violência que reforçam o estigma carregado pelo *Funk* perante a sociedade santa-mariense. Seria cômico se não fosse trágico, pois durante a diversão o ambiente onde a cultura *Funk* é compartilhada parece anestésiar os jovens *Funkeiros* em função do prazer proporcionado e tudo parece transcorrer bem.

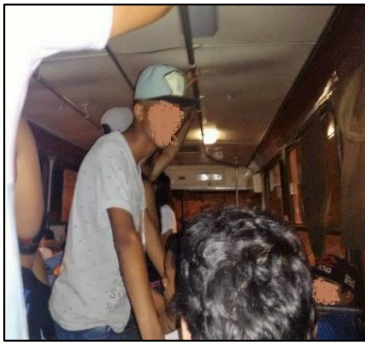
Porém, quando a festa acaba e o fluxo dispersa, as ladaias têm início. Os bondes se estranham por diversos motivos, entre eles o fato de estarem alcoolizados e/ou drogados parece aflorar a macheza, disputa por gurias, por tornar os membros do seu território mais populares que os demais. As atividades que envolvem drogas, tais como dívidas relacionadas ao tráfico e/ou apenas uma simples troca de olhar desafiadora também parecem motivos para que “dê ruim”:

“Meus pais não gostam de escutar o *funk*, né, mas não me proibem de ir. Dependendo assim, tipo se eles sabem que é uma coisa assim que não vai dar boa coisa, daí já não me deixam ir. Mas, normalmente, deixam normal, não tem muito o que... Eu vou nas festas maiores, nas menores não.”

MC Maneirinho

Essa questão das brigas ao final dos bailes *Funk* também pode ser relacionada a bailes de outros ritmos musicais, nos quais também ocorrem desentendimentos. Não dá para considerar que apenas nos bailes *Funk* isso ocorre. Contudo, tive a infelicidade de presenciar uma ladaia durante a pesquisa de campo em uma festa na vila Rosa, bairro do município vizinho Restinga Sêca. A festa *Funk*, realizada em uma boate anexada ao Salão Bessauer, recebe jovens das periferias santa-marienses todos os finais de semana. O dono do estabelecimento disponibiliza três ônibus que, gratuitamente, carregam os/as jovens de Santa Maria, interessados em participar da festa, até a vila Rosa e quando a festa finda, estes garantem o transporte de volta também.

Nesse sentido, os ônibus passam por várias vilas da cidade até chegar ao destino final, sem pedir documentação ou elaborar lista prévia. Lá todos e todas são revistados/as antes de sair do ônibus e adentrar o local. Muitos jovens já conhecidos conseguem a entrada da festa como cortesia e quando o *Funk* tem início a diversão é garantida. Notei a presença de muitos grupos dançando os mesmos passos e coreografia, sobretudo, os guris, muito consumo de bebida alcoólica, inclusive de menores de idade e algumas paqueras e flertes.



Estas imagens constituem registros pessoais da referida festa. A primeira faz correspondência com o percurso dentro do ônibus e as duas últimas à festa propriamente dita.

Tudo transcorreu muito bem até retornarmos à Santa Maria, pois um jovem deu início à briga com outro dentro do ônibus em movimento. Após 10 min de aflição, traduzidos pelos gritos dos presentes e já com os vidros das laterais e do fundo todos quebrados, eis que o motorista decide parar o ônibus. Após o empurra/empurra, todos conseguem descer e o jovem brigão foge pela estrada com medo que a polícia chegue ao local, uma vez que já era procurado pela mesma. No dia seguinte, fico sabendo que este mesmo jovem dá entrada no hospital universitário por ter levado uma facada na região do abdômen naquela madrugada.

Álcool? Drogas? Dívidas? Rixas? A não identificação do motivo pelo qual pode ter sucedido a ladaia descrita parece se repetir em outros casos que envolvem jovens de diferentes territórios:

“Não, eu não sei bem o motivo também, às vezes por nada. Porque tipo a gente anda bem vestido, sabe? E os da zona norte andam tipo vileiro, tá ligado? Ah tipo, não é bem arrumado, tipo eu tô todo arrumado, sabe? Eles não têm as roupa boa de marca, assim sabe? Daí eles querem brigar com os que têm, querem roubar o cara assim, sabe? E também porque eles querem ser melhor que os outros. A maioria não se dá! Ah! Eu não sei... Querem ter mais poder! Tipo, o centro, eles querem comandar, sabe? Só eles que podem andar no centro. Tipo se a gente vai lá eles querem brigar com o cara, mas a gente vai igual.”

MC Menor do Chapa

O relato proferido permite inferir análises acerca das categorias consumo e território, instituídos como elementos básicos para a manutenção das relações de poder da Juventude

pesquisada. De acordo com Canclini (2005, p. 60) “[...] o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e o uso dos produtos”. Tal apropriação, segundo o autor, assume a perspectiva que estabelece a compreensão de racionalidade econômica, onde apesar das críticas apontarem para a irracionalidade, isto é, o consumo sem reflexão prévia, consumir é sinônimo de pensar, de estabelecer a partir dos anseios e necessidades individuais o que e como se consome.

A partir desta conjectura, “Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo” (CANCLINI, 2005, p. 62). O consumo propicia um lócus diferenciado que organiza um campo de distinção entre classes e grupos sociais, pois “existe uma lógica na construção dos significados de *status* e nas maneiras de comunicá-los” (CANCLINI, 2005, p. 62). Desde os produtos mais simples como um moletom e um boné de marca aos mais complexos como motos e carros importados, diferenciam os sujeitos que os possuem, uma vez que os que não têm possibilidade de possuir sabem bem o seu significado sociocultural.

Assim, a sociedade civil é também a do consumo, a do espetáculo e seu desenvolvimento econômico e social está *pautado* pelo aumento do *consumo*. Seguindo nesse raciocínio, se o ato de consumir nos faz pensar o modo como vamos construir significados para demonstrar aos que nos rodeiam, roubar um boné ou o moletom *top* do momento para os que não têm a oportunidade de usufruir desses bens poderia ser compreendido como o mesmo que roubar um pouco de dignidade e de cidadania? Talvez...

Exercer a contravenção para tomar a força o reconhecimento de ser cidadão consumidor que os outros possuem. Na atualidade consumir os produtos “do momento” se torna também uma forma de ser cidadão no sentido de interagir com seus pares juvenis, de ser aceito em algumas tribos. Possuir certos produtos elabora um sentido social muito específico. Ora, mas se o vileiro, o favelado são continuamente excluídos da sociedade, por não possuírem acesso a bens culturais e materiais da indústria de consumo, a solução é subverter o comportamento desejável para aquele que habita a cidade e furtar pra se sentir um pouco mais pertencente a esta sociedade que os exclui cotidianamente.

Em relação ao território do centro como alvo de disputa de poder entre os bondes, compreende-se que este necessita ser apropriado por meio de relações de poder que se estabelecem a partir das representações construídas por grupos juvenis. O centro, nessa ótica, seria o território neutro, cuja ocupação deve ser disputada, cotidianamente, por bondes das periferias da cidade:

“É bem dizer é uma disputa de território porque sei lá... em lugares assim todo mundo quer mandar mais que todo mundo. São os chamados de modinha”.

MC Valesca Popozuda

Com um espaço delimitado, não necessariamente visível e que se consolida a partir de uma expressão e imposição de poder, as territorialidades dos jovens “modinhas” parecem requerer imposição ao território mencionado. Para Raffestin (1993), a territorialidade consiste na formação de processos identitários locais, considerando sua dinamicidade, pois o sujeito e o espaço, isto é, elementos que a constituem estão susceptíveis a variações no tempo.

Conforme o autor, “a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas em seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal” (RAFFESTIN, 1993, p. 162). Nessa conjuntura, “O contexto determina o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular, tanto quanto a própria forma” (JOHNSON, 2010, p. 89). Sendo assim, as territorialidades constituem-se móveis e as disputas por territórios pelos bondes juvenis da cidade celebram a conquista da imposição dos seus sistemas próprios de significações e de códigos.

Considerando a discussão tecida acima sobre os modos de circulação do *Funk* na cidade de Santa Maria, compreende-se que esta cultura, enquanto prática musical traz em suas letras o cotidiano dos jovens das favelas, produzindo conteúdo retórico que acaba estabelecendo o diálogo com os diferentes sujeitos, entre eles grande parte das Juventudes do município. Temáticas associadas a práticas amorosas, sexuais, de disputa de poder em diversos quesitos e ligadas ao consumo aproximam diferentes jovens, criando um tipo de visual e espaços próprios de lazer e diversão, de atuação e de mercado e, também, de confusões.

O retrato descrito da cultura *Funkeira* da cidade “reconhece o papel ativo desses jovens em delimitar seu próprio território, construindo seus próprios meios de prazer [...]” (YÚDICE, 2004, p. 180). Ao tomar emprestada a expressão de Yúdice (2004), a “funkificação” de grande parte das Juventudes santa-marienses é real, é atual e suas consequências necessitam serem pensadas e problematizadas em espaços próprios para essas discussões. Nesse sentido, a escola é compreendida como a instituição magna para que o debate ocorra.

3.4 O *FUNK* CIRCULANDO EM TERRITÓRIO ESCOLAR

Após a explanação e análise das formas pelas quais o *Funk* circula pela cidade de Santa Maria, o presente capítulo busca estabelecer um recorte, focando no âmbito escolar. Nesse sentido, visa apresentar os espaços, os tempos e os modos de circulação da Cultura Juvenil do

Funk na escola onde a pesquisa foi desenvolvida. Através da escuta dos jovens entrevistados/as e também de quatro professores representantes de cada área do currículo escolar, da docente da disciplina de seminário integrado e da professora responsável pela coordenação pedagógica, as fontes de pesquisa foram produzidas.

Foram identificados ambientes distintos e formas plurais de circulação que, por sua vez, acarretam conflitos de diferentes ordens a partir da tentativa cotidiana de uma Cultura Juvenil emergente que insiste adentrar na escola, mas que acaba esbarrando na Cultura Escolar estabelecida. Entretanto, em meio às tensões que surgem a partir de sua presença, há sujeitos da comunidade escolar, como alguns docentes, que têm feito o exercício de se apropriar de elementos da cultura *Funk* para inseri-la de algum modo em sala de aula, através de suas práticas de ensino. A partir das próximas linhas a discussão sobre os aspectos identificados será apresentada.

3.4.1 Tecnologia garantindo o fluxo para pequenos grupos no recreio, no pátio e na sala de aula. Mas, e a rádio escola?

Ao serem questionados sobre a forma como o *Funk* circula em âmbito escolar, tanto alunos quanto professores foram unânimes em apontar que o modo primeiro de circulação do ritmo se dá por meio da tecnologia disponibilizada pelos celulares e *smarthphones* da atualidade que podem propiciar o acesso à rede da internet ou não:

“As pessoas escutam, mas é no fone de ouvido no recreio e na sala de aula também. E dá pra escutar também no viva voz, no áudio, aqui fora.”

MC Menor do Chapa

“Mais por celular, pelos grupos do *whats*, por *face*... tudo que é lugar, tudo que é rede social.”

MC Valesca Popozuda

Em seu estudo de caráter etnográfico acerca da centralidade do uso do celular na cena contemporânea, Silva (2007) destaca que estes aparelhos podem ser identificados como o artefato símbolo da contemporaneidade. Estes permitem elaborar um mecanismo de integração dos membros de diversos grupos entre si. Nessa perspectiva, o discurso de MC Maneirinho nos auxilia a compreender essa relação de consumo tecnológico versus conexão de sociabilidades:

“É que tipo assim, quando eu chego no colégio e tem uma música nova, um *funk* novo que lançaram agora e eu não conheço, os meus amigos já vêm e me mostram, entendeu? Pelo clipe ou pela letra, “Bah! Olha só! Escuta essa nova!”. Daí me mostram e eu mostro também. Ele circula assim.”

MC Maneirinho

A tecnologia foi compactada. A “nanificação” tecnológica pode ser experimentada através dos aparelhos que disponibilizam o armazenamento de áudio e vídeo, facilitando a mobilidade para a escuta de músicas e visualizações de clipes de todos os tipos. Hoje, grande parte dos dispositivos móveis utilizados possibilita essa função. Já a internet, acessada pelos *smarthphones*, democratizou as escolhas, os gostos e o pensamento, pois é possível acessar a qualquer momento qualquer artefato cultural audiovisual. Nesse sentido:

A centralidade que os telefones celulares adquiriram na vida cotidiana aponta para sua consolidação como uma forma importante de inclusão simbólica dos atores sociais em uma lógica de contemporaneidade que é fortemente marcada pela instantaneidade, pela mobilidade e pela virtualidade. (SILVA, 2007, p. 13).

O professor reforça esta realidade e também relata a existência, mesmo que no passado, do desenvolvimento de projetos educativos no contra turno escolar que utilizavam, entre outros ritmos, o *Funk* enquanto música que possibilita a movimentação corporal a partir de composições coreográficas:

“Quando a gente passa e eles estão com o celular eu sinto sempre um batidão. Mas, anteriormente, quando tinha o espaço lá de dança, eu via, eu sentia mais presente. Porque acho que eles tinham o “Mais Educação” e eu via que eles dançavam, inclusive os pequenos. Eu acho que hoje o *funk* tá no universo deles. Eu sinto que não há um diálogo entre o espaço escolar e a realidade deles.”

Docente de Ciências Humanas

O “universo deles” pode ser encontrado nas telas de projeção de seus aparelhos e na circulação dos artefatos culturais compartilhados entre seus grupos. Conforme Pinheiro e Rodrigues (2013), é justamente pelos canais da internet, pelos celulares dos consumidores, pelos dispositivos de troca *bluetooth*, que o público comunica e dispersa os enunciados contidos nas canções. Desta forma o estilo musical do qual tratamos ramifica sua mensagem por inúmeros sítios, os mais diversos quanto se possa imaginar.

Todavia, conforme o relato, ultrapassando a tela de projeção do celular, o *Funk* também era compartilhado por projetos que se utilizavam da dança do *Funk* como atividade rítmica e expressiva para que a prática fosse legitimada. O *Programa Mais Educação*³³, implementado pelo Ministério da Educação (MEC), possibilita a inserção em ambiente escolar de atividades extracurriculares em diversas áreas, entre elas, “Esporte e Lazer” e “Cultura e Arte”. Na escola, oferecia oficinas que desenvolviam atividades relacionadas à Educação Física e à Matemática,

³³ Conforme o site do MEC, este programa se caracteriza como uma estratégia para instigar a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. Neste sentido, as escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal que aderem ao Programa, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Para maiores informações acesse o link: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao>. Acesso em: 01 de ago. de 2016.

além de oficinas de grafite e de percussão. Porém, o projeto deixou de funcionar na escola por falta de recursos financeiros.

Mesmo assim, a cultura *Funk* insiste em marcar presença em território escolar, além de marcar os corpos dos sujeitos que dela compartilham, seja pelas músicas ou pela expressão corporal demonstrada, como pode ser verificado no relato de uma professora:

“O *funk* tá muito presente entre os jovens na escola, no cotidiano e no corpo deles, quando eles ouvem as músicas ou até em algumas meninas e meninos que são bem expressivos corporalmente nas aulas de arte.”

Docente da área das Linguagens

De acordo com Sposito (2005), os jovens que se encontram inseridos no sistema de ensino vivenciam a condição juvenil também em espaços extraescolares e adentram na escola, carregados com práticas sociais e modos de vida, consolidados, fora do âmbito escolar. Logo, expressam o desejo em preservá-las. Expressam também vontade de manifestá-las perante a comunidade escolar, como sugere um os estudantes entrevistados:

“Aqui na escola eu ouço muita gente ouvindo, geralmente, no recreio ou no almoço pelo fone. Eu acho que tinha que ter aqui no colégio, tipo aqueles talentos escolares, sabe? Que aí poderia ter... e tem algumas pessoas que cantam e que improvisam alguma coisa dentro do *funk*.”

MC João

Obter espaço para desenvolver as aptidões citadas e para expor os talentos musicais construídos em suas trajetórias juvenis não seriam práticas enriquecedoras, em termos artísticos, tanto para a instituição como para os jovens que nela estão inseridos? Pode ser que sim, porém em um ambiente que não dialoga com o universo juvenil que seus celulares abrigam, nem tão pouco dá conta de possibilitar o usufruto coletivo em torno da prática musical em questão, através da rádio escola, apresentar os talentos do Funk, que estão presentes na escola, se torna quase que uma utopia:

“Na hora do recreio, a hora que eles estão nos grupos, né, ali que a gente passa, aí a gente vê que eles estão escutando alto no celular. Sempre no celular! Ou às vezes na sala: “Vamos escutar uma música hoje?”, aí vem o *funk*. Na informática também, eles pedem para escutar o fone enquanto estão pesquisando e aí às vezes a gente vê que é o *funk*. A rádio não está funcionando, mas quando funciona tu sabe que não colocam essa música! Mas aí vai de acordo com o DJ que tá operando, né...”

Docente de Seminário Integrado

A rádio escola não estava funcionando durante a pesquisa de campo e realização das entrevistas, pois não havia mais nenhum docente responsável por essa função, uma vez que a professora responsável teve uma redução de sua carga horária, o que acarretou a perda das horas destinadas à administração da rádio. Nesse sentido, os dados obtidos se referem ao funcionamento da rádio no ano de 2015. Por meio das entrevistas percebe-se que tal gestão não dialogava com a Juventude do *Funk* presente na escola, pois muitos foram os relatos da ausência do ritmo musical nas transmissões da rádio:

“A gente tem rádio na escola e a gente colocava música. A tendência deles foi ir pro *funk*, daí a gente mudou um pouquinho a trajetória... A gente pediu assim, pra ir pra outra música porque ela é muito agitada. Então, não era pro intervalo de aulas, porque agita mais do que acalma.”

Coordenação Pedagógica

O discurso acima indica a proximidade à uma noção *foucaultiana* ao enfatizar a escola como instituição disciplinar do corpo, pois para aprender o que os professores devem ensinar o movimento deve ser dispensado e a passividade deve ser privilegiada. Este é um debate que sempre rondou a relação da (in) disciplina da Educação Física com as outras disciplinas curriculares, ao sugerir que sua oferta não fosse entre os períodos regulares, porque também “agita mais do que acalma”. Afinal, a noção de corpos dóceis, produtivos e eficientes como requisito para uma anátomo política de governo dos mesmos é objetivo fundamental de qualquer instituição de ensino (FOUCAULT, 2008).

“A construção de um corpo escolarizado, controlado e protegido, domado e dominado, parece ter sido, e ainda ser, imperiosa para qualquer empresa educativa.” (LOURO, 1995, p. 177). Já o *Funk*, como “música agitada”, parece demonizar essa premissa, pois movimenta e substitui a docilidade pela rebeldia corpórea, já que é corpo e dança subversiva, por esse motivo só é compartilhado por meio de dispositivos móveis de modo isolado do universo escolar:

“Pelo que eu convivo com os meus amigos eu acho que entre nós até rola de escutar ou talvez criar uma coreografiazinha no meio do pátio ou lá no canto. Mas, um lugar aqui na escola onde várias pessoas se juntem pra compartilhar o estilo não tem. Mas em pequenos grupos sim, pelos celulares, porque não teria um lugar específico pra eles colocarem a música e a gente poder ir lá. Até porque na rádio não pode escutar *funk*. Toda vez que tocava, eles mandavam tirar, até as músicas que não eram bagaceiras.”

MC Anitta

A partir do trecho acima, é importante frisar que o “eles” remete aos que administravam a rádio e que, por sua vez, negavam a execução da música, reforçando a representação de que todo *Funk* é *Funk* bagaceiro. Essa situação parece invisibilizar as composições que não priorizam esse viés ou até mesmo apresentar um descompasso entre gerações quando havia a tentativa de veiculá-lo, em alguns poucos momentos:

“Tinha rádio ano passado, mas só que eles não botavam o *funk* que as pessoas queriam ouvir, só uns *funk* ruim, horrível que eram antigos. Mas agora não tem mais. Eu acho que tem preconceito pela putaria, mas tem vários tipos de *funk*. A ostentação não tem putaria, mas aí todo mundo acha que é coisa de marginal, de vileiro e tal.”

MC Menor do Chapa

“Quando a gente chega no colégio ou no recreio toca uma música. Daí tipo, toca quase todos os ritmos, mas *funk* não toca! Nenhum tipo! Nem os que não são pesados! Daí, eu e meus amigos conversamos: “Bah! Não tocou nenhum *funk*!”. Não vou dizer nunca tocou, de repente já tocou um que outro, não vou ser injusto, pode ser que já tenha tocado, mas não toca diariamente. Claro que tem uns que são bagaceiros e daí nem seria bom botar na escola, né! Com certeza! Até porque tem sexta série de manhã. Mas tem uns que não são, que não tem nada a ver colocar, que nem esse que eu te falei “Chefe é chefe, né pai?”, não tem nada demais, é uma música normal.”

MC Maneirinho

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de estar presente nas comemorações de aniversário dos 37 anos da escola. Embora a rádio estivesse fechada, um DJ de fora da escola foi contratado para animar o festejo. Notei que a seleção de músicas utilizadas para alegrar a manhã era do gênero eletrônico e *pop* internacional. Não tocou nenhuma música brasileira, muito menos *Funk*. Lembro que no momento em que eu estava conversando com o DJ, duas gurias se aproximaram dele para proferir um pedido: “Moço, toca Baile de favela?” Ele riu e acenou dizendo que não tocaria.

É, parece mesmo que a representação de que escola não é lugar de *Funk*, mesmo o ritmo tendo as versões não bagaceiras que circulam pelas rádios da cidade, já foi construída e continua sendo reforçada em situações triviais como essa. Desejar que o *Funk* toque na rádio ou o simples pedido das jovens para o DJ tocar a música corporificam práticas culturais que contribuem para potencializar uma situação de pânico moral diante dessa nova realidade escolar. Realidade essa que prefere ignorar os grupos e tribos juvenis presentes em seu cotidiano do que procurar chegar a um consenso.

Todavia, algumas turmas se encorajam a desafiar a ordem estabelecida:

“No ano passado começou a rádio até a metade do ano e muitas pessoas disseram que não era pra tocar *funk*, sabe? Justamente pela letra, mas não por ser tipo pelo ritmo, sabe? Mas nós, do 2º ano, fizemos uma apresentação no salão, na qual todos os alunos foram convidados para assistir, foi uma instalação de artes e a gente tinha que tocar algumas músicas e as pessoas dançavam se elas quisessem. Só tocou *funk*, sabe? E muitas pessoas dançaram! Inclusive os alunos do Ensino Fundamental.”

MC Tati Zaqui

O discurso da jovem me parece emblemático para discutir as relações de poder para a disputa entre diferentes interesses: bom, se os/as jovens não podem escutar *Funk* diariamente no recreio, a utilização do mesmo em uma prática escolar que teve visibilidade em toda a escola parece provocar a gestão, no sentido de repensar marginalidade versus a centralidade do *Funk* em território escolar. Conforme Sposito (2005), os sujeitos jovens vivenciam suas experiências de maneira integral, não só no universo escolar, mas em meio a diferentes domínios, entre eles a cultura.

Logo, a Cultura Juvenil encena uma gama de conflitos quando deseja circular por um espaço que já possui uma cultura própria, a Cultura Escolar. As tensões e negociações acerca do encontro destas duas culturas são pauta para a próxima seção.

3.4.2 Cultura Escolar x Cultura Juvenil do *Funk*: tentando acertar o passo

Esta seção possui como propósito apresentar e refletir sobre os conflitos que emergem a partir da presença da Cultura Juvenil do *funk* na escola e, bem como, das tentativas de

negociação para a convivência com a Cultura Escolar. Esta realidade permite inferir que ao adentrar na escola e circular por vários espaços e tempos, a Cultura Juvenil aqui estudada esbarra em uma Cultura Escolar que já foi estabelecida historicamente e que, apesar das especificidades de cada escola, está presente e é vivida e reproduzida em grande parte das instituições de ensino.

De acordo com Silva (2006), os primeiros trabalhos envolvendo esta temática surgiram nos anos 1980, porém a representação do que seria uma Cultura Escolar se fortaleceu nos anos 1990. Atualmente, a investigação sobre a mesma apresenta-se sobre diferentes vieses. Forquin (1993) apresenta a “Cultura Escolar” como sendo aquele conjunto de saberes que, uma vez organizado, didatizado, compõe a base de conhecimentos sobre a qual trabalham professores e alunos. Tal perspectiva pressupõe uma seleção prévia de elementos da cultura humana, científica ou popular, erudita ou de massas.

A escola se apresenta como uma instituição única, isto é, se estrutura sobre processos, normas, valores, significados, rituais, formas de pensamento, constituidores da própria cultura, que não é homogênea, nem estática, nem repetível. A esse conjunto de características do cotidiano escolar específico de cada escola Forquin (1993) denomina de “Cultura da Escola”. Nesse sentido, é possível admitir a existência de diferentes culturas construídas em cada escola, pois cada instituição possui uma gama de características próprias que interagem com os distintos sujeitos da educação que nela estão inseridos.

Todavia, para nossa discussão tomaremos a perspectiva da “Cultura Escolar”, historicamente construída e reproduzida em grande parte das instituições de ensino. Portanto, a dicotomia Cultura Escolar x Cultura Juvenil é protagonizada e reforçada diariamente pela presença dos jovens que carregam suas experiências extraescolares para o interior da mesma. Nesse sentido, o modo como os próprios jovens vivem e produzem estas manifestações elaboram Culturas Juvenis como espaços de socialização diferenciados. Contudo, no caso do *Funk*, suas práticas parecem ser desconsideradas por alguns mestres sagrados da instituição, uma vez que às vezes o status de cultura não lhe é conferido e muito menos assumido:

“Eu vejo eles ouvirem, eu vejo que eles trabalham em certas disciplinas. Até o ano passado eu tive um questionamento com uma aluna, eu disse por que vocês ouvem *funk*? Que mensagem traz pra vocês? Pelas músicas que eu ouço da minha vizinhança, não tem nada a acrescentar, não tem cultura. E aí ela disse: “Não professora, não tem só um tipo de *funk*.”

Docente da área de Ciências da Natureza

“Certamente ele está presente no nosso público aqui na escola, mas acho que tudo tem um limite. O que eu vejo no *funk* é que ele traz uma cultura e nem sei se posso chamar de cultura, assim né? Eu acho que não seria o termo ideal como cultura. É uma outra maneira de se expressar no comportamento, na vestimenta, nas ações e tudo mais. Acho que a escola tem um outro objetivo que é fazer com que este aluno tenha uma outra visão de cultura. Essa cultura, alastrada pelo *funk* é uma cultura que eles tem lá fora da escola e que não é o ideal, dentro do objetivo da escola. No meu ver, a escola serve como um mediador entre os diferentes conhecimentos e ainda acho que é um pouco temerário quanto ao que se vê e se fala na questão do *funk*.”

Coordenação Pedagógica

“Todo mundo fica apavorado porque já pensa em bunda e em drogas, sabe? Não pensa que é uma dança, que é uma música, que é um estilo de vida. As ideias não se confrontam pra se resolver e descobrir o que realmente tá acontecendo. Eu acho que há uma negação da cultura brasileira.”

Docente da área das linguagens

A Cultura Escolar constitui uma construção histórica edificada ao longo da modernidade. Por esse motivo obtém a condição de ter sido uma “tradição inventada” (HOBSBAWN e RANGER, 1997), que pretendeu conceber a formação do sujeito da educação sob uma forma idealizada, isto é, a partir de interesses próprios. Estes, conseqüentemente, sempre fizeram questão de distanciar os estudantes de suas experiências cotidianas em âmbito escolar. Porém, tais experiências correspondem às Culturas Juvenis, responsáveis por socializar nossos jovens.

O *Funk* e os diversos artefatos culturais associados a ele compõem exemplos de Culturas Juvenis que trazem um arsenal de pedagogias advindas da cultura que vão moldando suas maneiras de ser e de viver. Elas vão construindo sociabilidades através do gosto, dos sentidos atribuídos, dos desejos, dos relacionamentos, das formas privadas e públicas de ser, enfim, vão modelando as subjetividades e fabricando as identidades destes tempos. Em contrapartida, mesmo que grande parte da sociedade não reconheça e/ou valorize o *Funk* como um tipo de cultura, ele representa sim um fenômeno cultural que tem reunido sujeitos jovens desiguais, de norte a sul deste país, em função das gama de significações já apresentada, além de socializá-los a partir dela.

Além disso é importante destacar que em 2009, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro o reconheceu como patrimônio cultural³⁴. A lei reconhece o *Funk* como Movimento Cultural e Musical de caráter popular do estado do Rio de Janeiro. Contudo, a leitura sugerida por um dos discursos enunciados acerca de que “outra visão de cultura deve ser apresentada

34 Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/rio-aprova-lei-que-transforma-funk-em-patrimonio-cultural/>>. Acesso em: 06 mar.2015.

para os alunos”, acaba se reproduzindo também entre as representação de outros jovens da escola, a partir da hierarquização das musicalidades inerentes a outros ritmos musicais:

“Tem muita gente que não gosta de *funk* aqui no colégio e que gosta de *rock* e de sertanejo... Daí diz que *funk* não é cultura. Eles começam a falar que é lixo, que não gostam das músicas e daí a gente começa a discutir. Lá na sala a gente faz uma ladaia quando não gostam de *funk*. Porque tipo, a gente não fala das músicas deles, então eles não têm que falar das dos outros. Tipo, um gosta de *rock* e daí vai falar que *funk* é lixo não sei que lá... Se ele gosta de *rock*, ele gosta de *rock*. Ele não tem que falar do *funk*. A gente não fala mal do *rock*! É a mesma coisa que a gente falar que *rock* é lixo, mas a gente não fala. Então, eles não têm que falar também. Cada um com seus gostos.

MC Menor do Chapa

Em meio ao caldeirão cultural no qual estamos imersos, encontramos características e signos que nos aproximam e que também proporcionam nosso afastamento. Deste modo, a relação entre categorias como hegemonia e resistência são úteis para analisar a coexistência da construção que valida as preferências musicais juvenis associadas ao discurso relacionado ao *Rock* como estilo referência e o *Funk* como marginal, por exemplo. Nessa perspectiva, exemplos banais como este, ou seja, a ocorrência de simples ladaias juvenis corporificadas pela discussão, sem mediação de um docente, em sala de aula e sustentadas pela ênfase na hierarquização entre práticas musicais, podem estar gerando a exclusão de certos grupos.

Ora, se Willians (1969) aponta que a cultura deve ser compreendida como instituição democrática coletiva, onde está a parte de ensinar a agir democraticamente frente aos tensionamentos e enfrentamentos que surgem entre suas formas variadas de manifestações? Não seria esse um dos vários papéis da escola? Formar cidadãos que aprendam a lidar com as diferenças e respeitá-las? Às vezes tenho a sensação de que estes preceitos são esquecidos quando o corpo docente acaba fomentando a discriminação em função de práticas etnocêntricas, reveladas pela imposição de suas preferências ou visões de arte:

“No ano passado aqui na escola e em outras escolas que eu estudei já teve caso de professores de reclamarem e dizerem que isso não é música.”

MC Anitta

A enunciação acima é reproduzida em vários contextos, inclusive na academia, e é, constantemente, legitimada pela noção de que práticas musicais contemporâneas não passam pelo processo de construção da arte que envolve sensibilidade, reflexão e intencionalidade. Logo, em uma perspectiva que deveria privilegiar a diferença, ao invés de classificar aquilo que é bom ou ruim, independente de preconceitos de ordem técnica e artística, pensemos que música boa é aquela que emociona, que importa sentimento pra dentro.

Aquela que apresenta sua estética moldada pela vibração que passa pelo toque dos sentidos, fundando subjetividades individuais e coletivas como forma de aproximação, independentemente do modo como é produzida. Afinal, seja qual for o estilo, música é

sentimento, pois faz importar algum sentido seja individual ou coletivo. Quem sou eu e/ou que tipo de educadora eu sou para desqualificar aquilo que faz importar sentimento para o outro, que o afeta? Estas reflexões constituem devaneios para se pensar, pois certas opiniões contribuem para reforçar os preconceitos contra o ritmo. Falando em preconceito:

“Dos alunos até não é tanto, mas tem uns que chegam até a encarar a gente por causa disso, porque eu sou *funkeira* e eu sou assumida. Todo mundo sabe que eu curto *funk* e não tô nem aí. Se tu não gosta, azar é o teu. Eu respeito os outros, mas respeito por gente que curte *funk* aqui é raro. Difícil, muito difícil! Chegam a olhar o cara com aquele olhar de superioridade, sabe? Ano passado até rolou um papo aqui que quem curtia *funk* era gente de vila, de favela, eii um bagulho bem estranho, tá ligado? Deu um baita de um tendel aqui por causa disso, porque umas gurias vieram falar e eu já não gostei e eu peguei e falei pra elas também: “Vocês pagam a notinha de vocês porque moram em apartamento, são *playboyzinha* e quando vê faz coisa até pior que os *funkeiros* aí.”

MC Valesca Popozuda

A partir do relato acima compreende-se que existe uma resistência, até mesmo entre o corpo discente, de angariar o reconhecimento e de defender a fruição da cultura *Funk*. Esta, considerada como prática subalterna de grupos sociais menos privilegiados fez emergir um “baita tendel” (grande confusão) por busca de significação. Nesse sentido, fica exposto o preconceito de jovens com melhores condições financeiras com a cultura daqueles que não ocupam a mesma posição, como se estes se constituíssem inferiores na hierarquia da organização social. Do mesmo modo, alguns professores também compartilham deste sentimento:

“Eu acho que existe mais preconceito por parte dos professores mesmo, por geralmente acharem que o *funk* é só para quem é tipo bagaceiro ou favelado, tipo de vila assim, que mora em vila. Ou até de ver um aluno ouvindo e achar que tem o direito de repreender por estar ouvindo *funk*, por achar que é de gente bagaceira e favelada. Eles acham que as pessoas não têm futuro nenhum, não têm direito de crescer na vida só por estarem ouvindo e cantando *funk*. E não é o que tá acontecendo agora. Geralmente tem crianças que já estão entrando pra vida da música assim, do *funk* na verdade e crescendo na vida a partir do *funk*.”

MC João

De acordo com Silva (2007), para a perspectiva pós-modernista, inspirada nos *insights* pós-estruturalistas, o sujeito não constitui o centro da ação social. Ele não pensa, fala e produz: ele é pensado, falado e produzido. “Ele é dirigido a partir do exterior: pelas estruturas, pelas instituições, pelo discurso” (SILVA 2007, p. 113-114). Nessa ótica, o sujeito favelado e bagaceiro é produzido discursivamente através de representações que validam a sua condição periférica, contrapondo-se à noção do que seria o modelo do sujeito referência. Este modelo, por sua vez, ocupa a centralidade, pois se encaixa nos padrões desejados por uma sociedade que espera que este usufrua de outras formas culturais consideradas como elitistas e refinadas.

Porém, redes de ensino municipal e estadual possuem a característica de serem públicas. Neste sentido, os professores que ingressam nessa carreira possuem a responsabilidade e o compromisso de servir ao público. Este serviço implica no reconhecimento de que são as classes

sociais mais baixas que irão compor o grande público, pois a expansão e a “massificação do ensino”, conforme designa Fanfani (2000), propiciada pela democratização do acesso à educação pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em 1996, foi instituída no sentido de ampliar e popularizar o acesso à educação.

Esta modificação acarretou a abertura e a garantia da entrada da população brasileira, em grande número, nas redes públicas de ensino. Considerando essa realidade, pode-se inferir que:

[...] a escola brasileira das últimas décadas tornou-se mais acessível às classes pobres, visto a crescente demanda e ação dos movimentos reivindicatórios pela educação, dentre outros fatores. Por isso, como sabemos, chegam hoje à escola segmentos da população brasileira que não chegavam. (TEIXEIRA, 2014, p. 32).

Chegam, portanto, jovens pobres atravessados por suas realidades culturais que, geralmente, se encontram bem distantes daquela que seria a ideal a ser modelada pela escola. Assim sendo, realidades responsáveis por formar o sujeito marginal necessitam ser encaradas pela comunidade escolar e não ignoradas. Por isso continuo a me perguntar: como ensinar cidadania na escola, no sentido de formar cidadãos e cidadãs, isolando jovens da realidade da cidade ou de suas práticas culturais? Sem que a escola e seu corpo docente esteja aberta para a cidade ou ao menos sobre o que acontece nas realidades desses jovens nos seus bairros e zonas?

Neste sentido, pode-se inferir que o preconceito com as formas de consumo culturais dos mais pobres, consideradas como incultas perante uma Cultura Escolar, existe e é por vezes disseminada pelo corpo docente. Contudo, não deveria acontecer a construção do conhecimento a partir do encontro com a realidade? Nessa ótica, a ausência de futuro destacada pelo discurso do jovem decorrente do envolvimento com o *Funk* é rebatida pela realidade de que diversas crianças e jovens MCs têm moldado as suas sensibilidades através do *Funk* e hoje sustentam suas famílias, por exemplo.

Por isso, ao invés da reprovação das condutas, da privação do usufruto de suas realidades, por que não incentivá-las na escola? Você quer ser um MC? Então, acredite no seu sonho! Estude, se organize para criar e/ou mesclar uma batida diferente, para compor e etc. Nessa perspectiva, percebe-se, através de outros relatos, que também há docentes que procuram reconhecer a existência desta Cultura Juvenil na escola ao estabelecer tentativas de negociá-la com a Cultura Escolar. Resistem, portanto, ao senso comum difundido e já citado:

“O professor de história no 2º ano falava um pouco sobre o *funk*. Ele é um dos professores que eu nunca ouvi falar mal. Eu sempre vi ele apoiando em ouvir e eu sempre me manifestava também, porque não tem o porquê ter preconceito, sabe? Porque se a pessoa não gosta, tudo bem, não escuta. Só que daí ele falava sempre, apoiava sobre o *funk* e, geralmente só falava daquelas músicas mais pesadas e bagaceiras assim que tipo tem alguns palavrões que não precisavam ser ditos dentro da música porque todo mundo pode ouvir, desde crianças pequenas até os mais velhos.”

MC João

A partir deste excerto fica evidente que um dos estigmas carregado pelo *Funk* é emanado das letras em que as práticas sexuais são enfatizadas. Parece consenso geral de que todos os *Funks* da atualidade priorizam somente essa temática, o que acaba por reduzir as diferentes identidades do ritmo a uma só. Além disso:

“Eu acho que o *funk* ainda causa muito medo, muito impacto por conta de uma história de perseguição e de segregação. E pra nós das humanas tem aquela coisa de ser um elemento que mesmo incorporado à questão de indústria é diferente o *funk* dos anos 80, do anos 70, do de hoje que é extremamente mercadológico e tem vários tipos também, né? Aquela noção de vulgaridade eu acho que entra no espaço de normatização da escola. Eu sinto que, inclusive quando tu leva pra sala de aula, muitos resistem, sabe? Como se isso não fosse prática de ensino, entende?”

Docente da área das Ciências Humanas

A assertiva de que todo *Funk* é *Funk* vulgar acaba, então, gerando discriminação no âmbito escolar, pois tropeça na cultura de uma instituição da sociedade que:

[...] possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre as determinações externas a ela e as suas tradições, as quais se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmentado, fracionado ou não. (SILVA, 2006, p. 206).

Deste modo, mesmo com uma história que atravessa diferentes épocas, revelando várias facetas ao longo das décadas, passíveis de serem exploradas em sala de aula, assumir tal Cultura Juvenil como possibilidade pedagógica ainda causa estranhamento por afrontar uma Cultura Escolar que é tradicional quanto a abordagem de seus conteúdos. Do mesmo modo é tradicional quanto a orientação das condutas dos que por ela circulam:

“Eu conheço algumas meninas que são bem praticantes da dança, da música, sabe? E tem até opiniões em relação a isso. Então, eu acho que o *funk* tá muito presente e que até é ignorado pela educação, aqui pelos educadores. Eu acho que deveria ser explorado até pra criar uma orientação a respeito dessa cultura.”

Docente da área das Linguagens

“Eu gosto de dançar, de escutar *funk* e o pessoal me julga muito por isso. Aqui no colégio eu não posso vim de calção. Bei! Ano passado deu uma baita ladaia aqui porque me proibiram de vir de calção, de blusa curta e até de *leg*, porque a diretora disse que eu tinha muito corpo e que chamava muito a atenção. Ela falou isso pra minha mãe. Daí minha mãe perguntou por que as outras gurias podiam e eu não? Espero que agora esse ano mude um pouco, porque bah tá louco... Aqui no colégio sempre dão um jeito de falar que eu sou má influência porque eu tenho *piercing*, porque eu tenho tatuagem, porque eu danço *funk*, eu vou nessas festas... daí começam a falar que eu sou má influência para as outras gurias. Eii! Caem direto em cima de mim e vem querendo pagar um preço toda hora...”

MC Valesca Popozuda

As vestimentas, os adereços e a dança da jovem parecem ter sido moldadas a partir da sua experiência com a cultura *Funk*. Todavia, a identidade cultural corporificada e demonstrada em território escolar borra padrões morais e estéticos daquilo que se espera de uma moça de 17 anos. Rompe com os códigos de conduta assumidos historicamente pela instituição que sagra o saber, ou ao menos deveria sagrá-lo, a escola. Nesse sentido, as instituições como dispositivos de controle permitem compreender a cultura moderna da escola como pilar para se governar e

disciplinar os corpos juvenis no que concerne às suas roupas, condutas e consumo de significados, pelo menos quando estes estiverem no interior da mesma.

Porém, ao analisar este fragmento do discurso da jovem um aspecto me chamou a atenção, pois durante a pesquisa de campo pude constatar grande quantidade de meninas circulando pela escola e se utilizando das famosas calças *legs*, que inclusive constituem minha vestimenta de trabalho como professora de Educação Física. Ora, por que então as recomendações para inutilizar as peças do vestuário foram destinadas apenas para esta jovem específica? Será por ser *Funkeira*?

Quanto à utilização, em território escolar, do calção e/ou *shortinho* no verão, outras reflexões são estimuladas a partir do discurso abaixo:

“Eu penso que o *shortinho* que agora é tão em moda e tão falado é da cultura do *funk*. Aquela coisa mais sensual que a própria música traz, eles acabam aderindo na vestimenta, principalmente as meninas. Se criou, assim, um uniforme, né? Todas! Não importa a idade. Até as mais velhas estão usando e não importa o local. As meninas absorvem muito a sensualidade trazida pelo *funk* como vulgaridade, porém há de se ter limites, porque se todo mundo pudesse fazer o que quer, já pensou como seria?”

Coordenação Pedagógica

A fala acima retumba de modo a responsabilizar a cultura *Funk* pela propagação do uso do *shortinho*, restringindo a sua utilização apenas às meninas *Funkeiras*. Assim sendo, estimule sua memória até o nosso último verão e tente lembrar e visualizar a quantidade de meninas, jovens e mulheres que transitavam pelas ruas, ônibus, metrô, instituições diversas, utilizando esta peça, independentemente de serem *Funkeiras*.

Pois, é! O famoso *shortinho* já é peça chave da indumentária de grande parte das jovens, também em solo gaúcho. Contudo, mesmo com tamanha adesão, o uso desta peça parece ainda representar um símbolo daquilo considerado vulgar por deixar visível o corpo feminino, sobretudo as coxas. É como se seu uso possuísse o intuito de provocar investidas do sexo oposto, se pensarmos em uma relação heteronormativa.

Logo, a sua utilização na escola afronta uma Cultura Escolar tradicional dotada de uma visão machista e opressora, pois a adoção desta peça se relaciona com a liberdade feminina ao requerer o direito de vesti-la quando a temperatura não suporta calças, por exemplo. Além disso, mais do que vestir, o cerne do debate é obter respeito por isso. Logo, funda um campo de luta em torno da legitimidade de seu uso em espaços formais de educação. Um episódio que exemplifica e ilustra de um modo bem real essa análise foi a moção de fevereiro de 2016³⁵,

35 Notícia disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/02/alunas-fazem-mobilizacao-pelo-uso-do-shorts-em-escola-de-porto-alegre.html>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

encampada por gurias de 13 a 17 anos, pela liberação do uso de *shorts* no interior de um colégio tradicional de Porto Alegre, que havia proibido o uso da peça.

A campanha “#Vai ter shortinho sim!” obteve visibilidade na internet e protagonizou um ato público como forma de dialogar com a gestão da instituição, a partir da presença de dezenas de gurias vestidas com *shortinhos* e requerendo o direito de utilizarem a peça na escola. O movimento pretendia visibilizar o quanto as questões de gênero atravessam o nosso cotidiano e em situações como esta oprimem as mulheres no sentido de as tornarem responsáveis por fomentar atitudes de descontrole e/ou de depravação por parte dos guris.

Assumir a presença do *shortinho* através de um debate que envolvesse a comunidade escolar não seria uma forma de ensinar o respeito para com os corpos dessas gurias? E também uma forma de parar pra pensar e refletir sobre uma cultura do estupro que culpabiliza a mulher enquanto estimuladora de reações libidinosas a partir da exposição de partes do seu corpo? De que a mulher possui o direito de se vestir como quiser sem ter que ser julgada por isso? Isso não traz à tona diferenças de gênero construídas historicamente, representando a busca por respeito e equivalência ao poder escolher o que vestir?

Assim sendo, a necessidade de “haver limites”, proferida pela professora, parece desempoderar ou ao menos confundir um pouco a noção de democracia, já que esta é fomentada pela ausência de opressão, o que não quer dizer de forma alguma ausência de ordem. Nesse sentido, a abertura para o diálogo se torna fundamental. Contudo, aprende-se na escola “que há um lugar para cada coisa e cada coisa (e pessoa?) tem seu lugar e também que tudo tem a sua hora certa” (LOURO, 2000, p. 127). Como fazer, então, para tentar acertar o passo?

Além do *shortinho* desafiar normas do código de vestimenta de uma Cultura Escolar, a dança associada a esta prática também causa desconforto e preconceito por parte do corpo docente. São situações reais que se corporificam através de ações de sujeitos que transgridem esse processo de normatização, uma vez que o território escolar está recheado de dissonâncias e de situações, conforme relatam duas das jovens entrevistadas:

“Como eu te falei não é aceito, mas na sala de aula a professora de inglês deixa ouvir e até curte às vezes com nós, até porque no ano passado ela fazia trabalho com letra de *funk*. Ela sim é uma das professoras massa! A professora de artes também apoia bastante. Tipo, eu posteí um vídeo ano passado no *face*, aí a diretora do colégio veio e me xingou por causa do vídeo que eu tinha postado. Era um vídeo dançando *funk* e ela me criticou e daí essa professora de artes veio e me apoiou, me elogiou. Totalmente diferente. O vídeo tava super normal, tipo eu nem tava com roupa tão curta também, mas ela veio querendo pagar um preço, toda hora e eu não tirei... Daí veio me criticar, mas o *facebook* é meu, eu posto o que eu quiser.”

MC Valesca Popozuda

“Tem preconceito por parte dos professores, principalmente, porque eles acham que os alunos vão fazer tipo um baile *funk* aqui dentro, mas não é bem assim. Foi o que eu disse, o *funk* depende da pessoa, sabe? A pessoa vai dançar do jeito que ela quer. Nem sempre é só por causa da letra da música e sim pelo jeito que as meninas dançam. Só que é aquilo que eu falei, eu danço *funk* e não necessariamente preciso rebolar a minha bunda, mas tem meninas que rebolam a bunda, entende? E acho que isso atinge de alguma forma os professores. Eu danço só o passinho do *funk*, só as pernas, sabe? E todo mundo fica tipo “Nossa! Como é que tu faz isso?” Mas é que eu não sei rebolar a bunda! Então, o que eu sei dançar do *funk* é só o passinho dele e é algo que eu gosto.

MC Tati Zaqui

Movimentos “bundanos”, isto é, neologismo criado a partir da palavra bunda mais mundanos, sempre caracterizaram as movimentações corporais embaladas pelos ritmos produzidos nas periferias urbanas brasileiras. Estes movimentos seriam, talvez, herança remota da cultura afro de negros e negras que para cá foram traficados? E que, conseqüentemente, foi sendo abrasileirada ao longo do tempo? O fato é que a bunda representa um elemento simbólico em diversas culturas brasileiras e que sua movimentação fere uma elaboração de mundo que se pautou por uma tradição colonial de cunho religioso, que sempre distinguiu claramente aquilo que é sagrado daquilo que é profano.

Nesse sentido, o modo de as meninas dançarem e rebolarem seus quadris e bumbuns possui a conotação erótica e profana que “atinge de alguma forma os professores”, como mencionou a jovem. Já o passinho do *Funk*, executado pela jovem, constitui uma alternativa à dança sensual pertencente ao ritmo, pois promove a mistura de movimentações oriundas de diversas práticas corporais, tais como do frevo pernambucano, do *hip hop* americano, da capoeira e etc. Logo, elabora uma forma de dançar considerada aqui como “sagrada”, pois é permitida e muitas vezes estimulada a ser executada em algumas escolas.

Existem escolas brasileiras que tem promovido a “batalha do passinho” como prática escolar para incluir as corporeidades de crianças e de jovens, oriundos de periferias urbanas. Têm recorrido, portanto, à música e à dança como ferramentas para possibilitar o reconhecimento e a expressão das realidades vividas em seus territórios dentro da escola.

Portanto, considerando as análises desenvolvidas ao longo desta seção, compreende-se que a cultura extraescolar sob o formato da Cultura Juvenil do *Funk* adentra os espaços escolares desacomodando a Cultura Escolar instituída. Nesse sentido, esta última é tensionada por estabelecer o confronto entre práticas sociais x práticas escolares, encenadas por alguns dos episódios descritos. Estes, manifestam a ocorrência de ladaias entre discentes/discentes e docentes/discentes acerca do que representa usufruir de um tipo específico de cultura e não outro, de certas preferências musicais e não outras, o uso de algumas vestimentas e não outras, a utilização de certas danças e não outras e assim sucessivamente.

São as relações de poder corporificando-se em âmbito escolar por disputa de significações e interesses. Por isso, as figuras centrais responsáveis pela gestão são tão importantes, porque possuem o poder de decidir se é possível operar mudanças nesta cultura instituída. Nesse sentido, espera-se que prezem pela articulação da construção de um ambiente de diálogo e de participação de modo que os interesses sejam, pelo menos, reconhecidos e, quiçá, algum dia conciliados

3.5 CULTURA JUVENIL DO *FUNK* CIRCULANDO NA ESCOLA: EFEITOS SOBRE AS PRÁTICAS ESCOLARES E PRÁTICAS DE ENSINO

Este capítulo destina-se a dar voz às professoras e professor entrevistados quanto à repercussão da Cultura Juvenil do *Funk* nas práticas escolares, no sentido de verificar como a presença da mesma reverbera no seu desenvolvimento. Do mesmo modo, pretende-se, também, descrever de que forma tal cultura tem sido apropriada por algumas professoras e professor para a construção de práticas de ensino contextualizadas e diferenciadas, segundo relatos dos/as docentes e discentes entrevistados/as.

3.5.1 Efeitos da presença desta cultura em território escolar: Atrapalha ou não? De que forma?

Tendo em vista que a circulação da Cultura Juvenil do *Funk* em território escolar está presente e que elabora certos conflitos com a Cultura Escolar, o corpo docente entrevistado foi questionado sobre os efeitos que essa presença, por vezes, conflituosa produz nas práticas escolares. Quando questionados sobre o fato de tais práticas serem importunas ou não, foram identificadas categorias que se relacionam, especialmente, com a preferência desta forma cultural em detrimento da preservação da identidade cultural gaúcha, com o uso dos fones de ouvido durante a explicação e, principalmente, com a falta de conhecimento sobre o assunto.

Esta última categoria ganha destaque na reclamação de que na formação de professores³⁶ esta temática nunca foi privilegiada, fato que contribui para que a cultura em voga

³⁶ A formação de professores na escola onde a pesquisa foi desenvolvida acontece duas vezes por ano, no início de cada semestre e dispõe de financiamento público. Porém, desde o corte de recursos aprovado pela atual gestão estadual, a formação tem sido desenvolvida pelas próprias orientadoras pedagógicas da escola e/ou por professores ou grupos de estudos da Universidade Federal de Santa Maria que se disponibilizam para ministrá-la, gratuitamente.

seja, muitas vezes, negada e discriminada em âmbito escolar. Assim sendo, para dar início à discussão, trabalhe de forma objetiva: E aí professora? A Cultura Juvenil do *Funk* tem importunado as práticas escolares?

“Não, eu acredito que não atrapalhe se é o caso da ideologia ou as ditas mensagens subliminares qualquer música tem, qualquer estilo tem. Eu acredito que não atrapalhe as práticas.”

Docente da área das Ciências da Natureza

O fragmento refere-se a algumas músicas que possuem duplo sentido, isto é, que realizam brincadeiras por meio da retórica descrita nas composições. Essa característica é muito forte no cancionário popular brasileiro desde a época do samba de roda do recôncavo baiano e continua presente nas elaborações das formas contemporâneas que circulam por diferentes ritmos musicais. Porém, quando certa cultura começa a ser apropriada por grande quantidade de jovens, de modo intenso, a perda da identidade cultural local se torna um objeto de preocupação, uma vez que o estado do Rio Grande do Sul insiste em fazer valer a representação de que somos tradicionais e fechados para outras culturas, que não a nossa.

Tal conjectura pode ser identificada em meio ao discurso a seguir:

“Na escola, só me preocupa a questão que eles deixam a cultura e o regionalismo mesmo vai ficando pra trás e vão se inserindo em outras culturas que não a gaúcha. Mas acho que se continuar com a cultura deles e não esquecendo, acho que não há problema. Mas eu vejo o problema quando se instiga certos comportamentos que são negativos para eles.”

Docente da área das Ciências da Natureza

A partir do excerto acima, percebe-se que o apego à racionalidade moderna de que o indivíduo deve ser centrado e sua identidade deve ser fixa é demonstrado por meio do culto à tradição local como algo inquestionável, inerente aos indivíduos gaúchos e que deve permanecer. Já em uma leitura de mundo pós-moderna o indivíduo centrado passa a ser sujeito descentrado, já que está à mercê de diversos fatores e situações. Estas são as responsáveis por construir as suas identidades que são móveis e, sobretudo, podem ser híbridas.

Em outras palavras, esta noção flexibiliza e indica que o sujeito gaúcho tradicionalista pode ser também um *Funkeiro* e a prenda uma *Funkeira*, por exemplo. Por que não? Nessa perspectiva, Canclini (2005) destaca que as mudanças socioculturais que têm ocorrido nos últimos tempos derivam, entre outros aspectos, da reelaboração do consenso de pertencimento e de identidade. Estes se encontram cada vez menos dispostos por fidelidades locais e regionais e sim, cada vez mais organizados através da participação em comunidades desterritorializadas de consumidores:

As Ciências Sociais e as humanidades concebem as identidades como historicamente construídas, imaginadas e reinventadas em processos constantes de hibridização e transnacionalização, os quais diminuem seus antigos enlances territoriais (CANCLINI, 2005, p. 114).

Deste modo, o toar um tanto quanto etnocêntrico da fala da docente converge com os *insights* do autor citado quando este aponta que os diversos fundamentalismos nacionalistas e etnicistas, presentes na América Latina, têm agenciado autoafirmações excludentes no sentido de tornar absoluto um único patrimônio cultural. Este é sustentado pela falsa crença associada à pureza, isto é, na preservação de um patrimônio puro como forma de resistir à hibridização.

Aqui no Rio Grande do Sul e, especificamente, nas regiões fronteiriças o cultivo deste patrimônio “puro” atrelado às vivências e práticas, isto é, à lida campeira dos gaúchos dos pampas é muito forte e caro à adoção da visão da identidade como construção histórica. História essa que também é feita no presente, no contemporâneo e que, por sua vez, permite a manutenção, a flexibilidade, a fluidez e a hibridez das identidades culturais dos sujeitos deste tempo.

Quanto à preocupação acerca da incitação de “certos comportamentos negativos” que as músicas de *Funk* podem estar estimulando, cabe questionar quem define o que é negativo? Pois dependendo da perspectiva, uma música de uma MC que evidencia o modo explícito como flerta e/ou como vivencia a sua sexualidade pode ser negativa no sentido de influenciar jovens a tornarem-se vulgares, ou positiva no sentido de empoderá-las. Esta linha se constitui muito tênue a partir do óculos que se veste, ou seja, da visão adotada.

Portanto, objetivando implodir a dicotomia positivo versus negativo, no que concerne aos comportamentos adotados, pensemos em sua substituição pela noção *foucaultiana* de perigo, enfatizada na tese de doutorado de Uberti (2007)³⁷. Nessa ótica, comportamentos perigosos podem estar sendo fomentados por meio de algumas letras. Assim sendo, tal conjuntura não comporta aquilo que é positivo ou negativo, mas aquilo que é perigoso. Perigoso no sentido de que haverá consequências, cujas quais cabem a nós, educadores, pautar e esclarecer. Tal proposição me parece ser contemplada na visão de outros docentes:

37 Inspirando-se em noções foucaultianas, em seu trabalho de doutoramento, a autora citada problematizou os perigos da sujeição à verdade os quais estamos submetidos nas relações de poder-saber, a partir do discurso da Escola Cidadã.

“Eu acho que ela tá presente! Deve continuar e deve ser bem trabalhada e bem esclarecida e ser assumida como uma cultura de juventude. Eu acho que isso até ajudaria os jovens a selecionar melhor o que eles ouvem do *funk*. Porque tem vários tipos de *funk*. Até assim pra que algumas letras tenham um esclarecimento e não tenha tanta influência porque tem uns que são um pouco ingênuos e que tomam aquilo como uma direção ou como um comportamento, sabe?”

Docente da área das Linguagens

“Eu acho muito válido como uma forma de aproximação da realidade deles e pra permitir eles refletirem sobre essa realidade. E não como aquela coisa do intelectual que olha a realidade de cima, entende? Buscando a horizontalidade eu acho assim, buscando o universo que está construído ali, porque isso é complexo! Estereótipos, valores que estão presentes, o reforço de certos preconceitos...”

Docente da área das Ciências Humanas

Os trechos acima sinalizam para o acolhimento da Cultura Juvenil do *Funk* como forma de refletir sobre os efeitos que ela produz. Sem atribuição de juízos de valor, mas sim, do reconhecimento do mundo que está construído e que, conseqüentemente, abriga inúmeras representações. Estas podem estar se constituindo como perigosas! Esse viés permite compreender que nos dias atuais, as escolas não podem mais ficar restritas somente à condição de instituições de ensino, mas também de educação, a partir da problematização de pedagogias culturais que os diversos artefatos carregam consigo.

Essa forma de pensamento opera de modo a admitir que o ato de ensinar, mais do que transmitir conhecimentos, deve ser ampliado para o ato de educar o pensamento no que concerne aos conhecimentos adquiridos tanto na escola quanto fora dela. “É preciso, pois, interrogar essa tradição pedagógica, fazê-la entrar em relação e atrito com o presente.” (TOMAZETTI, 2015, p. 8). Assumir o papel de professor como educador pode auxiliar para o fomento da aprendizagem, pois ao se aproximar de certas realidades juvenis é possível provocar o estranhamento tanto em si quanto nos discentes para despertar a curiosidade em aprender sobre aquilo que move os jovens da atualidade.

Nesse sentido, o desafio dos docentes criado a partir de representações provenientes do conflito intergeracional e de apreciação de outras formas culturais entendidas aqui como superiores, necessita ser assumido de forma a gerar o interesse e a aproximação às realidades que os jovens trazem consigo. Compreendo que este seja o novo papel social do professor, função que o caracterizará como educador de jovens deste tempo. Uma das falas sobre a relação de promover desassossego nas práticas escolares a partir do descrito acima é materializada no quadro abaixo:

“Atrapalha porque realmente não está conscientizado o que é isso, por não ser explorado. Porque talvez se nós, educadores e os educandos, entendêssemos melhor como é que entrou essa cultura, esclarecesse a presença dela e assumisse essa presença, talvez ela não prejudicasse tanto. Porque eles preferem, às vezes, ouvir uma música no fone de ouvido, um *funk*, do que talvez até prestar atenção nas aulas. E eu creio que as disciplinas poderiam também associar isso, né. Mas não faz parte da cultura dos professores. A maioria não gosta ou não conhece.”

Docente da área das Linguagens

A música e a tecnologia, portanto, estabelecem conexões entre diversas Juventudes presentes na escola. O Funk é apenas um dos estilos que mais circulam entre os dispositivos móveis; através dos fones de ouvidos estão presentes no cotidiano, também, da sala de aula. Neste local, os fones atrapalham de modo a competir com a explicação da professora pela atenção dos/as estudantes. Todavia, se tomarmos emprestado a metáfora do ciborgue, elaborada por Donna Haraway (1991) para pensarmos em uma “geração ciborgue”, isto é, jovem-máquina, híbrido de máquina e organismo, onde a tecnologia parece ser uma extensão de suas capacidades cognitivas, talvez o uso dos fones não atrapalhe tanto em sua aprendizagem.

O argumento para este posicionamento advém das novas formas de concentração, elaboradas a partir da interação com os meios tecnológicos da atualidade, os quais têm, cotidianamente, se associado às capacidades cognitivas. Estes novos formatos representam relações sociais e educacionais, cada vez mais mediadas pelos procedimentos tecnológicos que vêm pautando novos modelos de organização e de concentração. Contudo, apesar do uso do celular em aula ser proibido de acordo com as normas da escola, muitos jovens quebram essa regra, obtendo o aval de alguns/as professores/as. Já outros/as docentes adotam a norma escolar, proibindo o uso do mesmo.

Quanto ao modo como o jovem constrói a sua trajetória na escola, em termos de envolvimento e dedicação, o fragmento abaixo reprova qualquer tipo de vinculação entre a cultura *Funk* e o baixo desenvolvimento escolar do jovem, pois múltiplos fatores podem estar ocasionando o desinteresse nos estudos por parte dos jovens:

“No meu ponto de vista o *funk* não interfere em nada com relação ao desenvolvimento escolar do jovem. Se o jovem é desinteressado, isso pode ter vários fatores, né? A gente fala, “Ah! É uma música, é um ritmo sensual que gera, vamos dizer assim que vai pro lado da sexualidade, da sensualidade”, pode até ser, mas eu acho que porque é a realidade da vida deles. Quem escuta *funk* é porque faz parte da realidade da sua vida.”

Docente da disciplina de Seminário Integrado

Assim sendo, o usufruto da cultura *Funk* vivenciada fora da escola e, por vezes, dentro da mesma é algo que movimenta os jovens. Porém, segundo o relato, o fato de se relacionar com a cultura não representa ou é reconhecido como fator resultante do desapego às práticas escolares. Pelo contrário, em uma outra leitura pode até servir como ferramenta de ensino para estimular o interesse de alguns jovens. Nesse sentido:

O que me parece mais coerente é que a escola aceite a cultura juvenil do jeito que ela é e faça dela objeto de estudo e de discussões, buscando interagir e conhecer melhor os alunos que atende. A escola pode ser pensada como um espaço privilegiado de debates sobre as diversas manifestações e produções culturais, inclusive, se necessário, criticando-as e argumentando numa posição contra o estilo musical *funk*, mas também abrindo espaço para que os alunos argumentem e relatem os significados desse gênero musical em suas vidas. (VIEIRA, 2012, p. 28).

Vive-se, portanto, o mundo social extraescolar e o mundo da educação escolar. Por que não proporcionar a interação entre estes dois mundos ao pensar a educação como possibilidade de proporcionar o exercício da cidadania: Por que me tornei um/a jovem *Funkeiro/a*? Como ser um/a consumidor/a crítico/a? Como decidir sobre as alternativas de ocupação de cultura e de lazer na cidade? São perguntas para estimular uma possível relação entre o *Funk* e a escola ao invés de desqualificá-la e/ou restringi-la. Essa preocupação, aliada à falta de conhecimento dos professores sobre o assunto é destacada no trecho abaixo:

“Eu creio que o *funk* deveria ser melhor esclarecido, toda a história musical, cultural pra que a gente conseguisse entender melhor nas escolas, tanto os professores como os alunos, a existência dessa cultura e não ficar negando ela, sabe? Porque isso aí atrapalha e fica uma coisa preconceituosa, porque ao mesmo tempo você prega na escola que você não pode ser preconceituoso, que você tem que assimilar o que tá acontecendo, a juventude, partir do que o jovem te propõe. Mas não há esse esclarecimento, não há essa introdução na formação... Nós temos formação de professores! Teria que ter alguém que fizesse esses esclarecimentos. Poderia ser até ligado aos professores que lidam mais com essa parte artística. As letras também serem estudadas, os tipos de *funk*, o ostentação, putaria, né, enfim os estilos que tem. Quem criou? A história dessa cultura.”

Docente da área das linguagens

Esta fala materializa os paradoxos advindos de políticas³⁸ que estimulam o olhar sobre o jovem como atividade primeira para o estabelecimento de relações interpessoais e educacionais mais consistentes, com a tradição de uma Cultura Escolar que possui certa aversão a algumas Culturas Juvenis. Nesse sentido, as recomendações entram em conflito com aquelas relações que já foram construídas e que necessitam serem desconstruídas.

Logo, a análise é direcionada para políticas educacionais que deem conta dessa realidade sejam pensadas, visando proporcionar formação continuada do corpo docente das escolas públicas, como um direito ao conhecimento das realidades desse tempo e desses sujeitos. Todavia, “Vivemos tempos de supremacia da prática, do fazer e do aprender a fazer na formação dos educadores; da carência de tempo para o exercício do pensar, em função das inúmeras demandas a cumprir” (TOMAZETTI, 2015, p. 7). Neste sentido, o exercício de reconhecer, se

38 Aqui, me refiro a política de formação continuada de professores, intitulada Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio- PNEM, que nos anos de 2014 e 2015, através de cadernos pedagógicos e de cursos de formação, objetivou melhorar a qualidade da Educação Básica ao promover o diálogo entre conhecimento teórico e práticas docentes. (RAMOS e TOMAZETTI, 2016). O caderno II da primeira etapa desta proposta, intitula-se “O Jovem Como Sujeito do Ensino Médio” e concedeu o olhar para o jovem estudante como sujeito do processo educativo, isto é, como sujeito que traz consigo experiências e particularidades as quais devem ser reconhecidas pela comunidade escolar.

informar, refletir, se apropriar e produzir nexos entre a realidade social do público juvenil e as práticas escolares acaba perdendo força.

3.5.2 Apropriação de elementos da Cultura Juvenil do *Funk* pelas disciplinas da área de Linguagens e de Ciências Humanas

A presente seção objetiva dar visibilidade às práticas de ensino, de parte do corpo docente, que já se valeram de algum aspecto da Cultura Juvenil do *Funk* como forma de trabalhar os conteúdos curriculares. Tais práticas circularam pelos discursos dos/as jovens e de alguns/as docentes entrevistados/as e se fizeram presentes, sobretudo, em quatro disciplinas da área de Linguagens (Português, Inglês, Educação Física e Arte), em uma disciplina da área de Ciências Humanas (História), além da disciplina de Seminário Integrado.

As práticas elaboradas envolveram a musicalidade do *Funk* no que tange à produção musical de paródias articuladas aos conteúdos das disciplinas; à expressão corporal enfatizada por meio da dança característica do ritmo e à problematização de alguns elementos presentes nas letras de *Funk*, como meio de abordar temáticas específicas, tais como noção de cultura, gênero, paternalismo e empoderamento da mulher, visão de festa e o tempo de balada e as realidades juvenis de periferia.

Contudo, o preconceito relatado ao longo dos capítulos, advindo de diversos aspectos que envolvem a cultura, é real e ronda grande parte dos docentes e da equipe diretiva, podendo até mesmo estar cerceando possibilidades de utilização desta Cultura Juvenil como objeto de estudo e/ou de prática de ensino. Além do mais, articulações entre práticas do cotidiano de jovens e o conteúdo das disciplinas exigem conhecimento e planejamento. Estes, por sua vez, demandam dedicação e tempo para a elaboração das conexões. A fala de um dos docentes entrevistados sustenta esta ocorrência:

“Acho que ainda não há um esforço, digamos assim teórico, de nós mesmos conseguirmos organizar práticas pra pensar isso porque eu acho que o *funk* ainda é muito assustador para as pessoas que vêem. Acho até que teu trabalho deve dar muito medo nas pessoas.”

Docente da área das Ciências Humanas

A tentativa de aproximação entre o *Funk* e a escola é algo que desacomoda valores já estabelecidos para uma instituição escolar. A representação de que esta deve se responsabilizar, apenas, pelo ensino de alguma matéria, disciplina e/ou conteúdo, a partir da presença do professor, restringe a compreensão de que a educação também é realizada em muitos âmbitos de uma sociedade, por meio das pedagogias advindas da cultura que adentram a escola.

Todavia, uma das formas de descrever a educação escolar é relacioná-la à transmissão sistemática da cultura de uma sociedade através do ensino. Porém, tal cultura abrange o acúmulo de conhecimentos científicos, artísticos, tecnológicos, assim como os valores de um povo. Nesse sentido, é compreensível que não caberia nos anos letivos e muito menos nos horários escolares previstos, toda a cultura de uma sociedade que é plural e dinâmica.

Portanto, alguns determinados conteúdos são eleitos e organizados em matérias de ensino, passando a compor o currículo, isto é, as partes da cultura que o aluno é obrigado a percorrer. Assim sendo, utilizar como fonte de inspiração aspectos atrelados à Cultura Juvenil do *Funk* como ferramenta educacional, através de conexões com as diversas disciplinas escolares que compõem o currículo, funda uma estratégia ousada para os/as professores/as, mas ao mesmo tempo, se apresenta interessante para os/as jovens, de acordo com os relatos obtidos.

Do mesmo modo, o fato mencionado de que minha pesquisa “deve causar medo nas pessoas”, se revelou real e notório a partir dos ambientes em que circulei na universidade e nas aulas que o apresentei durante o curso de mestrado. Porém, para discutir esse aspecto recorro às conjecturas de Kohan (2015) ao analisar as repercussões suscitadas pelo livro “Vigiar e Punir” de Foucault (2008). Compreendo que não há problema algum o fato de minha pesquisa gerar críticas ou reações negativas, pois o mais importante é que não gere indiferença ou paralisia quanto ao fluxo da temática abordada. E é exatamente este efeito produzido que vai colocar em questão o sentido político da escrita, da leitura e do modo como o assunto é discutido.

No entanto, mesmo com as dificuldades mencionadas pelo professor da área de Ciências Humanas, a partir dos relatos dos jovens e das jovens, foi possível identificar que há na escola um grupo de docentes que ousam se apropriar de elementos que envolvem o *Funk* para basear algumas de suas práticas de ensino. A seguir, podem ser conferidos os relatos dos/as estudantes e professores/as sobre o modo como a apropriação de elementos da cultura tem sido construído:

“A minha professora de português já usou. Não foi bem um *funk* assim, foi mais um *funk/rap* mais ou menos. Ela usou pra fazer um texto, daí ela fez uma música, uma paródia e fez a gente cantar na aula em ritmo de *funk* e *rap*, mais ou menos misturando os dois e ficou legal. Até esse ano tava todo mundo falando pra ela: “Ah! Quero ver se vai ter música esse ano, se vai ter *funk* e *rap*!” Porque ela fez isso aí ano passado com nós, foi uma coisa diferente, mudou pra nós, foi bom!”

MC Maneirinho

“Às vezes eu improviso. Tipo, já fiz músicas pra trabalho aqui no colégio, na sala de aula. Eu pegava a letra de algum livro ou história e dentro dessa história eu começava a escrever e dali retirava uma batida da internet ou mesmo eu criava e ia fazendo as musiquinhas ou como se diz, as paródias.”

MC João

“Paródia eles já fizeram, mas não fui eu que propus. Eu lancei o assunto e eles que construíram. Tiveram alguns grupos que fizeram com *funk* e o assunto em geral era preconceito e aí eles tinham que produzir uma paródia relacionada ao assunto.”

Docente da disciplina de Seminário Integrado

Parodiar é um exercício que implica movimentar o pensamento para produzir textos musicais, a partir de uma situação concreta e com a intenção determinada de articulá-la com os conteúdos. Desenvolve, portanto, a arte de ler, interpretar, compreender, se apropriar, escrever, rimar, reinventar e, por fim, comunicar. Utilizar essa prática musical como prática de ensino a torna um artefato cultural dotado de pedagogia. A utilização de uma pedagogia escolar a partir da pedagogia cultural que a música proporciona, contribui para o envolvimento dos/as jovens com a matéria.

Além disso, colabora para a construção de aprendizados significativos para os mesmos, uma vez que por meio das paródias elaboradas estes se tornam sujeitos ativos da aprendizagem. Pensar o currículo a partir dos Estudos Culturais é pensar também na noção de protagonismo juvenil, uma vez que a condição protagonista objetiva, conforme Abramo (1997) desenvolver atividades centradas no princípio de que os próprios jovens compõem sujeitos ativos e colaboradores na construção dos processos educativos que com eles se desenvolvem.

Contudo, certos episódios têm revelado o menosprezo deste protagonismo construído por meio de práticas diferenciadas como a citada anteriormente. Em junho deste ano, uma professora de sociologia da rede pública de Curitiba foi afastada pela direção de sua escola ao realizar com os jovens a prática de construção de uma paródia que unia o conteúdo relacionado à teoria de *Karl Marx* ao *hit Funk*: “Baile de favela”³⁹. O vídeo da apresentação da paródia, construída pelos jovens, obteve visibilidade nacional via *site youtube* e recebeu inúmeras críticas sendo subjugado como apologia ao pensamento político e ideológico do autor.

Porém, foi apenas o estudo sobre um dos vários teóricos que estão presentes no componente curricular da disciplina. Nas palavras da professora: “A partir do momento em que a gente fez a junção do *Funk* com *Marx*, a gente transformou o *Funk* em uma forma de disseminação de conhecimento. A gente pegou um estilo musical que é marginalizado e transformamos em teoria”. Nesse sentido, em tempos de investidas para tornar a “Escola sem partido”⁴⁰ através da “Lei da Mordaca”⁴¹, uma prática de ensino contextualizada e diferenciada se tornou uma disputa por representação, pois segundo os jovens *Karl Marx*, os trabalhadores

39 Notícia disponível em: <https://goo.gl/8EBDoR>. Acesso em: 14 de jul. de 2016.

40 O site da referida proposta pode ser acessado em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 20 de jul. de 2016.

41 Disponível em: <http://www.sinprodf.org.br/pl-da-mordaca-afronta-professores-e-a-educacao-democratica-2/>. Acesso em: 20 de jul. 2016.

e a luta de classes são bailes de favela! E é exatamente esse grito consciente da Juventude que incomoda!

O ato de educar é sempre político. Uma “Escola sem Partido” não existe, pois valores e representações de mundo estão sempre mutuamente engendrados nesta prática. Assim sendo, uma escola que pretenda ser sem partido possui a premissa de silenciar e/ou até mesmo cercear os movimentos de discussão de perspectivas e ideias, validando a instauração de uma partido único, excludente e conservador. Portanto, a escola que assumir essa posição irá convergir para que as relações sociais continuem como estão, promovendo um processo coletivo de aceitação e, conseqüentemente, de retrocesso em relação ao que já foi conquistado até agora.

Com base na contextualização acima, compreende-se que a educação constitui uma das mais potentes ferramentas sociais da atualidade, pois a partir da ampla discussão de noções e visões acerca do conhecimento construído historicamente e associado aos eventos contemporâneos é que há a possibilidade para a construção de novos conhecimentos. Sendo assim, a educação não pode ser negada e/ou se restringir apenas ao ensino dos conteúdos, pois é através dela que os sujeitos podem vir a se tornar cidadãos conscientes e agentes sociais ativos da sua realidade e de seus territórios.

Voltando ao contexto da escola onde a pesquisa foi produzida, outros cruzamentos entre práticas de ensino e Cultura Juvenil do *Funk* foram identificados:

“No 1º ano, eu tive uma professora de Educação Física que queria fazer aulas de dança com as músicas e aí teve uma aula dela em que ela tocou uma música que tinha uma batida meio que a do *funk* e algumas meninas dançaram. Mas quando foi o dia do *funk* mesmo, até os meninos vieram e dançaram, sendo que eles não queriam dançar na outra aula, sabe? Foi algo que me chamou a atenção porque se tocar *funk* todo mundo vai dançar, entende? E daí quando ela tentou outra coisa, outra música ela ficou braba no outro dia porque ninguém dançou...”

MC Tati Zaqui

Com base na fala da jovem, percebe-se que o *Funk* tem contribuído para afrontar a noção de generificação dos corpos na dança, até mesmo em âmbito escolar. Guris gaúchos têm se aproximado do ritmo e usufruído do mesmo através de movimentações corporais sinuosas, observadas nas festas e relatadas pela estudante. Essa aproximação de grande parte das Juventudes gaúchas e/ou santa-marienses ao *Funk* permite inferir, por exemplo, que as identidades juvenis desta geração tem se organizado cada vez menos em torno de símbolos sociais, históricos e culturais locais em relação aos símbolos de outras territorialidades que, constantemente, circulam pelos meios de comunicação tradicionais ou virtuais.

Em outras palavras, utilizando o termo cunhado por Yúdice (2004), a crescente “*funkização*” do gosto de jovens consumidores de estilos musicais urbanos demonstra a vinculação a traços estéticos e culturais bem diferentes dos característicos da região gaúcha.

Porém, se encontra amarrado a signos e símbolos que demonstram a demanda dos jovens deste tempo, desta geração globalizada e híbrida.

Assim sendo, a disciplina de Educação Física e a de Arte se apropriam da linguagem corporal da dança, compartilhada em suas searas de conteúdos, para dialogar com a cultura *Funk*. Já a disciplina de inglês investe na tradução de palavras contidas nas letras das músicas como forma de ampliar o conhecimento do vocabulário estrangeiro:

“A professora de arte sempre me deixou bem livre pra fazer os trabalhos. Todo vídeo que eu fazia no celular, que eu gravava ela pedia pra ver e mostrava para os colegas. Ela dá a maior força pra mim que danço. Ela considera uma arte e já fez trabalhos com *funk*, daí a partir da dança ela utilizava o *funk* pra interagir com a música, tipo se expressar. Eu achei muito massa! A de inglês pedia pra gente tentar traduzir as músicas de *funk* para o inglês, também muito massa!”

MC Valesca Popozuda

“Na aula de arte nós trabalhamos esclarecendo os estilos musicais. Então, alguma coisa nesse sentido, mas só pra esclarecer assim tipo “Qual foi a origem do *funk*?”, “O que que é o *funk*?”, foi tematizado. Ou “O *funk* vem da onde?” “Ah! O *funk* vem dos Estados Unidos, né, a batida, ele surge com *James Brown*. Essas coisas assim, até pra esclarecer que o *funk* não surge aqui no Brasil pra eles já começarem a entender, mas foi aí que eu pedi um vídeo que a pessoa podia fazer dela dançando como ela quisesse e aí “MC Valesca popozuda” até foi uma das pessoas que fez pra mim.”

Docente da área das Linguagens

As práticas de ensino relatadas acima, possuem relação com algumas disciplinas da área de Linguagens. Já a disciplina de História, da área de Ciências Humanas, utiliza o conteúdo discursivo que o *Funk* traz em suas letras para discutir diversos assuntos. Assim sendo, professores que utilizam o *Funk* em suas aulas modificam a forma de se relacionar com as Culturas Juvenis e, conseqüentemente, o modo de fazer educação escolar. Essas mudanças só são possíveis quando se admite uma tomada de posição, a qual é compreendida como ato político e pedagógico.

A ação educativa, portanto, é sempre política, pois não há conhecimento neutro, uma vez que todas as expressões e formas de interpretar a realidade possuem relação com o tipo de visão de mundo adotada e, conseqüentemente, com o engajamento das pessoas na sociedade:

“Quando eu trabalhava as noções de cultura eu sempre trazia o *funk*...Erudição e popular e a visão que eles tinham. O *funk* sempre vinha como a perspectiva do presente, sabe? Tentar dar essa visão de diversidade e tentando quebrar essas noções preconceituosas, tentar complexificar esses sentidos comuns. Esse talvez seja o ponto que me alia a inserir em sala de aula. Pensar que cultura não é só erudição, pensar que práticas populares surgem e como elas são apropriadas pela indústria, eu acho que isso também é importante. Estudar o *funk* eu nunca fiz. Isso eu acho que a Sociologia deve fazer”

Docente de Ciências Humanas

A posição do professor, por exemplo, possui relação com a visão de cultura como indústria cultural, termo cunhado pelos estudiosos da Teoria Crítica, *Theodor Adorno* e *Max Horkheimer*, da Escola de *Frankfurt*, constituída pelo Instituto de Pesquisa Social da Alemanha. A partir deste conceito, os filósofos buscaram classificar as culturas que emergem das massas,

que são frequentemente utilizadas pelos meios de comunicação e colocadas sob o domínio da classe dominante.

Logo, a indústria cultural compõe uma potente ferramenta de formação de opinião por meio da utilização dos meios de comunicação de massa e, neste sentido, conforme os estudiosos, “Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os mais distraídos vão consumi-los abertamente (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 60)”. Nessa perspectiva, a indústria cultural, bem como os produtos produzidos a partir dela e disseminados na sociedade brasileira por meio da mídia televisiva, do rádio, das músicas tocadas em festas que jovens frequentam, constituem, também, artefatos culturais e fundam um formato de pedagogia cultural.

Educam, sem possuir um currículo específico ou um planejamento, entretanto, são consumidos com diversas simbologias, subjetividades e representações. De acordo com Silva (2011), as teorias pós-críticas e/ou pós-estruturalistas teorizam sobre a linguagem, o discurso e os processos de significação. Nesse viés, as problematizações, tecidas pelo professor, parecem possuir relação, também, com o campo de análise pós-estruturalista:

“Quando eu discuto paternalismo eu sempre trago a mulher no *funk*, tanto aquela que tá tentando o empoderamento, nessa visão lá desde “O show das poderosas” até com a Valesca. Aquela música que ela diz que vai abandonar a vida e sair pra “festiar” e que o marido traía e coisa e tal pra pensar o paternalismo e o que se espera de uma noção de mulher. Mas ao mesmo tempo eu senti um pouco de resistência por parte dos alunos como se isso não fosse sério! Entende? A reação deles é muito plural. Mas ao mesmo tempo é surpreendente porque aí eles começam a te mostrar coisas, inclusive os tipos de *funk* que não são mercadológicos e que eles escutam que são os proibidões e eles circulam de uma forma... Eu acho que talvez seja um ponto desse submundo que a gente não conhece e que está, talvez desde os pequenos. E aí é outro universo que com a internet, tem uma circulação muito forte e que tá no celular! E aí como professor tu tem que tá cortando, né? O objetivo não é trazer isso também, mas ele existe.”

Docente de Ciências Humanas

Iniciativas como esta endossam a posição de Silva (2011, p. 140), quando destaca que “A forma envolvente que a pedagogia cultural está presente na vida de crianças e jovens não pode ser simplesmente ignorada por qualquer teoria contemporânea do currículo”. Logo, o exercício de reconhecê-la e apropriá-la na articulação do conteúdo como forma de aproximação das realidades juvenis é um exercício onde as próprias músicas de *Funk* podem auxiliar.

Abaixo, o professor cita alguns exemplos de canções que já utilizou para tematizar suas práticas de ensino como forma de despertar o interesse pelo conteúdo e por questões atuais, problematizando-as:

“Usei a MC Carol quando diz “não foi Cabral que descobriu o Brasil!”. Aquilo ali é uma aula de história, entende? Quando ela fala de toda a complexidade, trazendo índios, Cabral e falando diretamente pro professor que aquele espaço não corresponde às ansiedades dela, né! E eu acho que talvez o nosso grande problema hoje, talvez até de indisciplina, de dificuldade do aluno continuar em aula é não tentar buscar a realidade dele e uma dessas milhares de realidades é o que eles consomem: música, vestimenta... que é a cultura juvenil.”

Docente de Ciências Humanas

“Eu usei outros mais antigos, “O rap da felicidade”, “o do Silva”, que eu acho que eles dão essa noção de falar a realidade deles, mesmo tocando em assuntos do presente pra eles tentarem perceber esse ritmo de temporalidade diferente que também é uma das coisas que a história faz. Pensar o tempo e aliar uma noção de tempo, a noção de festa, de curtição, de “o tempo da balada”, essas coisas assim são algumas formas que eu procuro trazer pra inclusive sair do presentismo, pra pensar coisas mais complexas. Por que é interessante olhar o passado? Por que isso? Por que aquilo?”

Docente de Ciências Humanas

“Professora me desculpe, mas eu vou falar: esse ano na escola as coisas vão mudar! Nada contra ti, não me leve a mal, quem descobriu o Brasil não foi Cabral!⁴²” constitui o fragmento de uma das músicas citadas e representa a necessidade da jovem *Funkeira* de dialogar com o corpo docente no sentido de ampliar as perspectivas de abordagem de certos conteúdos da História do Brasil, como o descobrimento, por exemplo. Considerando esta realidade, ao utilizar este *Funk* o professor demonstra, portanto, que este artefato cultural pode ser claramente compreendido como uma ferramenta de ensino que está associada à Cultura Juvenil do *Funk* e às representações do ensino escolar como sendo ultrapassadas ou descontextualizada das situações reais.

Já os antológicos: “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar⁴³” e “Era só mais um Silva que a estrela não brilha. Ele era *Funkeiro*, mas era pai de família⁴⁴” constituem os refrãos dos *Funks* citados dos anos 90 e que representam até hoje as dificuldades enfrentadas por moradores de periferias urbanas, tais como a falta de segurança e de oportunidade. Portanto, pensar o passado para refletir o presente representa o exercício de problematizar as situações históricas reais, os fatos. Em uma perspectiva *foucaultiana*, a problematização pode ser entendida sobre a interrogação do:

[...] conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política, etc.). (FOUCAULT, 2010, p. 242).

⁴² A música “Não foi Cabral”, de MC Carol está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=Hfkkeo-Vmc8>. Acesso em: 28 de jul. de 2016.

⁴³ O “Rap da Felicidade”, de MC Cidinho & Doca está disponível no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=z34HcBcqTas>. Acesso em: 28 de jul. de 2016.

⁴⁴ O hit “Rap do Silva”, de MC Bob Rum está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLCKxP802yM&list=RDZLCKxP802yM>. Acesso em: 28 de jul. de 2016.

Percebe-se, assim, que a negociação para abarcar os anseios da comunidade juvenil, em termos culturais, consiste em um exercício que demanda interesse, disposição e planejamento para que práticas de ensino tornem-se práticas democráticas na ampliação do canal de comunicação com as diversas Juventudes presentes na escola. Esse exercício, portanto, se torna um desafio constante, pois o jogo do verdadeiro e falso, daquilo que pode e que não pode, está sempre operando. Esta realidade é possível de ser verificada na fala do professor sobre as reações dos/as jovens ao experimentar esse contato com o *Funk* articulado aos conteúdos:

“As reações são muito contraditórias e plurais. É como se isso não fosse um assunto digno de estar no espaço escolar. É como se isso não pudesse invadir o espaço do saber, porque há um regime de verdade. Existem temas que são mais adequados e outros não. Eu utilizo por pensar que há a recepção sem reflexão e se não acontecer na escola, onde isso vai acontecer? Por isso, mesmo com todos os riscos que eles podem evocar a escola tem que discutir isso e a gente utiliza grandes temas que estão aí: gênero, visão de festa e todas as possibilidades que um artefato musical pode nos dar.”

Docente de Ciências Humanas

Portanto, compreende-se que mesmo decorridos muitos anos da cena pública ser atravessada pelos meios de comunicação e por seus signos difundidos, considerados como os principais formadores de opiniões, grande parte das escolas parece consagrar apenas os assuntos já convencionados como saberes eruditos. Às vezes se apropriam um pouco da cultura popular tradicional, mas quase nunca dizem ou fazem em relação às culturas urbanas atuais como o *Funk*, o sertanejo, as redes sociais, as novelas e etc.

Estes artefatos instituem os elementos que mobilizam o pensamento e as sensibilidade das Juventudes brasileiras da atualidade. A não reflexão dos consumos dos seus significados pode ser algo perigoso, por isso a justificativa do professor para inseri-los em suas práticas de ensino. Educadores e educadoras que realizam o exercício de se apropriar dos sistemas de significados que circulam entre nossos/as jovens em meio às representações disseminadas fazem valer o interesse do público juvenil e estudantil. Além disso, permitem dar voz ao desconhecido, a partir da sua leitura, promovendo o debate saudável e necessário acerca do que estes artefatos dizem.

Parafraseando a filósofa Viviane Mosé, em uma de suas falas⁴⁵, em um dos “cafés filosóficos⁴⁶”, disponíveis no *youtube*, a escola não pode mais ser compreendida como uma prisão de sujeitos e de disciplinas, onde o currículo é representado como grade, composto por conteúdos programáticos específicos. Nesse sentido, aquilo que as Juventudes trazem consigo

45 A fala de Viviane Mosé no Café Filosófico intitulado: “O que a escola deveria aprender antes de ensinar?” está disponível através do link: https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80. Acesso em: 16 de jun. de 2016.

46 Constitui uma série de debates entre filósofos/as brasileiros sobre diversos assuntos que emergem do contemporâneo. Estes são organizados e promovidos pelo Instituto CPFL como forma de disponibilizar ações que envolvem cultura.

também deve ser acolhido. A Cultura Juvenil do *Funk* como tema que ousa penetrar na grade curricular através de práticas de ensino de alguns professores é o mesmo que esbarra na grades de proteção de outros.

Assim sendo, mesmo com algumas dificuldades e com a resistência de alguns docentes e discentes, foi identificado que a área de Linguagens e a de Ciências Humanas foram as mais propícias para que docentes pudessem acolher e se apropriar desse tema para problematizá-lo, possibilitando a discussão e a produção de conhecimentos através das estratégias diversas apresentadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar a exposição da gama de elementos que constituem as minhas conclusões transitórias sobre a temática abordada nesta dissertação, penso que, primeiramente, devo dar ênfase ao exercício de construção da mesma. Este, proporcionou inúmeras aprendizagens sobre os modos de se fazer pesquisa em Educação, permitindo que os caminhos escolhidos fossem articulados aos assuntos que atravessavam a pesquisadora, além de promover uma interface com a Linha de Pesquisa do PPGE/UFSM: “Práticas Escolares e Políticas Públicas”.

Toda essa aproximação envolvendo perspectivas teórico-metodológicas de pesquisa, interesse pessoal da pesquisadora e comprometimento para com a Linha do Programa, tornaram o exercício de dissertar leve e prazeroso, mesmo com algumas adversidades apresentadas e com a responsabilidade de cumprir as metas de planejamento e de organização do tempo. Logo, o ânimo dispendido para a construção deste estudo me prova que o papel do/a intelectual específico/a⁴⁷ se vincula mesmo à modificação do regime de produção do saber. Opera, portanto, de forma particular através de temas que desacomoda verdades estabelecidas, tornando a escrita militância, isto é, como um meio de participação política ativa em prol de questões que se pretende visibilizar.

Nesse ótica, a partir da aproximação do campo teórico dos Estudos Culturais e da Análise de Discurso *foucaultiana*, como forma de inspiração, procurei pensar e relacionar temáticas sobre Juventudes, Culturas Juvenis urbanas, *Funk*, escola e práticas escolares. Para isso, a materialidade foi construída através da pesquisa de campo em festas noturnas da cidade de Santa Maria e em uma escola pública, onde entrevistas com professores/as e jovens foram realizadas.

Ao longo das discussões apresentadas nos capítulos, a presente dissertação de mestrado buscou responder cada objetivo específico de modo a abranger o geral, tentando dar conta de responder o problema estipulado: de que forma a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado em uma escola pública de Santa Maria/RS? Para isso foi necessária a descrição de cada sujeito da pesquisa, desde os discentes, seis jovens *Funkeiros*, isto é, consumidores do estilo musical, até os docentes. Estes foram representados pela coordenadora pedagógica, pela a professora da disciplina de seminário

47 Segundo Uberti (2007), o trabalho do intelectual específico não consiste em buscar soluções para os problemas, mas sim, ocupar um lugar estratégico ligado às formas gerais de luta em relação ao poder do dispositivo de verdade presente nos discursos que circulam em nossa sociedade. Assim sendo, questiona e problematiza de modo incansável acontecimentos sociais do seu tempo. Porém, sempre em uma dimensão localizada, identificando o momento em que o poder de verdade de um discurso adquire força relevante.

integrado e por mais quatro professores/as, um/a de cada área do conhecimento, exceto Matemática.

As vinculações dos jovens entrevistados/as à Cultura Juvenil do *Funk* foi apresentada a partir dos diferentes tipos de pertencimentos e dos preconceitos que esta forma de se relacionar faz emergir. Entre os pertencimentos foram destacadas categorias como ritmo/batida, dança, vestimenta e representações específicas nos cliques e discursos das letras. Já os preconceitos advêm do não reconhecimento do *Funk* como manifestação cultural, da associação do consumo às classes populares, do uso das vestimentas associadas às Juventudes marginais e do conteúdo erótico das letras.

Com o objetivo de identificar o modo de circulação do *Funk* no município de Santa Maria, além de ouvir os/as jovens entrevistados, seis festas noturnas foram visitadas. O conjunto de ditos e das observações realizadas me fizeram compreender que o *Funk* circula sob a dimensão de “diversão”, pois acolhe e promove o entretenimento de diversas Juventudes; de “mercado”, porque além do mercado formal de festas também movimenta a economia familiar periférica, através das junções informais realizadas e, por fim; de “ladaia”, uma vez que faz emergir diversas confusões envolvendo bondes rivais da cidade.

Quanto à circulação da Cultura Juvenil do *Funk* em âmbito escolar, foram identificados espaços e formas plurais. Sobretudo, o pátio, o recreio e a sala de aula têm sido invadidos pela tecnologia dos celulares e *smartphones*, que por sua vez, garantem o fluxo individual ou coletivo de fruição da cultura. O *Funk* como Cultura Juvenil constitui-se como uma pedagogia cultural complexa e multifacetada em suas dimensões, uma vez que reúne diferentes jovens em função do hall de artefatos que produz, tal como música, batida, letra, dança e vestimenta.

Estes elementos circulam pelo território escolar através das telas de projeção dos dispositivos já citados e dos corpos daqueles que se identificam, produzindo certos conflitos com a Cultura Escolar existente. Estas dissonâncias são representadas pela discussão acerca do usufruto de um tipo específico de cultura e não outro, de certas preferências musicais e não outras, o uso de algumas vestimentas e não outras, a utilização de certas danças e não outras e etc.

Contudo, mesmo com o conflito Cultura Juvenil do *Funk* x Cultura Escolar, alguns docentes têm feito o exercício de se apropriar de alguns elementos da cultura *Funk* para inseri-la de algum modo em sala de aula, através de suas práticas de ensino. As disciplinas de Português, Educação Física, Arte e Inglês, pertencentes à área de Linguagens já realizaram esse movimento através da utilização de paródias envolvendo o conteúdo, de atividades rítmico expressivas e da tradução de letras de músicas para o idioma inglês. Já a disciplina de História,

pertencente à área de Ciências Humanas, se apropriou de discursos contidos nas letras para tematizar assuntos atuais e relacioná-los à disciplina.

Portanto, ao dar visibilidade à Cultura Juvenil do *Funk*, esta pesquisa atuou no sentido de garantir a inclusão, contextualização, discussão e a ressignificação de assuntos atuais e presentes no universo cultural de parte de jovens de Ensino Médio de uma escola pública de Santa Maria/RS. Promover o diálogo entre esta cultura ainda marginalizada, aos olhos de muitos, no espaço escolar, por meio desta dissertação, fez com que eu percebesse que o *Funk* constitui-se também como uma cultura de resistência, porque apesar de ser comum nas realidades dos jovens, tem adentrado e circulado pela instituição escolar, resistindo e ganhando espaço pouco a pouco através das possibilidades de encadeamento das práticas de ensino identificadas e apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 25-36, set./out./nov./dez. 1997.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 224 p.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Z. Identidade. In: **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p.15-35.
- BUJES, M. I. E. Descaminhos. In: COSTA, M. V (org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 13-34.
- BRASIL. **Lei 9394/96**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 2014.
- BRUM, E. Os novos “vândalos” do Brasil. **El país**: o jornal global, São Paulo, 23 dez. 2013. Disponível em:
<http://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/23/opinion/1387799473_348730.html>. Acesso em: 10 mar.2015.
- CANEN, A. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 77, p. 207-227, 2001.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadão**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- _____. **Culturas híbridas**: estratégias para sair e entrar na modernidade. São Paulo: EDUSP, 2013.
- COSTA, V. C.; SILVEIRA, H. R.; SOMMER, H. S. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 23, p. 23-61, maio/jun./jul./ago. 2003.
- DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o *funk* na socialização da juventude. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.
- DAYRELL, J; CARRANO, P. C. Jovens no Brasil: Difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. In: **Portal EMdiálogo**. Rio de Janeiro: UFF, 2013. Disponível em:
<http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf>. Acesso em 03 dez. 2014.

FANFANI, E. T. Culturas jovens e cultura escolar. In: **Seminário “Escola Jovem: um novo olhar sobre o ensino médio” 2000**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CultJoEsc.pdf>>. Acesso em 12 ago.2015.

FIGUEIREDO, M. dos S. **Professor... as crianças já ligaram a TV... e você?** 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, Nov. 2001.

FISCHER, R. M. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, M. V (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 49-70.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **A arqueologia do saber**. Forense Universitária, 2008.

_____. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

_____. O cuidado com a verdade. In: MOTTA, M. de B. da. **Foucault: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2010.

FRAGA, A. B. Linhas de Conexão. In: FRAGA (Org.). **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Campinas: Autores associados, 2006. p. 1-15.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HALL, S. A. Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, S. A identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1998.

HARAWAY, Donna. **Simians, ciborgs and women**. Londres: Routledge, 1991.

HOBSBWAN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

IULIANELLI, J. A. S. Juventude: construindo processos; o protagonismo juvenil. In: FRAGA, P. C. P.; IULIANELLI, J. A. S. (Org.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A Editor, 2003. p. 54-75.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 955-975, set./dez. 2011.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autentica, 2010. 236 p.

KOHAN, W. O. Vigiar e Punir: 40 anos de uma experiência de filosofia. In: CARVALHO, A. F.; GALLO, S. **Repensar a educação: 40 anos após Vigiar e Punir**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. p. 17-38.

LAZZARIN, L. F. Alegorias do contemporâneo: articulações e efeitos entre identidades culturais e consumo. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 53, p. 531-544, set./dez., 2015.

LEVI, G.; SCHMITT, J. C. **História do jovens**. São Paulo: Scritta, 1994.

LOURO, G. L. Educação e Gênero. A escola e a produção do feminino e do masculino. In: SILVA, L. H. & AZEVEDO, J. C. (Orgs.). **Reestruturação curricular**. Teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOURO, G. L. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In: COSTA, M. V. (Org.). **Escola Básica na virada do século: Cultura, Política e Currículo**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 119-130.

MASSONE, M. *Los jóvenes, la escuela y las transformaciones en la apropiación de los saberes*. In: FINOCCHIO, S.; ROMERO, N. (Org.). **Saberes y prácticas escolares**. Rosario: Homo Sapiens, 2011. p. 153-173.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Revista Brasileira e Educação**, ANPED, n. 5 e 6, 1997.

MATTELART, A.; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 216 p.

MORETTO, J. **Tudo acaba em funk: um documentário sobre a apropriação da cultura funk**. 2015. 63 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social/Relações Públicas) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

NASCIMENTO, R. M. O *funk* na sala de aula: quebrando paradigmas. In: **Seminário Internacional Escrevendo o Futuro**. 2015, p. 1-5. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/5491/ok-textosseminarios-09dez2015-texto-22-funk2-ok.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2015.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V. M; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-99.

NELSON, C.; TREICHLER, P.; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Alienígenas em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993. 352 p.

_____. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana, cap. IV p. 71-114. In: _____. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003. 271 p.

PEREIRA, A. B. Funk Ostentação em São Paulo: Imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. **Revista Estudos Culturais**, São Paulo, v.1. n.1, p. 1-18. 2014.

PERONDI, M. **Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas**. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PINHEIRO, T. M. I.; RODRIGUES, M. L. Ideias linguísticas expressas através do discurso do *funk* ostentação. **Revista Philologus**, Ano 19, n. 57, p. 514-522. Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, N. V.; TOMAZETTI, E. M. Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio: uma experiência de formação continuada de professores desde a UFSM. In: BENETTI et al. (Org.). **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio: narrativas de experiência**. Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016.

RANGEL, Patricia. O funk no Rio de Janeiro: identidade étnica, cultural e social na baixada fluminense. **Revista Periferia, Educação, Cultura e Comunicação**, v. 5, n. 2. UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, B. M. A. dos; PAIVA, S. R. de O. “**Ostentação fora do normal: quem tem motor faz amor, quem não tem passa mal**”: uma análise sobre o funk da ostentação. XV Congresso de Ciências da Comunicação na região nordeste, 2013, Mossoró. **Anais eletrônicos Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Mossoró: 2012. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0537-1.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

SETTON, M da G. J. Juventude, Mídias e TIC. In: SPOSITO, M. P. (Org.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**. Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 63-86. v.2.

SOBRINHO, A. F. O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. In: Seminário Nacional Currículo em movimento: Perspectivas atuais. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7176-4-1-aluno-nao-e-mais-aquele-antonio-favero/file>>. Acesso em: 04 mai.2016.

SILVA, F. de C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Sandra Rúbia. “Eu não vivo sem celular”: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-17, julho/dezembro 2007.

SILVA MIGUEL, I. G. **O enfoque por competências no discurso sobre o ensino médio brasileiro: um exercício de problematização**. 111 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005. p. 87-127.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, I. Uma carta, um convite. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 11-41.

TOMAZETTI, E. M. Papel da filosofia na formação de educadores. **5º Congresso SOFELP Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa - Papel Formativo da Filosofia na Formação de Educadores**. UNICAMP, ago. de 2015.

UBERTI, L. **Escola Cidadã: dos perigos da sujeição à verdade**. 2007. 2010 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

URTEAGA, M. La construcción juvenil de la realidad. Jóvenes mexicanos contemporâneos. **Innovación Educativa**, México, v. 12, n. 60, p. 159-163, set./dez. 2012.

VEIGA-NETO, A. Paradigmas? Cuidado com eles! In: COSTA, M. V (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 35-48.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 138 p.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

VIEIRA, L. R. **Como é bom ser vida loka: juventude, escola e o consumo musical do funk**. 2012. 32 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012

VILELA, L.F. **O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

YÚDICE, G. A funkificação do Rio. In: **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 157-186.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

O presente questionário possui como objetivo conhecer as preferências musicais dos jovens e das jovens estudantes de Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica escolhida para a realização da pesquisa, bem como, verificar se existe aproximação de suas relações com o ritmo *Funk*.

1. Nome?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual a região/bairro que você mora?
4. Quando você não está na escola, o que você faz?
5. Costuma frequentar festas juvenis e ou matinês?
6. Quais e onde?
7. Que tipos de músicas tocam nestas festas?
8. Você costuma ouvir música em seu dia a dia?
9. Onde? (rádio, CDs, celulares/*smarthphones*, festas, comunidade, carros...)
10. Quais são os ritmos musicais que você mais curte?
11. Você gosta e/ou costuma ouvir *funk*?
12. Quais os tipos? (Melody, Pancadão, Ostentação, Proibidão...)
13. Quais são os seus ou as suas MCs preferidos (as)?
14. Quais são as principais músicas de *funk* que você costuma ouvir?
15. Você costuma acessar os clipes de *funk* pela internet?
16. Quais são os clipes que você mais tem acessado?

OBS: Caso queira, em um futuro próximo, participar de um segundo momento desta pesquisa, por favor, deixe aqui o seu contato (telefone e/ou *facebook*):

APÊNDICE B – DIÁRIOS DE CAMPO

Diário de Campo do dia: 10/11/2015

Horário: 7h30min

Local: Escola Estadual de Educação Básica.

Às 7h30min chego na escola e observo pouca movimentação, tanto dos professores, quanto dos alunos e alunas da escola. É um dia de chuva, aliás muita chuva após o calorão de verão de Santa Maria, no dia anterior. Ao conversar com a professora de Educação Física da escola, descubro que a presença de poucos alunos é, sempre decorrente do fator climático, isto é, dia de chuva na escola é sinônimo de escola vazia ou ao menos com pouquíssimos alunos.

Mesmo assim, sou conduzida pela professora de Educação Física à sala onde se desenvolveria sua aula. Primeiramente, ela me apresentou para os/as alunos/as de uma das turmas do primeiro ano como colega de profissão e estudante de mestrado da UFSM, dizendo-lhes que eu estava ali para, ao final da aula, aplicar um questionário sobre a preferência musical dos/as jovens estudantes de Ensino Médio, pois pretendia desenvolver uma pesquisa relacionada à Juventude da escola, envolvida com o *Funk* Ostentação.

Proferi algumas palavras que demonstraram minha satisfação e agradecimento por ter sido muito bem recebida e poder ocupar aquele espaço e a professora iniciou a sua aula. Era a semana que antecedia a semana de provas das áreas do currículo e, portanto, haveria revisão do conteúdo programático referente à disciplina de Educação Física. Com quinze minutos restantes dei início à aplicação do questionário e assim aconteceu nas seis turmas (três de primeiro ano, duas de segundo ano e uma de terceiro ano).

Às 9h45min toca o sinal avisando que se dava início o momento do recreio. Alguns alunos/as permanecem nas salas e outros se reúnem no pátio coberto através de risadas, conversas e gesticulações. A tecnologia parece um elo aglutinador e, ao mesmo tempo, de dispersão de relações sociais. Um paradoxo que se fundamenta, sobretudo, na observação de jovens que ao mesmo tempo em que se isolam através dos fones de ouvido, se aproximam de seus pares em função da mesma decorrência, pois compartilham a tela com os demais.

Passado o recreio e, também, após passar em todas as turmas, é hora de conhecer a escola. A instituição é muito bonita e ampla. Sua arquitetura é rodeada de jardins que embelezam o ambiente entre os blocos que compõem os espaços escolares, criando uma certa semelhança com a Universidade Federal de Santa Maria. É como se o visual representasse o que se poderia chamar de “míni-UFSM”. A mesma possui vários espaços, tais como quadra aberta, campo, ginásio coberto, hall de convivência ou pátio coberto, salão de atos, biblioteca,

refeitório, sala de informática. Além disso, também possui a já mencionada grande área verde que permeia a estrutura do prédio, o que em tempos atuais, se constitui em um privilégio, tendo em vista que grande parte das escolas se parecem mais com prisões do que com espaços abertos que privilegiam a liberdade de escolha acerca de qual espaço ocupar.

Após conversar com alguns/as alunos, a campainha avisando que o recreio chegou ao fim soa e todos/as retornam às aulas de aula. Eu continuo realizando as minhas anotações e vou embora às 12h muito feliz em conhecer a escola onde irei realizar a pesquisa.

Diário de Campo do dia: 17/11/2015

Horário:

Local: Escola Estadual de Educação Básica.

Neste dia ocorreu uma tempestade, por isso não foi realizada a entrada em campo. Como já havia sido informado pela professora que me recebeu, chuva é sinônimo de escola vazia, pois os alunos/as não se deslocam de suas casas para frequentar as aulas.

Diário de Campo do dia: 24/11/2015

Horário: 7h30min

Local: Escola Estadual de Educação Básica.

Chego na escola para acompanhar o primeiro período de Educação Física, disciplina que me concede o espaço e o tempo que necessito para a aplicação dos questionários na escola escolhida para desenvolver a pesquisa. Entro na sala de aula do 1º ano, turma 101, juntamente com a professora da referida disciplina e, após algumas instruções acerca de aspectos que envolvem o esporte “basquete” e, bem como, a revisão sobre alguns elementos importantes sobre as questões de Educação Física que irão compor a prova da área de Linguagens, que realizar-se-á na manhã seguinte, nos dirigimos para a quadra de basquete com o objetivo de revisar alguns aspectos práticos do esporte.

Neste sentido, me detenho a observar, no dia de hoje, aspectos estéticos que compõem as identidades visuais dos/as estudantes. Apesar de alguns/as estarem vestidos adequadamente para as aulas de Educação Física, isto é, com calças de abrigo (meninos) e as populares *leggings* (meninas), grande parte dos/as jovens observados encontram-se vestidos com calças *jeans*, moletons e bonés aba reta, produtos indumentários que já fazem parte da estética das Culturas Juvenis da contemporaneidade. Uma observação que julguei importante foi o fato dos jovens e das jovens se dividirem, isto é, se auto-organizarem a partir do sistema sexo/ gênero onde meninos se reúnem em um lado da quadra e meninas no outro.

Ademais, outro aspecto observável é a utilização da tecnologia para o registro das *performances* esportivas na quadra, ou seja, através de seus *smartphones*, as meninas obtêm registros audiovisuais. A utilização dos fones de ouvido também é recorrente. Notei, também, a presença do *skate*, utilizado como veículo de locomoção entre o pátio e a sala de aula. Este constitui um aspecto importante a ser considerado, pois representa uma das Culturas Juvenis que adentra os muros escolares, deslizando sobre suas vias de acesso.

Por volta das 9h30min, horário destinado ao recreio, apesar de alguns jovens permanecerem em sala de aula, os jovens começam a se dispersar pelo *hall* e pelos espaços verdes em seu entorno. Agrupam-se por afinidades. Vejo meninos alinhando corporeidades a partir de sapateados, prática corporal protagonizada basicamente pelo movimentos dos pés. Em outro grupo ouço a batida do *funk*, elaborada a partir de palmas de um dos jovens. Após esse episódio ouço novamente a batida nas palmas das mãos de outro jovem que cruza meu caminho.

Ao conversar com uma aluna do 1º ano, fui informada que há quatro meses atrás a rádio da escola funcionava no recreio, no *hall* de convivência, e nos eventos, sendo administrada por alunos/as específicos que ficavam responsáveis sob a supervisão de um/a docente. A estudante também relatou que tocavam vários tipos de música, inclusive *Funk*. Porém, tiveram que parar de tocar este ritmo por conta de reclamações de alguns/as professores/as e da própria direção. Segundo ela, os *Funks* nem eram os mais pesados, mas mesmo assim foram proibidos de serem veiculados.

Nesse sentido, a predominância musical passou a ser a *pop* internacional eletrônica, sem letras, apenas batidas. Tal episódio me faz pensar acerca do dualismo rítmico/musical e dançante já estabelecido entre o *Funk versus* música eletrônica e, conseqüentemente, acerca do baile *Funk* e das *raves*. Essa dicotomia sugere certa representação do que legitima a relação margem x o centro, considerando que a cultura oriunda da periferia, ou seja, o *Funk* encontra-se ainda marginalizada ou silenciada na escola. Todavia, a cultura oriunda de contexto estrangeiro e usufruída por jovens de elite ocupa lócus central na dinâmica hierárquica de uma rádio escolar.

Essa situação representa, antes de mais nada, a reprodução micro de uma realidade macrossocial, onde se criminaliza a cultura de periferia que, entre outros fatores permeia o tráfico de drogas, o que contribui para a desqualificação do ritmo. Em contrapartida, se estimula uma cultura eurocêntrica que, por sua vez, também é atravessada pelo tráfico de drogas e estas, constituem-se, até mesmo, como mais pesadas que as que circulam pelos bailes *Funk*.

Diário de Campo do dia: 08/03/2016

Horário: 7h30min

Local: Escola Estadual de Educação Básica.

Comemoração do aniversário da escola

Volto à escola, junto com o novo ano letivo, pois minhas duas visitas ao campo haviam sido em dezembro de 2015, no finzinho do ano letivo. Novamente, recebida por minha colega de profissão, professora de Educação Física que, atualmente, também é vice-diretora da escola. Ela me informa que o dia de hoje será um dia atípico, uma vez que haverá a programação de aniversário da escola com algumas atividades especiais a serem realizadas.

São 7h20min da manhã e os/as estudantes vão chegando aos poucos à escola sob o cenário de um dia lindo e ensolarado, porém, não muito quente. Temos uma temperatura agradável. Como já mencionei, anteriormente, hoje é um dia diferente na escola, pois será comemorado o seu aniversário, portanto, a dinâmica dos tempos e espaços escolares será hoje, um pouco diferente. Um DJ convidado, de fora da escola começa a preparar a mesa de som no pátio aberto para trazer um pouco de alegria e música para animar o aniversário da escola.

Ao som de música eletrônica, os jovens e as jovens vão entrando para as salas de aula. Hoje houve a falta justificada de alguns professores/as, portanto, algumas turmas ficaram sem atividades dentro da sala e, nesse sentido ficaram conversando entre os grupos que possuem maior afinidade. Fui convidada a visitar o salão da escola onde foi preparada e organizada uma exposição para os/as alunos/as para relembrar e demonstrar a trajetória da Escola de Educação Básica José Irmão Otão, ao longo de seus 37 anos.

A partir de alguns aspectos destaques, isto é, de projetos desenvolvidos que envolviam a exposição de uniformes e troféus esportivos conquistados por alunos/as da escola, lembranças da banda marcial escolar, projeto de percussão e etc. Após a visita à exposição preparada, fui apresentada à coordenadora pedagógica da escola, que me recebeu em sua sala e me concedeu a entrevista necessária para compor a materialidade de meu projeto de dissertação. Após, a realização da entrevista com a coordenadora pedagógica, realizei a primeira entrevista com o corpo discente da escola. A aluna do primeiro ano 101, me concedeu a entrevista, na sala destinada ao estudo dos professores.

Após a realização das entrevistas, já era a hora do recreio. E, nesse sentido, ao soar da sirene, os alunos e alunas vão se deslocando lentamente para o pátio coberto da escola, onde será cantado os parabéns para a escola. Ao som de música pop americana (eletrônica) os/as alunos/as vão se acomodando lentamente no espaço indicado. A diretora convida que cheguem

mais perto do bolo preparado e do som, porém, o esforço é em vão, pois o pessoal fica aglomerado, timidamente nas laterais do pátio.

A diretora profere algumas palavras de agradecimento, retoma a trajetória da escola, parabeniza às mulheres da comunidade escolar, pois hoje é dia delas. Com um bolo posicionado em uma mesa central, indicando os 37 anos completados pela escola, foi cantado, coletivamente, os parabéns pelos/as alunos/as, professores/as, funcionários/as e demais pessoas que estavam presentes no local.

Após os parabéns, a música eletrônica pop americana retorna como protagonista musical da manhã. Estava perto do DJ, quando duas alunas se aproximam e o chamam. Faço um esforço para escutá-las e eis que o pedido de música se materializa por meio da pergunta: “Moço, tu pode tocar Baile de Favela?”. O DJ ri e gesticula, não, não e elas retornam ao seu lugar. “Baile de Favela” tem sido a música que mais esboça reação e sinergia dos frequentadores das festas *Funk* que eu participei até agora. Por isso, não fiquei surpresa com o pedido das meninas.

Todavia, ao perguntar para o DJ o porquê que ele negou o pedido das alunas, ele mencionou que não “aguenta” mais tocar *Funk* nas festas onde trabalha, pois tem sido o gênero musical mais pedido pela gurizada, além de justificar que não quer se incomodar com a escola, pois não sabe se tem permissão para tocar tal tipo de música. Após este episódio, me direcionei à sala de estudos dos professores e realizei a terceira entrevista da manhã com outra aluna do primeiro ano. Após realizada a entrevista, agradei, me despedi das professoras e da direção e fui embora da escola, às 11h30min.

Diário de Campo do dia: 09/01/2016

Horário: 22h

Local: Salão Bessauer – Vila Rosa/Restinga Seca

Fui convidada a participar de uma festa, intitulada como baile *funk* pela informante. O “baile” realizar-se-ia em um sábado a partir da meia noite e com finalização prevista para as 4h30min do domingo, no bairro Vila Rosa do município de Restinga Seca, cidade vizinha à Santa Maria. O dono do salão onde ocorrem estes bailes disponibiliza quatro ônibus gratuitos que viajam semanalmente 1h e 30min até a cidade Santa Maria, para buscar, por volta das 22h, os moradores e moradoras que desejam participar da festa. Os mesmos ônibus retornam ao fim da festa, às 4h30min, também de forma gratuita, deixando os/as moradores no mesmo lugar onde embarcaram.

Os pontos onde os ônibus circulam para buscar os moradores abrangem os bairros Centro, Camobi, Vila Lorenzi, Alto da Boa Vista, e Salgado Filho. Grande parte desses bairros situam-se em periferias santa-marienses onde cidadãos com menos acesso a recursos

simbólicos, tais como financeiros, sociais, educacionais e culturais, residem. São nestes territórios onde predomina a ocorrência de crimes de diversos tipos, veiculados, pelas diferentes mídias locais, diariamente. Pode-se dizer, então, que os sujeitos que frequentam essas festas são, sobretudo, jovens oriundos de periferias urbanas.

Quanto ao ônibus fui alertada de que não seria muito bom pegar o ônibus no centro sem nenhuma companhia, bairro perto de onde resido, pois eu seria uma desconhecida em meio aos grupos que já se conhecem e que costumam “frequentar” o ônibus coletivamente para participar da festa. Fui, então, até o “Beco do beijo”, território localizado na zona leste da cidade, encontrar a companhia que me levaria à festa. O beco do beijo está situado em Camobi, conhecido como “bairro universitário”, pois a Universidade Federal de Santa Maria está situada neste bairro, a dez quilômetros do centro da cidade.

O beco do beijo é conhecido por ser um dos territórios onde ocorre o tráfico de drogas de modo muito intenso e possui esse nome por causa do beijo roubado de uma vereadora por um morador que se encontrava embriagado, há cerca de quinze anos atrás, em um dia que se reunia com a comunidade. No caminho do centro até lá, o taxista me alertou dos perigos do bairro e, sobretudo, da festa aonde eu iria. Chegando lá, minha companhia disse que me apresentaria como prima dela aos outros moradores do beco do beijo que iriam à festa, justificando que essa era a melhor coisa a se fazer para não gerar desconfiança ou estranhamente e, conseqüentemente, gerar segurança para a minha pessoa. Nosso “bonde”, isto é, o grupo de pessoas de um território específico que se movimenta e interage junto até a chegada ao baile, iniciou a caminhada até uma das faixas principais do bairro de Camobi para esperarmos o ônibus que ali passaria.

O pessoal estava eufórico, falavam alto, por vezes gritavam e gesticulavam no caminho, felizes por estar indo buscar o seu lazer no baile. Levavam, também, uma sacola com energético e vodka, bebidas populares consumidas em festas noturnas. Durante a caminhada fui observando as características do território que muito se assemelham com as moradias de favelas e comunidades veiculadas pela mídia televisiva, aonde pequenas casinhas simples lado a lado vão compondo a paisagem do lugar. Porém, a geografia do local se organiza de modo horizontal e não vertical como nos morros cariocas, por exemplo. Nesse sentido a organização das casas no beco do beijo muito me lembrou o modo como as residências em alguns pontos do bairro de Bangu, no Rio de Janeiro são organizadas.

Durante a caminhada de 15 min, pude apreender a presença do *funk*, enquanto estilo musical, garantindo a sonorização em algumas casas do beco como agente socializador, pois as pessoas interagiam por meio da conversa e da dança em seus pátios e/ou garagens, isto é,

espaços abertos para apreciação de qualquer um que passasse por ali. Ao chegar ao ponto de ônibus, já se encontravam outros/as frequentadores da festa que ali também o aguardavam. Meninos vestidos com “camisetões” e bonés aba reta e tênis e meninas de shorts curtinhos, blusinhas, sandálias rasteiras e, também, de salto alto contribuíam para a circulação do copo com a bebida entre demais amigos/os.

Quando o ônibus chegou, entramos sem mostrar documento, sentamos e logo um jovem ligou o celular e colocou um funk para tocar pelo celular para ir animando a viagem. Todos/as se acomodaram, sendo que apenas cinco pessoas ficaram em pé. Segundo minha informante, naquela noite havia menos pessoas indo curtir o baile. A bebida que circulava pelo ônibus era vodka com energético, trazida de casa pelos jovens que ali estavam. Uma presença dentro do ônibus que me chamou a atenção foi a de um menino que aparentava ter no máximo doze anos de idade e que estava junto com outros jovens um pouco mais velhos. Em meio ao repasse da bebida durante o trajeto, ao consumo de maconha, conhecida com “*beck*”, e ao som do *funk*, propiciado pelos dispositivos móveis dos jovens que ali estavam, o decurso transcorreu de forma tranquila, sem muitas extravagâncias.

Pude detectar algumas gírias utilizadas durante a conversa, tais como a utilização da palavra “carango” para designar algum veículo de quatro rodas, “caguêta” como denotação de pessoa fofoqueira, “caô e X9” como adjetivos que qualificam uma pessoa como não confiável, “ladaia” como sinônimo de confusão e “bugado” significando algo que está estragado. Ao chegar na Vila Rosa, por volta da meia noite, antes de descermos do ônibus todos os homens foram revisados, logo em seguida, as mulheres também, visando a garantia de que ninguém portasse alguma tipo de objeto que pudesse oferecer perigo em alguma situação de contingência.

Em seguida, conseguimos algumas cortesias para entrar, pois as meninas já são frequentadoras da festa. Os ingressos possuem valor de R\$ 5,00 para mulheres e R\$ 15,00 para homens. O salão possui dois ambientes, o primeiro, muito espaçoso, constitui o ambiente central com palco, banda ao vivo e pista reservada aos casais que quiserem dançar, já o outro, menor, é conhecido como a boate, que é onde toca o *funk*, porém, a boate abre meia hora depois de começar o show no palco do salão central. Entramos no salão maior e uma banda de sertanejo e música gaúcha começava a sua apresentação.

Quase ninguém dançava, apenas os mais velhos. Praticamente todos os jovens que ali estavam, faziam uso de bonés aba reta, bermudas, calças largas, camisetas, cordões e crucifixos. Já as jovens usavam shortinhos, blusinhas coladas ao corpo e sandálias rasteiras. Todos e todas parados esperando abrir a boate anexo ao salão, onde iria rolar o funk. Transcorrido trinta

minutos de banda, a boate ao lado é aberta e todos os jovens migram para lá. Ao som de um DJ, também jovem, o funk começa a ser compartilhado. Os funks mais tocados eram os do momento: Mc Livinho, Biel, Ludmilla, João, Delano, Tati Zaqui, Pedrinho e etc.

Observei muitos meninos dançando coreografias em grupos e fazendo o passinho do funk. Muita desenvoltura foi observada. Já as meninas dançavam de forma a acompanhar o ritmo das músicas, sem muitas coreografias. Não houve briga em nenhum momento da festa, todos ali se respeitavam. Inclusive quanto aos meninos, não observei nenhuma investida mais intensa ou forçada pela parte deles, isto é, o flerte se efetivava somente se a menina permitisse. Havia também dois casais de meninas na boate. A cada seis músicas de funk, dois pagodes eram postos para tocar na festa.

Uma coisa que me chamou a atenção foi que se em todas as músicas o pessoal curti e dançava, no momento em que tocava o *hit* “Baile de Favela” a gurizada “ia a loucura”, ou seja, cantavam e dançavam sinergicamente. Pelo que consegui conversar e pela aparência física estavam ali crianças de 12 até jovens de 26 anos de idade mais ou menos. Bebidas alcoólicas eram consumidas até mesmo pelas crianças em grande quantidade, inclusive. Por volta das quatro horas da manhã nos direcionamos para o lado de fora e começamos a formar fila em frente aos ônibus para garantir nossa volta até Santa Maria. Aí começaram os problemas...

Alguns jovens alcoolizados ameaçaram começar uma briga, outros os contiveram e entramos no ônibus. Após 15 minutos na estrada as meninas começaram a gritar, avisando sobre a briga no fundo do ônibus. Só ouvi estilhaços de vidros se quebrando e quando olhei para trás todos os vidros das janelas do fundo haviam se partido. Todos tentavam se proteger dentro do ônibus quando o motorista parou. Todos desceram desesperados e o rapaz que iniciou a briga fugiu pela estrada. No outro dia fiquei sabendo que o mesmo havia sido internado no hospital universitário por conta de uma facada tomada em sua barriga. Após a fuga do jovem em questão, todos retornaram ao ônibus e, tranquilamente, o trajeto foi cumprido.

Descemos no bairro Camobi e fomos a pé até o beco do beijo, ao adentrarmos no beco um jovem profere: “Enfim, de volta à quebrada”. A máxima se refere à chegada em seu território. Logo após, mais uma surpresa desagradável, segundo os moradores, estava faltando uma casa por ali, pois havia indícios de que esta teria sido incendiada naquela madrugada, pois quando saímos para a festa a casa ainda estava em pé. No outro dia fiquei sabendo que a casa foi incendiada por motivos passionais. Não havia ninguém dentro da casa na hora do incêndio. Resumo da noite: Houve festa, curtição, ladaia, ônibus bugado e casa incendiada. Ao chegar na casa da minha informante, chamei o táxi e retornei à minha quebrada.

APÊNDICE C- ROTEIROS SEMIESTRUTURADOS PARA AS ENTREVISTAS

Roteiro para jovens do Ensino Médio da Escola pública onde a pesquisa foi realizada:

Bloco 1- Objetivo: Descrever quem são os jovens e as jovens e suas aproximações com a Cultura Juvenil do *Funk*.

- a) Qual o seu nome, idade e ano que está cursando? Onde mora? Mora com a família? Possui irmãos? Qual idade? Qual o grau de escolaridade de seus responsáveis? Você trabalha? Com o quê? O que gosta de fazer quando não está na escola? Com quem você anda? Quem é o seu grupo de amigos? Do seu bairro, da sua família, da sua escola?
- b) Quais são os ambientes onde você tem acesso ao *funk*? É em espaços virtuais? Sociais? Na rádio? Na televisão? Na rua? Em festas? Onde essas ocorrem? Você costuma frequentá-las?
- c) Como é a sua relação com o *funk*? Ela se dá por meio dos discursos das letras das músicas? Do ritmo? Da dança? Das vestimentas? Outros? O que te atrai no *funk*?
- d) Como que você percebe o *funk* no seu círculo de convívio? No bairro e na escola? É aceito? Tem preconceito de algum tipo? A sua família compartilha do *funk*, aceita que você curta?

Bloco 2- Objetivo: Indicar em quais espaços, tempos e de que forma circula em âmbito escolar.

- a) Bom, já que você é um/a jovem que se relaciona com o *funk* e também jovem estudante de Ensino Médio do Otão, eu gostaria de saber se existe espaço para o *funk* circular dentro da escola? Onde? De que modo ele é compartilhado? Na sala de aula? No pátio? No recreio? Entre alunos?
- b) Você acha que existe preconceito por parte de outros alunos e/ou de professores quanto ao *funk*? Por um acaso, algum professor já utilizou algum aspecto do *funk* como tema em alguma aula para relacionar com o conteúdo de alguma disciplina, por exemplo?
- c) Eu vi no questionário que você respondeu em dezembro, que apontou alguns *MCs* e clipes que ouvia e assistia. Por isso eu gostaria que você me falasse um pouquinho sobre o que a letra e/ou o clipe te diz e porque gosta dessa música?

Roteiro semiestruturado para professores/as e coordenação pedagógica:

Bloco 1- Objetivo: Descrever quem são os/as professores/as de cada área e da coordenação pedagógica entrevistados/as.

- a) Nome, idade? Onde leciona ou lecionou? Por quantos anos leciona? Qual disciplina ministra? Gosta de trabalhar com jovens? Por quê?

Bloco 2- Objetivo: Indicar em quais espaços e tempos e de que forma circula em âmbito escolar.

- a) Como você sabe, os jovens estão imersos em diferentes culturas. Dentre elas, o *funk* é muito presente. Você enxerga o *funk* circulando em espaços da escola? Em quais momentos? Como se dá essa circulação?

Bloco 3- Objetivo: Aprender como ocorre a circulação dessa cultura juvenil e se produz efeitos nas práticas escolares.

- a) Você considera que a Cultura Juvenil do *Funk* atrapalha as práticas escolares? Por quê? Você acha que ela deve e/ou não deve estar presente aqui? Por quê?
- b) Como você analisa essa repercussão do *funk* nos espaços escolares? Você poderia traçar o perfil de jovens aqui da escola que manifestam alguma vinculação com o *funk*, que gostam de *funk*?
- c) Você já utilizou ou alguma vez ou já pensou em se apropriar de algum aspecto que envolve o *funk* para relacioná-lo a algum conteúdo de sua disciplina e tematizar alguma aula sua?

APÊNDICE D- TERMO DE RESPONSABILIDADE

Título do estudo: _____

Pesquisadora responsável: Elisete Medianeira Tomazetti.

Instituição/Departamento: UFSM/CE

Pesquisador (es) participante: Fernanda Santana de Avila.

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (55) 81662479

Prezado/a jovem, professor/a ou responsável:

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido/a sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado/a de forma alguma.

Objetivo do estudo: Analisar como a Cultura Juvenil do *Funk*, produzida/consumida em espaços não escolares, tem circulado em uma escola pública de Santa Maria/RS.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as questões que forem solicitadas.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado.

Riscos: Ao responder algumas questões não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados/as em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, autorizando o uso desse material para uma eventual publicação do trabalho, assinando este termo em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria _____, de _____, de 2016.

Assinatura da Pesquisadora responsável

APÊNDICE E – ORGANIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS



